

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARIANA FLORACIR DE MOURA

MARGINALIDADE CONSTRUÍDA:
A formação e estigmatização do Bairro Parque de Exposição na cidade de Picos de
1980 a 2010.

PICOS - PIAUÍ.

2016

MARIANA FLORACIR DE MOURA

MARGINALIDADE CONSTRUÍDA:

**A formação e estigmatização do Bairro Parque de Exposição na cidade de Picos de
1980 a 2010.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

PICOS - PIAUÍ.

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

M929m Moura, Mariana Floracir de

A formação e a estigmatização do bairro Parque de Exposição na cidade de Picos de 1980 a 2010 / Mariana Floracir de Moura. – 2016.

CD-ROM : il.; 4 ¼ pol. (100f.)

Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

Orientador: Prof. Me. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

1. Parque de Exposição-Bairro-Picos. 2. Bairro-Estigmatização. 3. História. I. Título.

CDD 981.22

MARIANA FLORACIR DE MOURA

MARGINALIDADE CONSTRUÍDA:

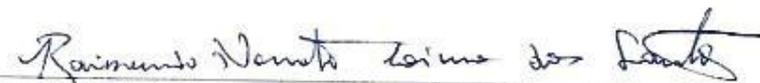
**A formação e estigmatização do Bairro Parque de Exposição na cidade de Picos de
1980 a 2010.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Como requisito parcial para obtenção do de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

Aprovado em 02/03/2016

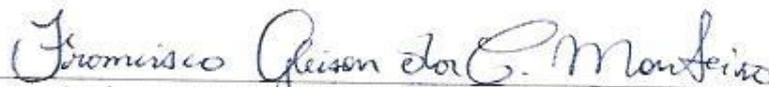
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos – Orientador
Universidade Federal do Piauí - UFPI



Prof. Ms. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Examinador



Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Examinador

PICOS - PIAUÍ.

2016

Ao meu pai José Antônio de Moura (in
memorian) que me inspirou a lutar contra
qualquer preconceito que me deparasse.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pois sem ele jamais teria conseguido essa conquista ou qualquer outra. Ele foi e é a minha fortaleza, o ser que me dá força para sempre seguir adiante, mostrando que não importa quantos tropeços ou noites traiçoeiras venham nos atingir, se tivermos coragem e fé para continuar caminhando a nossa vida será abençoada e ele sempre estará do nosso lado.

Não poderia também deixar de agradecer aos seres que colocados por Deus no meu caminho contribuíram direta e indiretamente para conclusão desse trabalho e para essa jornada da minha vida. Meus sinceros agradecimentos a esses anjos terrestres.

A minha mãe (Floracir) pelo apoio, dedicação e infinito amor direcionado a mim todos os dias. Pela paciência e pela fé que dedicou a mim a cada momento em que eu parecia estremecer diante das dificuldades, por acreditar quando nem eu acreditei. Obrigada mãe por ser minha melhor amiga e a mais paciente ouvinte, por ouvir esse trabalho dezenas de vezes até a sua conclusão. Eu te amo!

A meu querido irmão (Mozart) pelas conversas descontraídas que me permitiram tirar a angústia quando alguns trabalhos pareciam impossíveis de serem realizados, pelos momentos compartilhados assistindo filmes e me devolvendo a leveza que necessitava para seguir em frente.

Ao meu grande amigo e orientador professor Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos pela orientação neste trabalho, mas especialmente pelos conselhos na vida. Muito além de um apoio, o professor Raimundo foi um guia na minha vida acadêmica desde seu início. Obrigada pelos desafios a mim colocados desde o segundo período do curso. Escrever uma paródia, um texto dramático e representá-lo pareciam para mim tarefas impossíveis até conhecê-lo. E quando parecia que não mais seria possível, ele surge com um desafio ainda maior, escrever um artigo e publicá-lo em um livro ainda na graduação. Eu não acreditava que seria possível. Ele acreditou. E aconteceu. Obrigada por acreditar em mim, em alguns momentos mais do que eu própria acreditava. Por confiar que eu seria capaz e por me ajudar a me tornar capaz. O presente trabalho não é somente o resultado de uma pesquisa acadêmica, mas também o resultado de um trabalho em conjunto e de uma amizade respeitosa e verdadeira entre aluno e professor, entre orientador e orientando, entre mestre e aprendiz. Infinitamente obrigada professor Raimundo!

Ao professor Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro que ministrou a disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa em História e me orientou na construção do projeto, que resultaria no presente trabalho. Os primeiros passos dessa longa caminhada foram dados sob seu olhar paciente e sua postura cordial. Ao mesmo tempo em que esteve sempre presente durante a construção do projeto, me deu a liberdade necessária para que eu caminhasse junto com meu orientador na direção que queríamos seguir para a pesquisa. Obrigada professor Gleison por me orientar e instruir de modo claro e pelos ensinamentos ao longo do curso.

A minha querida amiga de infância e inspiração do presente trabalho, Fernanda Dias. A mesma mora no bairro Parque de Exposição, o objeto de pesquisa desse estudo. Sem seu apoio e ajuda a conclusão do presente trabalho teria sido impossível. Obrigada pelas caminhadas no bairro, pelas informações compartilhadas, por ser a minha guia ao longo da pesquisa. Mas, principalmente obrigada pelas conversas inteligentes ao longo de nossa curta existência e pela amizade sincera.

A meus queridos amigos que se tornaram irmãos, aos quais chamo amorosamente de “acelolas”. Nossa irmandade formada por Renata de Oliveira, Tássio Ernandes e Keliana Carvalho também poderia ser simplesmente chamada de amor, pois não vejo outro sentimento que descreva também o que sentimos uns pelos outros. Um amor tão gratuito e singelo, uma amizade tão verdadeira e forte que jamais imaginei encontrar e merecer. Obrigada meus “acelolas” sem vocês não teria aprendido tudo que aprendi ao longo desse curso e nem vivido tudo que vivi com esse nosso encontro. Obrigada pelos debates teóricos e pelas discussões sobre historiografia, pelas conversas inteligentes e que me ajudaram ao longo da vida acadêmica, mas principalmente obrigada pelas conversas fiadas, pelos sorrisos soltos, pelos segredos divididos e pelas viagens compartilhadas. Amo vocês!

A minha querida amiga Renata de Oliveira, que embora faça parte dos “acelolas”, não poderia deixar de agradecer separadamente, pois o nosso encontro foi diferente de tudo e acho que nem mesmo o termo amizade é capaz de abarcar com fidelidade o sentimento que nos une. Você também faz parte desse trabalho, não só porque me incentivou em todos os momentos durante sua construção, mas porque você foi e é fonte de inspiração e orgulho para mim. Obrigada pelas conversas que nunca tinham fim, por acreditar em mim e por me apoiar em cada decisão, quando outros apenas julgaram. Obrigada por me entender como nem eu me entendo, por ser minha irmã de coração e meu anjo da guarda aqui na terra. Nossa amizade vai muito além do Campus e ainda vamos comemorar juntas outras vitórias!

Aos meus queridos amigos da vida acadêmica e que foram meu grupo em quase todos os trabalhos ao longo do curso. Quantos saberes compartilhamos, quantas angústias dividimos, quantas reclamações fizemos e no final tudo ficava bem, porque vocês eram e são maravilhosos. Não poderia deixar de agradecer a cada um de vocês. Obrigada Maria dos Remédios pela sua bolsa sempre ter tudo para resolver meus problemas, de comprimidos a serrinhas de unha, obrigada por estar sempre do meu lado e pelo sorriso confortador de que tudo daria certo no final e deu mesmo! Obrigada Karine pela força em todos os momentos, pela credibilidade depositada em mim e pelos conselhos amorosos tão valiosos e necessários. Obrigada Israel pelo nervosismo compartilhado na hora dos seminários que acabavam me acalmando. Sua inteligência e seu jeito simples confirmam que intelectualidade não precisa ser inflada de ego.

Obrigada também as minhas queridas amigas Marinêz, Marina, Jéssica e Priscila pelo apoio e pela força ao longo do curso. Obrigada pela amizade, pelas trocas de conhecimento e por tanto aprendizado compartilhado. Todos vocês são a melhor parte de um dos momentos mais especiais de minha vida.

Obrigada a minha grande e melhor amiga Kahena Lopes que sempre acreditou em mim e me apoiou em todos os momentos, especialmente nos mais difíceis. Nossa amizade, nossas conversas e segredos contribuíram para o entusiasmo que necessitava para concluir esse trabalho e tantos outros projetos de minha vida.

A meu namorado Josimar que me incentivou neste momento final da pesquisa, mas que especialmente me incentiva diariamente para conquistas futuras. Seu apoio, carinho e admiração despertam em mim o desejo de ser cada dia um ser humano melhor e uma profissional mais capacitada. Amo você!

Gostaria ainda de agradecer a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que executa o Programa de Bolsa de Iniciação a Docência-PIBID, o qual faço parte desde 2012, e que me permitiu uma experiência com a docência antes mesmo dos estágios, o que corroborou para minha escolha pela docência e contribuiu ainda para minha permanência no curso e para ampliação dos conhecimentos adquiridos ao longo de minha jornada acadêmica.

Meu muito obrigada a todos!

Encontrei hoje em ruas, separadamente, dois amigos meus que se haviam zangado um com o outro. Cada um me contou a narrativa de por que se haviam zangado. Cada um me disse a verdade. Cada um me contou a suas razões. Ambos tinham razão. Ambos tinham toda a razão. Não era um que via uma coisa e outro outra, ou que um via um lado das coisas e outro um lado diferente. Não: cada um via as coisas exatamente como se haviam passado, cada um as via com um critério idêntico ao do outro, mas cada um via uma coisa diferente, e cada um, portanto, tinha razão. Fiquei confuso desta dupla existência da verdade.

Fernando Pessoa

RESUMO

O trabalho analisa o processo de formação e estigmatização do Bairro Parque de Exposição na cidade de Picos-Piauí, nas décadas de 1980, 1990 e 2000. Contextualiza historicamente a produção dos estigmas de pobreza e violência que marcam o bairro desde sua formação. A pesquisa se fundamentou em variadas fontes, tais como depoimentos, imagens, jornais e documentos oficiais (boletins de ocorrência, inquéritos policiais, plantas de doação de terrenos e títulos de aforamento). O embasamento teórico contou com as concepções sobre preconceito contra origem geográfica de lugar, de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007), a percepção de cidade de Raquel Rolnik (1995) e ainda a compreensão sobre bairro de Michel de Certeau (2008). Discutimos o conceito de estigma com Erving Goffman (1988), o entendimento da relação entre pobreza e criminalidade com Sidney Chalhoub (2006), os meandros da memória com Michel Pollack (1989) e a importância do uso da História Oral com Alessandro Portelli (2010). A pesquisa confirmou o estigma de pobreza atribuído ao bairro – relacionado à sua formação e as dificuldades na infraestrutura urbana que persistem ao longo do tempo – contudo, negou o estigma de violência também a ele conferido, apontando a relação que se fez no Brasil entre pobreza e criminalidade. O estudo também apontou o Bairro Parque de Exposição como um local que apresenta espaços importantes para seus moradores e para a cidade de Picos como um todo.

Palavras-chave: Picos. Bairro Parque de Exposição. Estigmatização. História e Memória.

ABSTRACT

The work analyzes the formation process and stigmatization of the Neighborhood Park of Exhibition in the city of Picos-Piauí, in the decades of 1980, 1990 and 2000. Contextualizes historically the production of the poverty stigmata and violence that mark the neighborhood from his/her formation. The research was based in varied sources, such as depositions, images, newspapers and official documents (occurrence bulletins, inquiries police, plants of donation of lands and lease titles). The theoretical basement told with the conceptions about prejudice against geographical origin of place, of Durval Muniz of Albuquerque Júnior (2007), the perception of city of Raquel Rolnik (1995) and still the understanding on neighborhood of Michel of Certeau (2008). We Discussed the stigma concept with Erving Goffman (1988), the understanding of the relationship between poverty and criminality with Sidney Chalhoub (2006), the intrigues of the memory with Michel Pollack (1989) and the importance of the use of the Oral History with Alessandro Portelli (2010). The research confirmed the poverty stigma attributed to the neighborhood - related to his/her formation and the difficulties in the urban infrastructure that you/they persist to the therefore of the time - however, he/she denied the violence stigma also to him checked, the relationship that was done in Brasil between poverty and criminality appearing. The study also pointed the Neighborhood Park of Exhibition as a place that presents important spaces for their residents and for the city of Picos as a whole.

Word-key: Picos. Neighborhood Park of Exhibition. Stigmatization. History and Memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Vista do Morro do bairro Parque de Exposição, 2015.....	31
Figura 2: Planta do Primeiro Loteamento de Terras do bairro Parque de Exposição (s/d).....	32
Figura 3: Título de aforamento N° 3.205, 1989.	33
Figura 4: Planta do Segundo Loteamento de Terras do bairro Parque de Exposição 1988.....	34
Figura 5: Urbanismo/ Esgotos a céu aberto formam crateras que tornam ruas intrafegáveis. Jornal de Picos, 09 de junho de 2000.....	41
Figura 6: Rua Francisco Matias dos Santos no bairro Parque de Exposição, 2015.....	42
Figura 7: Rua Projetada no bairro Parque de Exposição, 2015.....	43
Figura 08: Lama invade residências na Rua Francisco Matias dos Santos no bairro Parque de Exposição, 2015.	43
Figura 09: Prefeitura Itinerante: Ruas do Parque de Exposição recebem melhorias, 2015.	47
Figura 10: Rua das Casinhas no bairro Parque de Exposição, 2015.....	49
Figura 11: Mapa do bairro Parque de Exposição, 2015.....	58
Figura 12: Pobreza/Moradias são precárias. Jornal de Picos, 09 de junho de 2000.	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Números de crimes ou tentativas de crimes.....	79
Tabela 2: Tipos de crimes ocorridos no bairro Parque de Exposição e Junco.....	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 “Fronteiras Hostis”: O inimigo é o “outro”	26
1.1 “Os começos do Estigma”: Formação e Construção do Bairro Parque de Exposição na cidade piauiense de Picos na década de 1980.....	30
1.2 “As casinhas e os cortiços”: A relação entre pobreza e criminalidade no Brasil.....	48
1.3 “A questão das fronteiras”: Onde começa e onde termina o Bairro Parque de Exposição.....	57
2 “Marcas de um Estigma”: Pobreza e violência exposta nos jornais e fixada no imaginário picoense na década de 1990 e 2000.....	58
2.1 “Efeitos do estigma”: Preconceito vivido pelos moradores do Bairro Parque de Exposição.	69
2.2 “O olhar sobre si”: Representações do imaginário coletivo dos próprios moradores do Bairro Parque de Exposição.	73
2.3 “A violência documentada”: Análise da criminalidade no Bairro Parque de Exposição nas décadas de 1990 e 2000.....	79
2.4 “O lugar que não se vê”: O Parque de Exposição vivido por seus moradores e pouco conhecido na cidade de Picos.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS E FONTES.....	97

INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa a formação e estigmatização do bairro Parque de Exposição, na cidade piauiense de Picos, nas décadas de 1980, 1990 e 2000 a partir de uma análise sobre a produção e divulgação dos discursos estigmatizantes de pobreza e violência que circundam o referido bairro desde sua formação. A pesquisa se desenvolveu a partir de um enfoque em História, Memória e Cidades. O foco central da pesquisa consistiu em investigar como se construíram os estigmas de pobreza e violência que pairam sobre o bairro Parque de Exposição e que atinge diariamente seus moradores. A investigação também enfatizou como esses estereótipos foram sendo divulgados por meio de jornais na cidade de Picos e ganharam legitimidade no imaginário da população picoense.

A escolha de nosso objeto de estudo se fez mediante a percepção de que segundo José Carlos Reis (2006), a chamada “Nova História” inaugurada pela Escola ou Movimento dos Annales, a qual reinventou o fazer historiográfico e inaugurou novos preceitos para o “metier” do historiador apresentou como bandeira máxima de seus ideais a “História Problema”¹. Assim, os questionamentos deveriam direcionar o caminho do historiador.

Nesse sentido, permitimo-nos guiar na escolha de nosso objeto de pesquisa por um enigma que nos atingia desde a infância. Pois, enquanto pertencentes a essa fase pueril, na década de 1990, pudemos testemunhar por diversos momentos, diálogos de familiares, vizinhos e amigos sobre os perigos de frequentar o bairro Parque de Exposição, local próximo do bairro Junco, na cidade de Picos no Estado do Piauí, este ambiente que vivemos desde os primeiros anos de vida.

No entanto, quando questionamentos sobre o porquê não poderíamos frequentar o bairro Parque de Exposição, respostas simples e sem grandes argumentos surgiam, como: é violento, é perigoso, é sujo. Passados alguns anos, o discurso de bairro pobre permaneceu e outro foi dito em conjunto, quase que como uma dupla inseparável: a violência. O bairro Parque de Exposição é visto por grande parte da população da cidade de Picos enquanto um local pobre e perigoso, servindo de moradia de bandidos e de pessoas miseráveis.

¹ Expressão difundida pela Escola dos Annales. Representava o novo fazer historiográfico, ao colocar a história como construção e a necessidade do historiador não apenas contar os fatos, mas também os interpretar; e mais: formular problemas sobre estes.

Contudo, nesse encontro com Clio² durante a graduação onde somos levados a questionar o presente e o passado, interrogamo-nos sobre os porquês dessas atribuições pejorativas ao bairro Parque de Exposição, pois ainda nos dias de hoje seus habitantes sofrem preconceito simplesmente por viverem nesse local. Partimos então em busca dos começos do bairro e dos motivos e veículos de comunicação que lhe propiciaram esse retrato negativo, objetivando entender como se construiu o processo de estigmatização em torno do mesmo.

Delimitamos nossa pesquisa nas décadas de 1980, 1990 e 2000. O recorte temporal é justificado porque é a partir da década de 1980 que se inicia o processo de doações de terrenos no local que viria a ser o bairro Parque de Exposição. Essas doações foram analisadas na pesquisa por meio de títulos de aforamento e nos ajudaram a perceber os começos dos estereótipos em torno do bairro. Já as décadas de 1990 e 2000 correspondem ao período em que os estigmas de pobreza e violência ganharam força especialmente através de notícias divulgadas nos jornais impressos “Vale do Guaribas”, “Jornal de Picos” e “Folha de Picos”. Esses jornais foram utilizados como fonte na nossa pesquisa. Entretanto, em alguns momentos ocorreram avanços temporais, pois o presente é sempre o guia principal do historiador. Afinal, como afirma o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2006): “Quando o historiador vai ao passado é para entender o nosso próprio tempo. Estudamos e produzimos história para entender o presente e não apenas o passado” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.18).

O recorte espacial da pesquisa corresponde ao bairro Parque de Exposição. No entanto, nenhuma cidade, bairro, calçada ou pedra está isolada por completo das ações, transformações e vivências de outros lugares. Assim, para uma melhor compreensão das mudanças ocorridas no referido bairro foi necessário fazermos o devido contexto histórico local, na cidade de Picos ao qual o bairro pertence.

Dessa forma cabe ressaltar que o bairro Parque de Exposição pertence à cidade de Picos, no estado do Piauí. Picos está localizada no centro-sul do estado do Piauí, a 316 quilômetros da capital Teresina, possui uma população estimada pelo censo de 2014 do IBGE de 76.309 habitantes, distribuídos por sua unidade territorial de 10.337.587 Km², segundo o censo de 2010 do IBGE.

² Filha de Zeus e Mnemósine, a deusa da memória. Clio é a musa da história e da criatividade, aquela que divulga e celebra as realizações. Preside a eloquência, sendo a fiadora das relações políticas entre homens e nações.

A formação da cidade de Picos teria se dado de modo semelhante a diversas povoações do Piauí, a partir da expansão da criação de gado.

No Século XVIII, o português Félix Borges Leal, vindo da Bahia, instalou no local, a Fazenda Curralinho, às margens do rio Guaribas, região considerada excelente, para agricultura e criação de gado. Com o decorrer dos anos chegaram vários parentes de Borges Leal que, juntamente com seus onze filhos, iniciaram o núcleo populacional que deu origem à cidade de Picos, topônimo devido ao aspecto montanhoso da localidade. As boas condições do solo teriam atraído compradores de Pernambuco e Bahia, que ali realizavam bons negócios. Muitos deles acabaram por fixar residência no local, contribuindo para o crescimento do aglomerado urbano.³

Embora existam outras versões sobre a formação da cidade de Picos, todas elas se voltam para o fato do município ter tido como atrativo inicial as terras para a criação do gado e, em seguida, as oportunidades por meio do comércio. Ou seja, Raquel Rolnik (1995), nos possibilita perceber que o imã que Picos exerceu sobre os homens que vinham de outras regiões era a possibilidade de desenvolvimento econômico. Segundo dados de 2010 do IBGE com o desenvolvimento da povoação, essa foi elevada à categoria de Freguesia, sob a invocação de Nossa Senhora dos Remédios, em 1851, e o seu território desmembrado de Oeiras. O progresso continuou, sendo a Freguesia elevada à categoria de Vila, em 1855. Cinco anos depois a 12 de dezembro de 1890, conquistava a categoria de Cidade.

Atualmente Picos é a cidade mais desenvolvida economicamente da região centro-sul do Piauí o que lhe confere a condição de polo comercial efervescente desse Estado, pois é uma das cidades que mais produz mel no Brasil, sendo também conhecida como Capital do Mel. Picos é ainda a terceira maior cidade do Piauí e uma das mais bem desenvolvidas do interior do estado, com uma economia que representa o terceiro maior PIB do Piauí.⁴

No entanto, a cidade como um todo não é nosso objeto de pesquisa, mas apenas o bairro Parque de Exposição e na busca por entender o processo de estigmatização que o mesmo sofreu partimos das concepções sobre essa parte da urbe enquanto espaço urbano e repleto de historicidade. Para tanto utilizamos como embasamento teórico as concepções sobre *cidade* de Raquel Rolnik (1995) e ainda as compreensões sobre *bairro* de Michel de Certeau (2008). Discutimos a construção dos estigmas de violência e pobreza que foram

³ Trecho do documento “Histórico do município” da cidade de Picos, estado do Piauí. Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=220800> Acesso em 25 dez. 2015.

⁴ Picos - Piauí | A Capital do Mel no SSC. Picos, Piauí e o seu dinamismo em plena Caatinga. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1504409>> Acesso em 28 de março. 2013.

atribuídos ao bairro Parque de Exposição a partir do conceito de *estigma* de Erving Goffman (1988), e das percepções da relação entre *pobreza* e *criminalidade* em Sidney Chalhoub (2006). Realizamos ainda um estudo bibliográfico sobre *memória* com Michel Pollack (1989) e estudamos a importância do uso da História Oral com Alessandro Portelli (2010).

A urbanista Raquel Rolnik (1995) nos ajudou a perceber a cidade como um imã que reúne e concentra homens. Esse pensamento nos permitiu compreender a formação do bairro Parque de Exposição que teve como imã a doação de terrenos da Prefeitura municipal de Picos para pessoas consideradas pelo padrão econômico enquanto carentes. Portanto, a própria forma de constituição do bairro nos demonstrou o começo do estigma de pobreza que foi atribuído ao mesmo.

Ainda dialogando com os estudos de Raquel Rolnik (1995), passamos a conceber a cidade como escrita e partilhar do pensamento de que:

[...] Na cidade escrita, habitar ganha uma dimensão completamente nova, uma vez que se fixa em uma memória que, ao contrário da lembrança, não se dissipa com a morte. Não são somente os textos que a cidade produz e contém (documentos, ordens, inventários) que fixam esta memória, a própria arquitetura urbana cumpre também este papel. O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo. É por isto que as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto hábitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê e se decifra um texto. [...] (ROLNIK, 1995, p.17).

Assim, buscamos ler e interpretar o bairro Parque de Exposição também por meio de suas construções e espaços, suas casas, praças e ruas. A escrita urbana se constitui nessa materialidade, construída pelos cidadãos. Dessa forma, visualizamos e analisamos imagens antigas e recentes do bairro para percebermos, por exemplo, as rupturas e continuidades do seu desenvolvimento urbano e assim entender se o mesmo se configurava tão precário como a população e a mídia picoense o descreveram e o descrevem. Pois, como afirma o literato Italo Calvino (1990, p. 14) “A cidade não conta seu passado, ela o contém como as linhas da mão”.

Outra pesquisadora que nos ajudou a vislumbrar o bairro a partir do contexto mais amplo das cidades foi Sandra Jatahy Pesavento (2007). Segundo esta historiadora para além de possibilitar o início das civilizações, as cidades permitiram a construção de símbolos e signos que os homens necessitariam para pensá-las, construí-las e defini-las. Assim, para Pesavento (2007), pertencer a uma cidade é criar novas formas de representações dela para si mesmo e para os outros, como afirma na citação abaixo:

A cidade foi, desde cedo, reduto de uma nova sensibilidade. Ser cidadão, portar um ethos urbano, pertencer a uma cidade implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naquele que a habitavam. (PESAVENTO, 2007, p. 11).

Desse modo, percebemos que para além da cidade real, de suas construções e materialidade, ela é também segundo Pesavento (2007), sociabilidade, comportando sujeitos, histórias e relações. Território repleto de historicidade, pois guarda registros das ações e relações humanas ao longo do tempo. Para, além disso, a cidade é ainda sensibilidade, pois cada habitante que nela ocupa traz consigo uma cidade própria, imaginária e também real, produto de suas próprias experiências e sensações.

A cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos, e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia. (PESAVENTO, 2007, p.14).

Essa cidade sensível é imaginária, pois é um produto de seus viventes, mas é também real porque é a partir dos sentidos que atribuímos às cidades, que elas passam a ganhar significados para nós, passam a intervir em nossas ações e comportamentos e incidem enquanto condicionantes sociais.

Acreditamos que todas as dimensões acima pelas quais podemos englobar e entender as *cidades* são aplicáveis ao estudo de *bairros*. E, ainda de modo mais prático, pois o que os indivíduos, sentem, vivem e experienciam nas cidades, é multiplicado quando se vive e se experiencia no bairro. Portanto, esse fragmento urbano se configura como uma espécie de extensão do lar.

Em uma análise ampla, podemos entender que no bairro dividem-se os problemas da administração pública referentes a esta parte da cidade, goza-se dos mesmos privilégios que esse espaço adquire e, geralmente, os moradores zelam pela boa convivência social. O espaço do bairro se transforma assim em lugar antropológico, isso significa para Marc Augé (2012), que além de um espaço concreto, passa a ser um espaço simbólico e com significado, pois se torna um lugar vivenciado e que passa a ser identitário. O indivíduo se identifica no seu bairro, ele reconhece seus vizinhos como membros de um mesmo grupo e se reconhece nesse grupo.

Dessa forma acreditamos como Maria Izilda Santos de Matos (2002) que o bairro assim como a cidade é um ambiente repleto de historicidade, que guarda memórias,

lembranças e experiências e merece e precisa ser estudado, pois, é no bairro onde os passos humanos deixam as mais marcantes pegadas.

Segundo Michel de Certeau (2008), o bairro enquanto um fenômeno cultural permite que as práticas culturais ocorram de forma mais espontânea. Assim, sentimo-nos mais à vontade em nosso bairro. As relações entre vizinhos tem uma cordialidade e elementos próprios. Ainda que não sejamos próximos aos outros moradores do bairro, sempre nos sentiremos mais próximos a eles, do que aos moradores de outros bairros da cidade, na medida em que, há um laço invisível de solidariedade e união entre pessoas de uma mesma comunidade. Sendo que entendemos que pertencer a um bairro é pertencer a uma comunidade.

O historiador francês Michel de Certeau (2008) nos ajudou na pesquisa como um guia desse espaço específico da cidade. Mostrando-nos de que modo a privatização desse espaço público ocorre e como nós o transformamos em uma extensão do nosso lar. O estudo de Certeau sobre bairros foi fundamental para a nossa pesquisa, na medida em que nos ajudou a entender teoricamente esse fragmento urbano. A aplicação dessa teoria no nosso objeto de estudo nos fez visualizar as particularidades históricas do bairro Parque de Exposição, da cidade de Picos tendo como destaque os estigmas que acompanhavam seus moradores.

O referido historiador francês, além de nos guiar na pesquisa nos serviu de exemplo metodológico, pois ele próprio realizou um estudo sobre um bairro francês (Croix-Rousse), da cidade de Lião. Nesse trabalho Certeau descreveu e interpretou os processos de apropriação do espaço urbano a partir de uma análise das trajetórias de uma família no referido bairro. E também analisou como essas trajetórias diárias permitiram a apropriação desse espaço urbano por esses indivíduos, levando a privatização desse espaço público que é o bairro de Croix-Rousse e o tornando um espaço de reconhecimento social para seus moradores.

Outros diversos historiadores têm olhado para esse campo de estudo, inclusive dentro da própria cidade de Picos. Em relação a esses estudiosos, podemos citar Maria Francisca de Sousa Rodrigues (2014) que publicou um artigo intitulado “Bairro, cotidiano e vivência: práticas cotidianas dos moradores do bairro São José na cidade de Picos, no estado do Piauí, na década de 1980”. Nesse estudo a pesquisadora procurou, a partir da análise da memória dos moradores do bairro São José, entender como se davam as relações pessoais entre seus moradores. E, analisou também, por meio de relatos orais e de fontes iconográficas, a religiosidade presente no bairro desde sua formação, a precária

infraestrutura urbana na década de 1980 e, por fim, as rupturas e continuidades entre a década de 1980 e a atualidade.

Outro jovem historiador que buscou trabalhar a temática de bairro foi Neurivan de Brito Freire (2014) que publicou o artigo “Cotidiano e cidades: práticas cotidianas dos moradores do bairro Centro, da cidade de Picos-PI (década de 1980)”. O mesmo fez uma análise do panorama cotidiano dos moradores do bairro Centro, da cidade de Picos, nos anos de 1980 a 1989 discorrendo sobre vários temas como educação, lazer, religiosidade e economia.

Nós também publicamos um artigo sobre bairro – “O Bairro, nossa casa fora de casa: práticas cotidianas dos moradores do bairro Junco, da cidade de Picos, estado do Piauí, na década de 1980” (MOURA, 2014) – no qual buscamos a partir da experiência de alguns sujeitos históricos que vivenciaram o período do nosso recorte de estudo, compreender as transformações do espaço urbano no bairro Junco. E também visamos entender como essas transformações foram sendo percebidas e vivenciadas pelos habitantes do referido bairro, relacionando com o processo de urbanização que vinha ocorrendo no Brasil.

Todos esses artigos foram publicados no livro “As Cidades de Clio: abordagens históricas sobre o urbano”, organizado pelo professor Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos (2014), o que demonstra como o estudo de bairro vem ganhando espaço no universo acadêmico e historiográfico. Muito além de estudar a história de determinados bairros ou dos sujeitos que os compõe, esses trabalhos vem propondo uma análise dessa porção do espaço público e da sua influência na história dos seus habitantes. O bairro além de se tornar uma extensão da casa e um local de reconhecimento para seus moradores é, ao mesmo tempo, condicionante social – condicionado pela sociedade que o compõe. Dessa forma merece amplo espaço de debates e pesquisa na historiografia.

Nossa pesquisa se mostrou relevante, na medida em que, um trabalho que analisa a formação e as representações de um bairro tende a ampliar os estudos sobre esta parte das urbes. E, no caso específico do nosso objeto de estudo, a pesquisa se mostrou ainda mais relevante para a sociedade picoense, pois investigou os estigmas que caracterizam o bairro Parque de Exposição na atualidade, desnaturalizando-os e apontando a sua historicidade.

O trabalho foi estruturado em duas partes. No primeiro capítulo – **“Fronteiras Hostis”: O inimigo é o “outro”** – buscamos compreender como surgiram os estigmas de pobreza e violência que pairam sobre o bairro Parque de Exposição e, para isso, analisamos a formação do bairro na década de 1980 e o seu desenvolvimento urbano ao longo dos anos

1990 e 2000. Contudo, nossa compreensão sobre o processo de estigmatização e marginalização do bairro teve como base o entendimento de como surgiram os preconceitos contra origem geográfica de lugar por meio dos estudos do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007). Esse historiador aponta os avanços dos estudos historiográficos sobre a temática dos territórios e fronteiras.

Esses conflitos, somados a outras tensões que dividem os vários países, nações e povos na contemporaneidade têm colocado o tema das relações internacionais e da história da produção das identidades espaciais no centro da produção intelectual, acadêmica e, mais particularmente, feito emergir um conjunto de obras no campo da História, uma historiografia voltada para tratar da emergência destas divisões territoriais e abordar a invenção histórica destas fronteiras e destas identidades, sejam nacionais, sejam regionais, sejam locais. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 18).

Esse estudo foi fundamental para entendermos como surgiram as fronteiras e como elas se tornaram símbolos de barreiras e de distanciamento entre povos que se julgaram ao longo do tempo entre melhores e piores de acordo com sua posição geográfica no globo.

Para aprofundarmos a análise sobre a construção dos estigmas de violência e pobreza que permearam e permeiam ainda o bairro Parque de Exposição buscamos ampliar as discussões sobre o conceito de estigma, levantado especialmente por Erving Goffman (1988). Esse sociólogo nos possibilitou, por meio de sua obra “Estigma”, perceber que o termo “*estigma*” surgiu com os gregos para se referir a sinais corporais que identificavam o status moral de quem os apresentasse. A pessoa que detivesse essa marca seria considerada poluída e deveria ser evitada. Na Era Cristã a palavra ganhou mais dois sentidos metafóricos. Primeiro um sinal de graça divina, o outro uma versão médica que via a marca como distúrbio físico. O termo é mais amplamente usado no seu sentido original, porém não é usado em relação à evidência física em si, mas ao que ela representa. Ou seja, o estigma não é o sinal, mas o que o sinal indica sobre quem o possui.

Assim, percebemos que os moradores do bairro Parque de Exposição foram (são) discriminados, não por marcas aparentes, mas pelo significado que é atribuído ao seu local de vivência e moradia na cidade. O sinal, nesse caso, o atributo que diferencia os moradores do bairro Parque de Exposição dos demais, é unicamente o endereço. Ele pertence, a um local estigmatizado, logo, o estigma também passa a lhe pertencer.

Ainda no primeiro capítulo no intuito de perceber como o discurso de pobreza da formação do bairro permitiu que o mesmo fosse sendo concebido como lugar violento e perigoso estudamos a partir da obra de Sidney Chalhoub (2006), a associação que foi feita no Brasil entre pobreza e criminalidade desde o final do período imperial.

No primeiro capítulo para a execução dessa pesquisa foi necessário além de um estudo teórico, uma análise documental. Iniciamos a pesquisa analisando um documento de doação de terreno. Este documento em questão foi um título de aforamento de 1989 que garantia a posse de terra no bairro Parque de Exposição. Documento este que comprova a doação de terrenos pertencentes à União em um espaço que correspondia ao bairro Junco, mas que viria a se tornar o bairro Parque de Exposição. Essas doações teriam propiciado o início do povoamento do bairro Parque de Exposição.

Na busca por uma análise mais aprofundada sobre a formação do bairro estudamos os documentos encontrados na Câmara de Vereadores de Picos. A Lei Nº 1965 de 09 de Novembro de 1998 que reorganizava geograficamente os bairros de Picos e ainda o Projeto de Lei 1970 de 18 de Dezembro de 1998. Esse projeto autorizava o Poder Executivo a doar lotes de terrenos pertencentes ao Patrimônio Municipal na localidade do bairro Parque de Exposição para servidores municipais (garis).

Analizamos ainda as fontes imagéticas fornecidas através da Secretária de Obras da Prefeitura Municipal de Picos. Imagens da planta do primeiro loteamento de terras no bairro Parque de Exposição (sem data) e Imagens da planta do segundo loteamento de terras no bairro Parque de Exposição no ano de 1997. As primeiras imagens serviram para legitimar na pesquisa o período de formação do bairro Parque de Exposição e comprovar a localização e os limites geográficos do mesmo. As imagens da segunda doação de terrenos serviram conjuntamente com o projeto de Lei 1970 de 18 de Dezembro de 1998 para demonstrar a ampliação dos limites do bairro. Para ampliarmos as informações sobre a formação e desenvolvimento do bairro realizamos entrevistas orais com os moradores e percebemos o lento processo de desenvolvimento urbano do mesmo.

No segundo capítulo – **“Marcas de um Estigma”: Pobreza e violência exposta nos jornais e fixada no imaginário picoense na década de 1990 e 2000** – buscamos perceber de que modo o bairro foi retratado pela indústria midiática e como essa representação contribuiu para a construção dos estigmas de pobreza e violência que o caracterizam na atualidade. Para a realização desta parte da pesquisa analisamos edições dos jornais “Vale do Guaribas”, do “Jornal de Picos” e do Jornal “Folha de Picos” veiculados pela cidade nas décadas de 1990 e 2000.

Nesse sentido, nos detivemos em matérias que expuseram de forma extensiva a violência e as mazelas presentes no bairro Parque de Exposição e que contribuíram para reforçar os discursos estigmatizantes de pobreza e violência conferidos ao bairro. Com base na obra “Padrões de Manipulação na Grande Imprensa” do jornalista Perseu Abramo

(2003), analisamos o papel que esses jornais exerceram na (re)afirmação da estigmatização do bairro, especialmente a partir do entendimento de como se cria no Brasil um real midiático.

Analisamos ainda neste capítulo, fontes documentais encontradas na Central de Flagrante de Picos. Essas fontes foram Boletins de Ocorrência e Inquéritos Policiais do 3º Distrito Policial de Picos-DPI tanto do bairro Parque de Exposição, como do bairro Junco. Essa documentação se refere às décadas de 1980, 1990 e 2000. Realizamos a contagem e classificação das ocorrências policiais para comparar o nível de violência entre o bairro Parque de Exposição e o bairro Junco. O objetivo do estudo desse material policial foi a problematização do estigma de bairro violento elencado pela população picoense ao bairro Parque de Exposição. Ou seja, buscamos identificar os dados estatísticos (oficiais) que confirmariam ou negariam o discurso de bairro violento atribuído ao bairro Parque de Exposição.

Ainda no segundo capítulo para refletir sobre as formas de representação e o imaginário sobre o bairro fizemos entrevistas orais com os próprios moradores do bairro Parque de Exposição. Sujeitos esses que sofrem no dia a dia essa estigmatização. Foram realizadas dez entrevistas ao todo. Sendo destas, sete realizadas com moradores do bairro Parque de Exposição e três realizadas com os coordenadores de instituições que funcionam dentro do bairro.

Os moradores selecionados foram: as empregadas domésticas Ducineide Bezerra da Silva e Leide Maria Dias de Sousa, o cantor e grafiteiro Eduardo Pereira Lopes (mais conhecido como Ted Rap), a funcionária pública Francisca Rosa Damaceno, os agricultores aposentados Zacarias Mendes da Silva, Maria Dulce Bezerra da Silva e Maria Josefa Lacerda. O critério para seleção desses entrevistados foi que os mesmos tivessem morado no bairro Parque de Exposição pelo menos em duas das três décadas que compreendem o recorte do trabalho (1980,1990 e 2000) e que ainda morassem no mesmo. À exceção de Francisca Rosa Damaceno, todos os moradores entrevistados se encaixaram nesse critério. Contudo, Francisca Rosa Damaceno embora tenha se mudado para o bairro apenas em 2001 foi selecionada por ser a presidente da Associação de Moradores do bairro atualmente (2015) possuindo informações valiosas para a pesquisa e também devido ao fato de Francisca frequentar o bairro, ainda na década de 1990, pois a mesma já era noiva de um morador do bairro Parque de Exposição nesse período.

Os outros três entrevistados foram a Assistente Social Ângela de Maria Bezerra Neto, coordenadora do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do bairro

Parque de Exposição, o médico veterinário Agenor de Sousa Martins, coordenador do Centro de Controle de Zoonoses (CCZ) do bairro e a orientadora social Marilene de Sousa Costa, coordenadora da Casa Aliança do bairro Parque de Exposição. Todos responsáveis por instituições importantes para o bairro e para a cidade de Picos. O estudo sobre essas instituições – embora seu funcionamento se restrinja a última década do recorte do trabalho, pois o CCZ e a Casa Aliança só começaram a funcionar na década de 2000 e o CRAS até fuja do nosso recorte tendo sido implantado no bairro apenas em 2010 – nos ajudou a apontar algumas rupturas que ocorreram no espaço do bairro ao longo do tempo demonstrando a importância do mesmo dentro do cenário urbano picoense.

A análise das fontes orais foi de suma importância para percebermos como os moradores do bairro Parque de Exposição enxergam o seu local de vivência e convivem com os estigmas que o caracterizam. Essa análise também nos fez perceber como os mesmos o representam, entendendo até onde esses estigmas são reais ou fontes de discursos que se fixaram no imaginário picoense. Teoricamente quem nos conduziu na busca e análise dessas vozes foi Michel Pollack (1989), pois para o mesmo a História Oral ao privilegiar a análise dos excluídos e dos marginalizados e ao dar importância às memórias subterrâneas consente que a memória oficial entre em disputa com a memória “clandestina” permitindo que se rompa o silêncio dos excluídos e se reescreva a história.

A intencionalidade de nossa pesquisa foi justamente essa, reescrever a história do bairro Parque de Exposição a partir da análise de documentos escritos e imagéticos, bem como dos sujeitos que fizeram parte intrínseca da construção dessa história. Ao analisarmos os discursos oficiais e retirarmos do silêncio e do esquecimento as vozes que ecoam o passado através do presente, estamos também desejando (além da produção de conhecimento histórico) produzir elementos que contribuam para uma transformação positiva do imaginário urbano sobre o nosso bairro em estudo. Isto porque compartilhamos das ideias de Alessandro Portelli (2010), de que a História e a História Oral são bem mais do que conhecimento sobre o passado “[...] porque toda história é algo mais: não só conhecimento do passado, mas intenção de mudar o presente e o futuro” (PORTELLI, 2010, p. 9).

Com esse intuito dialogamos constantemente com o *presente* no nosso trabalho, pois por meio dele interpretamos como a estigmatização do bairro Parque de Exposição afeta atualmente a vida de seus moradores. Nessa tentativa de também produzir elementos que contribuam para a mudança positiva nas relações sociais que envolvem o referido

bairro, compartilhamos das ideias do historiador Marc Bloch, quando sugeriu que o conhecimento científico deve ajudar a humanidade a viver melhor.

Não se pode negar, no entanto, que uma ciência nos parecerá sempre ter algo de incompleto se não nos ajudar, cedo ou tarde a viver melhor. Em particular, como não experimentar com mais força esse sentimento em relação à história, ainda mais claramente predestinada, acredita-se a trabalhar em benefício do homem na medida em que tem o próprio homem e seus atos como material? (BLOCH, 2001, p. 45).

Nesse sentido, analisar os estigmas de pobreza e violência que envolvem o bairro Parque de Exposição, desnaturalizando-os, constitui uma tarefa difícil, mas necessária, pois consideramos que uma das funções da história é justamente contribuir para uma melhoria da vida humana.

Capítulo 1

“FRONTEIRAS HOSTIS”: O INIMIGO É O “OUTRO”

Historiadores não trabalham com “se”. Essa é uma das máximas que carregamos conosco na aventura de revirar o passado e pensar o futuro. O que poderia ter ocorrido, dizem, não nos serve. Como afirma o historiador Sidney Chalhoub (2001, p.39) “Para alguns historiadores – ainda hoje em dia! – os fatos da história são coisas sólidas, “duras”, de forma definida e facilmente discerníveis. Se esses fatos não podem ser encontrados assim, então a história como conhecimento não é viável”.

No entanto, peço que por um breve instante esqueça a assertiva e viaje conosco em um “flashback” de possibilidades. Estamos no Brasil, no ano de 2015, em um momento onde mais do que nunca o lugar a que você pertence define como você é percebido pelos outros. Contudo, sugiro que imagine que estamos em um algum lugar onde não existem fronteiras. Nesse lugar os seres humanos ainda são diferentes, as cores de pele variam, alguns são altos, outros nem tanto, magros e gordos, olhos com vários formatos e cabelos múltiplos. Nesse lugar sem fronteiras onde o outro está, também poderíamos ir. Mas, não iríamos para lá para conquistar, poderíamos habitá-lo sem expulsar ninguém. E eles? Eles também poderiam vir para onde vivemos. Porque nesse lugar não existiriam fronteiras.

Imagine que nesse lugar um pai sai de casa para buscar seu filho juntamente com um casal de amigos que saiam de uma festa. Esse casal mora em um lugar diferente de onde a festa estava acontecendo. Mas imagine por um instante que isso não tem importância, pois não existem fronteiras (e nem conflitos) e eles vão embora em paz para suas respectivas casas.

Voltemos à realidade. Estamos no Brasil, no ano de 2015 e o jovem Ronei Wilson Jurkfitz Faleiro Júnior de 17 anos nunca mais voltará para casa. Esse jovem vivia em Charqueadas, a 40 km de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul e foi morto no dia 01 de agosto de 2015.⁵

Ronei Júnior era filho único e naquele dia estava em uma festa que o mesmo ajudou a organizar para arrecadar dinheiro para formatura. No final da festa pediu ao pai para lhe buscar e dar carona a um casal de amigos. Na saída do local, os 4 foram agredidos por 14 pessoas e o jovem Ronei não resistiu aos ferimentos e faleceu. A agressão ocorreu porque

⁵ TRUDA, Felipe (2015). Conviviam com meu filho, diz pai de jovem morto no RS sobre suspeitos. G1 Globo.com, 07/08/2015. Disponível em <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/08/conviviam-como-meu-filho-diz-pai-de-jovem-morto-no-rs-sobre-suspeitos.html>>. Acesso em 10 set. 2015.

o casal amigo de Ronei, a quem o pai daria carona, era de São Jerônimo, cidade próxima a Charqueadas, mas vista como inimiga pelo grupo de agressores. Essas 14 pessoas entre adultos e menores consideravam os moradores de São Jerônimo como rivais e costumavam agredir pessoas também de outras cidades que estivessem em Charqueadas.

Assim, por uma “rixa” com uma cidade “rival”, o filho nunca mais dará boa noite para o pai e nunca participará da festa de formatura. Ele foi morto porque aquele casal de amigos era de outra cidade, porque o lugar a que pertenciam não era bem visto pelos garotos que o assassinaram brutalmente. As fronteiras existiam para aqueles garotos e eram definidoras de quem poderia viver e quem merecia morrer. As fronteiras continuam a existir. Nós as construímos, nós dividimos o mundo e separamos os homens. Inventamos as cidades, criamos os Estados, buscamos diferenças nos outros para alcançar identidades em nós. E quando encontramos nossa identidade passamos a desprezar a identidade do “outro”.

Quando nascemos nos é ensinado um idioma, você aprende cedo sua nacionalidade, e mais, aprende a defendê-la e depois parece tão natural pertencer a ela, parece simples também julgar o *outro* que não faz parte dela. Portanto, aprendemos – erroneamente – que foi sempre assim. Precisamos perder essa inocência cega que naturaliza o que não é natural. E aqui está a função da História como afirma o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007, p.19.), “É para isso que estudamos história, para que percamos a inocência em relação às coisas que nos cercam”.

Assim, para entender como o ódio mortal pode se fixar contra alguém simplesmente porque pertence à outra cidade ou país, como o preconceito pode levar a julgar precipitadamente o outro e como estigmas podem marcar lugares e sujeitos por gerações, vos convidamos caros leitores a um mergulho no início dos preconceitos geográficos. Como é tão simples julgar hoje alguém simplesmente por pertencer à determinada região, país, cidade ou bairro do globo. Porque é tão fácil olhar para um árabe e imaginar que é um fanático religioso ou um possível terrorista, assim como imaginam que todos nós brasileiros temos que saber sambar ou sermos completamente sedutores, tanto quanto é fácil alguém que pertence ao bairro Parque de Exposição, localizado na cidade de Picos no Estado do Piauí, ser estigmatizado de pobre, marginal e criminoso. Mas, para chegarmos ao entendimento de como se chegou a essas conclusões preconceituosas e estigmatizantes é necessário uma viagem histórica ao passado, acompanhada por eventos que contribuíram para naturalizar o que nunca foi natural.

Segundo Albuquerque Júnior (2007), o homem assim como outros animais se caracterizou, desde cedo, por viver em bandos e por demarcar territórios. Viver com um grupo era um modo de se proteger, e ter o controle sobre determinada área era uma forma de garantir recursos naturais para sua sobrevivência.

Por ser um animal territorial, o homem buscou, em cada momento histórico, levando em conta as especificidades de cada sociedade ou cultura em que viveu, traçar fronteiras em relação a outros animais ou em relação a outros grupos humanos, inclusive em relação aos mortos e aos deuses ou espíritos que também possuíam suas moradas ou seus territórios. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 8).

Possivelmente essa relação com os mortos e espíritos teria originado a atração de grupos de homens que passariam a viver em territórios mais definidos e protegidos e que viriam a formar as primeiras cidades. Para Raquel Rolnik (1995), os zigurates, templos que apareceram nas planícies da Mesopotâmia por volta do terceiro milênio antes da era cristã foram os embriões das primeiras cidades, assim o templo teria sido uma espécie de imã que reuniu os homens para louvar os deuses e homenagear os mortos, e em torno disso se construiu a cidade dos vivos.

Desse modo Rolnik (1995), nos revela a cidade como imã que reúne e concentra homens dentro de um mesmo espaço. Esse espaço depois de ocupado passou a ganhar pelo homem um sentido cultural. Como afirma Albuquerque Júnior (2007), do mesmo modo que outros animais demarcam seu território através da urina, o homem demarca seu território simbolicamente, atribuindo um sentido, um significado através de signos e símbolos e de alguma forma de linguagem. Uma das primeiras formas de dar sentido, de demarcar e de tomar posse de um território é segundo Certeau (*apud* Albuquerque Júnior (2007)), atribuir um nome aquele local dominado, pois nomear é estabelecer fronteiras. Portanto, dizer *o que se é*, também significa dizer *o que o outro não é*. Assim, nomear é também demarcar diferenças em relação aos territórios vizinhos.

Nesse sentido, nomear o próprio território era também uma forma de nomear o território do outro, pois a maioria dos grupos humanos buscou se definir sempre em relação aos grupos inimigos – por disputarem o mesmo espaço e/ou os recursos naturais de seu território. Com isso, os grupos buscaram definir suas identidades a partir das diferenças em relação a grupos opostos. Os gregos, por exemplo, embora dispersos em cidades diferentes se consideravam um só povo, em relação, aos outros povos, por eles denominados de bárbaros. Mas, os gregos só identificaram-se enquanto gregos, quando identificaram o que era não ser grego, consideraram bárbaros todos aqueles que não viviam

nas cidades gregas e não partilhavam de sua cultura. Ou seja, sua língua, suas crenças, seus rituais, sua organização política. A partir daí os gregos definiram a sua identidade.

Desse modo a identidade só surge a partir da diferença, o que eu sou é definido pelo que eu não sou. A ideia de pertencimento a um grupo, a uma nação, a uma cidade, a um bairro, só ocorre quando eu entendo que eu não sou de outro bairro, de outra cidade, de outra nação. Só me sentirei brasileiro quando entender que não pertencço à outra nacionalidade e que as outras nacionalidades são diferentes da minha. Assim, compartilhamos das ideias do pedagogo Tomaz Tadeu da Silva, quando explica que:

As afirmações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença, são, pois, inseparáveis. (SILVA, 2008, p.75).

O problema é que ao longo da história da humanidade ser diferente foi transformado em ser sinônimo de ser inferior. Um grupo estranho a outro não precisaria ser conhecido para ser odiado, já que de início saberíamos que é diferente. Logo, não se sentiria a necessidade de conhecê-lo, mas apenas julgá-lo. Se seus rituais são diferentes, se seus deuses são outros, se sua língua e religião diferem da nossa, forma-se precipitadamente uma análise, um conjunto de afirmações sobre o outro. E, a grande questão é que depois de definido o outro, nem mesmo uma aproximação seria capaz de desfazer o preconceito já construído. E quando o preconceito advém das fronteiras a que o outro ocupa torna-se ainda mais difícil desfazer uma imagem cristalizada, porque como afirma Albuquerque Júnior (2007, p. 9) “Tratar da história de relações como as de posse e propriedade, é tratar de relações de poder, de domínio, de mando, de soberania”.

Nesse sentido percebemos que a maioria das guerras e conflitos da humanidade se deu pela disputa de hegemonia de um grupo humano sobre outro. Seja uma disputa econômica, política, religiosa, cultural, militar ou ideológica. O início do modo de dominar o outro era ocupar sua terra, era estabelecer nela suas ideias e para tanto era necessário justificar essa dominação.

Assim como os colonizadores europeus justificaram os assassinatos, escravizações e expropriação dos indígenas brasileiros, os acusando de selvagens e primitivos. Ainda hoje a inferiorização do outro serve para justificar processos competitivos entre nações e preconceitos contra grupos minoritários. A esse processo de inferiorização de um indivíduo ou grupo por pertencer a um determinado local do globo, o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior esclarece que:

O preconceito, quanto à origem geográfica é justamente aquele que marca alguém pelo simples fato deste pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província, de um estado, de uma região, de uma nação, de um país, de um continente considerado por outro ou outra, quase sempre mais poderoso ou poderosa, como sendo inferior, rústico, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, menor, menos civilizado, inóspito, habitado por um povo cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.11).

O processo de inferiorização a um determinado grupo por pertencer a uma determinada região do planeta é o objeto de estudo do presente trabalho. Contudo, no presente momento não partiremos de grandes pretensões. Não analisamos aqui o preconceito que o Oriente sofre do Ocidente e nem mesmo o distanciamento do Brasil do restante dos países da América Latina. Nosso objetivo é mais simples, porém, não menos relevante entender a estigmatização do bairro Parque de Exposição na cidade de Picos, no Estado do Piauí, na medida, que percebemos que os preconceitos vividos por seus moradores na atualidade (2015), advêm também de uma construção histórica, que os coloca a margem da sociedade picoense, simplesmente por viverem nesse bairro. Analisar a construção desse processo de estigmatização do bairro Parque de Exposição e de seus habitantes é também em um sentido mais amplo, analisar preconceitos sociais e econômicos que tentam delimitar e separar os indivíduos entre melhores e piores de acordo com sua posição geográfica no globo.

Assim permitimo-nos guiá-los para o bairro Parque de Exposição, apresentando-lhes sua História, conhecendo seu passado e descobrindo como os estigmas de pobreza e violência que o circundam foram construídos e permanecem marcando a vida dos moradores. Esses cidadãos, desde a formação do bairro até atualidade, sofrem diversos preconceitos, devido seu local de moradia.

1.1 “Os começos do Estigma”: Formação e Construção do Bairro Parque de Exposição na cidade piauiense de Picos na década de 1980.

Os começos do bairro Parque de Exposição não diferem muito dos começos de tantos outros bairros ou cidades ao longo da História. Assim como o Rio Nilo para o Egito, os zigurates para a Mesopotâmia, os grandes pastos para o Piauí, foi necessário um imã (ROLNIK, 1995) que reunisse e concentrasse homens no local que viria a ser o bairro Parque de Exposição. O imã para essa formação foi à possibilidade de moradia para

aqueles que em geral ainda sonhavam com uma casa própria e não dispunham de recursos financeiros para concretizar esse sonho.



Figura 1: Vista do Morro do bairro Parque de Exposição em 2015.
Fonte: Acervo pessoal de Mariana Floracir de Moura, 2015.

Segundo o censo do IBGE de 2010, o bairro Parque de Exposição é o sétimo bairro mais populoso da cidade de Picos, com uma população de 3.248 habitantes. A sua formação, como havia rapidamente ressaltado ocorreu a partir da busca de um sonho de seus primeiros habitantes: a concretização da casa própria, a partir da doação de terrenos da Prefeitura Municipal da cidade de Picos. Segundo os depoentes e a planta do primeiro loteamento de terras do bairro Parque de Exposição e ainda segundo o título de aforamento de terra encontrada com a entrevistada Maria Josefa Lacerda⁶, as primeiras doações e ocupação do bairro teriam ocorrido na década de 1980.

A planta do primeiro loteamento de terras no bairro Parque de Exposição encontrada na Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal da cidade de Picos não contém a data de doação dos primeiros lotes de terras destinados para a formação do referido bairro, o que dificulta nossa confirmação do ano de formação do bairro. No entanto,

⁶ Maria Josefa Lacerda é agricultora aposentada, tem 85 anos e foi uma das primeiras moradoras do bairro Parque de Exposição mudando-se para lá ainda na década de 1980, onde até hoje permanece.

segundo os moradores mais antigos a ocupação teria sido iniciada na década de 1980 justamente através da doação de terrenos pela prefeitura.

Ainda segundo os depoimentos dos moradores do bairro Parque de Exposição por nós entrevistados, os terrenos foram doados pelo prefeito da cidade à época Abel de Barros Araújo. Essa informação nos ajuda a propor o período de construção do bairro. Pois, de acordo com a “Revista Foco – Edição comemorativa 111 anos: Picos, nossa História”, Abel de Barros Araújo teria ocupado a prefeitura da cidade de Picos por dois momentos. O primeiro de 1983 até 1988, e o segundo de 1993 até 1996. Como temos entrevistados que moram no bairro desde 1988, possivelmente as doações ocorreram ainda nesse primeiro momento de gestão do prefeito entre os anos 1983 e 1988.

Atualmente, o bairro Junco, faz limites com o bairro Parque de Exposição. No entanto, percebemos que um trecho do território do bairro Junco foi cedido para o loteamento de terras e o surgimento do bairro Parque de Exposição, pois, o nome do primeiro loteamento do bairro Parque de Exposição na planta era Parque Habitacional Popular, e o local do loteamento apresentado na planta é o bairro Junco. Como podemos observar na imagem abaixo:

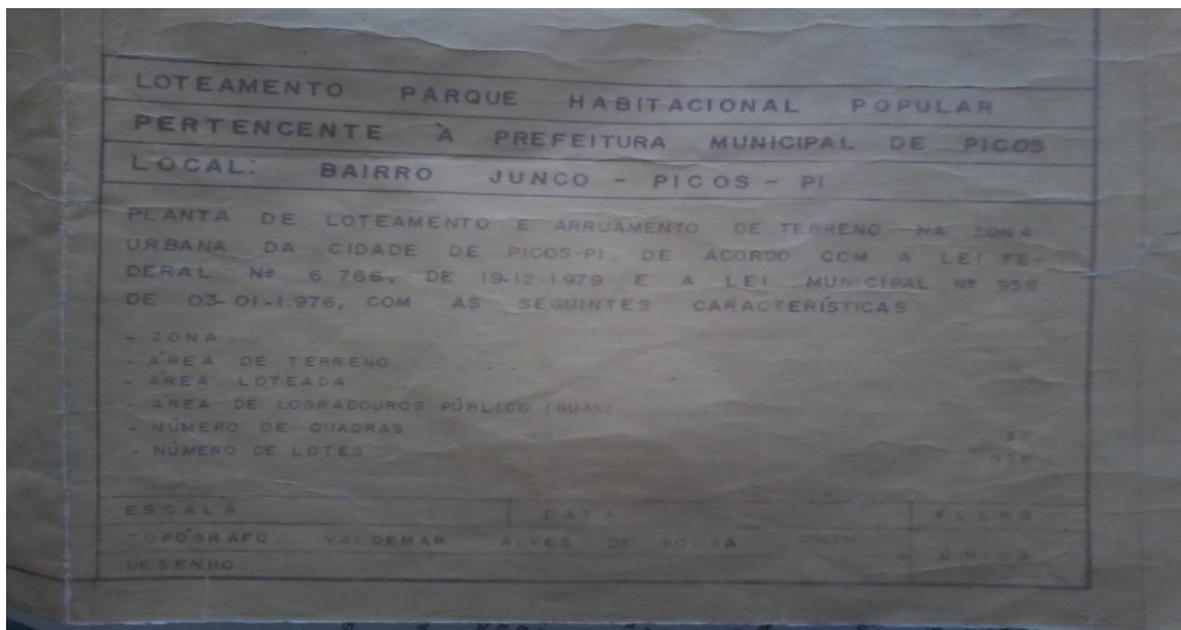


Figura 2: Planta do Primeiro Loteamento de Terras do bairro Parque de Exposição (s/d).
Fonte: Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal de Picos. 2015.

Esse nome inicial Parque Habitacional Popular está ligado à forma como se constituiu o início do bairro. O loteamento era destinado a habitações populares. Ou seja, os terrenos eram doados inicialmente para pessoas que não possuíam moradia. Elas

recebiam um título de aforamento que comprovava a posse da terra, como pode ser observado na figura abaixo:

ESTADO DO PIAU
 Prefeitura Municipal de Picos
 CONTRATO DE ENFITEUSE
 TITULO DE AFORAMENTO N.º 3.205

O Prefeito Municipal de Picos, Estado do Piauí nos termos do Artigo 4 da Lei N.º 929 de 11 de junho de 1974, e mediante este Contrato de Enfiteuse confere em aforamento a JOÃO BOSCO DE LIMA, brasileiro, casado, pedreiro, Identidade nº 704.215

residente Bairro Passagem das Pedras, nesta cidade
 e aqui por diante denominado FOREIRO, na forma do despacho de 131 021 89
 exagerado no processo N.º 078 / 89, um terreno foreiro municipal, com
 as seguintes dimensões, localização e situação.

Zona Urbana
 Zona 6, Quilômetro 7, Lote -1-

Logradouro Rua Projetada, Bairro Junco

Numero no Cadastro Fiscal _____ Area 100,00 m²

Dimensões 5,00 metros de frente 20,00 metros do lado direito, limitan-
 to-se com José Maria de Lima; 20,00 metros
 o lado esquerdo, limitando-se com Manoel Pereira Lacerda
5,00 metros de fundo, limitando-se com Patrimônio Municipal

Figura 3: Título de aforamento N° 3.205, 1989.

Fonte: Acervo pessoal da depoente Maria Josefa Lacerda. 2015.

O título de aforamento era a garantia da posse do terreno. Nele estava determinado o tamanho do lote e os limites do mesmo. Além de algumas observações sobre o uso e direitos do ganhador do terreno. Segundo o depoente Zacarias Mendes da Silva⁷ (2015), não era necessário comprovar renda ou a não posse de casa própria, apenas fazia-se o requerimento e ganhava-se o título de aforamento, bastando registrá-lo em seu nome. Segundo todos os depoentes e o título de aforamento acima observado, os terrenos eram de cinco metros de frente, por cinco metros de fundo e vinte metros de comprimento.

A planta do segundo loteamento de terras, do ano de 1998, já possui o nome Parque de Exposição. Sendo que o local cedido para o segundo loteamento do bairro Parque de Exposição, também pertencia originalmente ao bairro Junco, como podemos perceber na imagem abaixo:

⁷ Zacarias Mendes da Silva tem 87 anos é agricultor aposentado e vive no bairro desde 1991, há 24 anos.

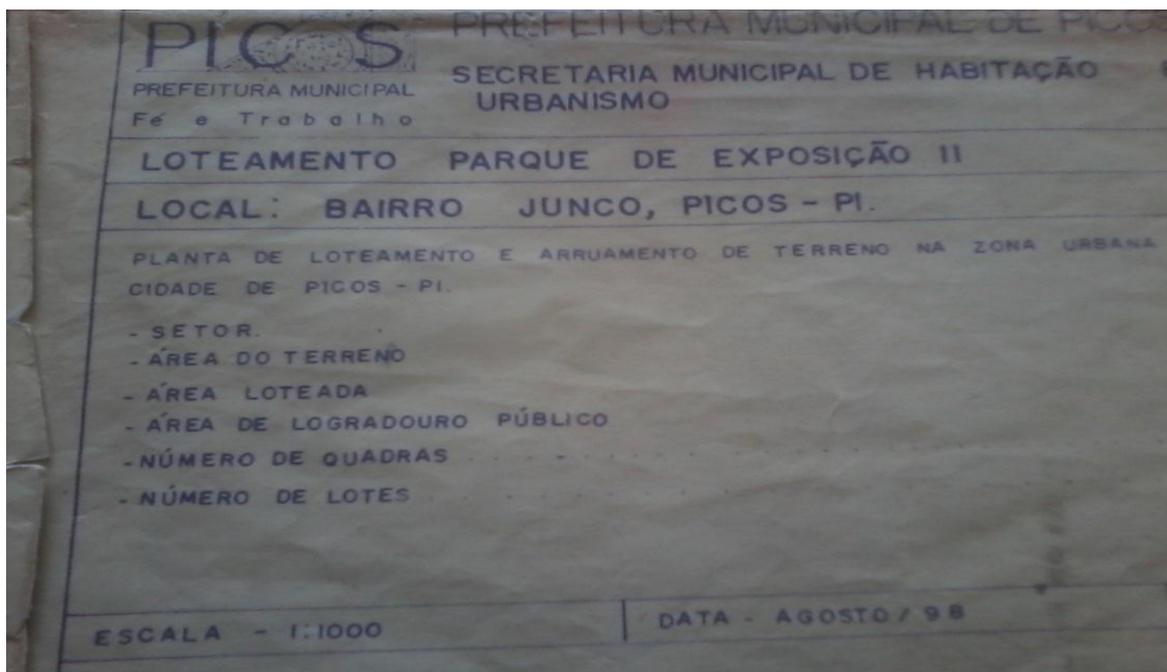


Figura 4: Planta do Segundo Loteamento de Terras do bairro Parque de Exposição 1998.
Fonte: Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal de Picos. 2015.

No ano de 1998, o bairro já possuía uma significativa quantidade de habitantes (quase 2000 habitantes) e já passava a possuir o nome Parque de Exposição. Este nome bairro Parque de Exposição deve-se justamente ao fato de existir dentro do bairro, um grande parque público intitulado Parque de Exposições Santino Xavier onde ocorrem exposições de vaquejadas e feiras agropecuárias no mês de junho de cada ano. Nessas exposições ocorrem festas, a compra e venda de gados e a competição de diversas atividades entre vaqueiros. E é o nome bairro Parque de Exposição que chega aos nossos dias. Segundo a atual presidente da Associação de Moradores do bairro, Francisca Rosa Damaceno⁸, o nome Parque de Exposição foi uma escolha dos diretores da Associação de Moradores da época e uma decisão bem acolhida pelos moradores do bairro.

Segundo o depoimento de Eduardo Pereira Lopes⁹, que chamaremos de Ted Rap no presente trabalho, pois é o pseudônimo pelo qual o mesmo é conhecido. Ele teria adquirido o terreno do mesmo modo que a maioria dos habitantes iniciais, através de doação da prefeitura em 1988. Contudo, ele salienta a existência da invasão que ocorreu no bairro no período inicial. Pessoas que ocuparam e construíram suas casas, mesmo sem

⁸ Francisca Rosa Damaceno é Coordenadora de Apicultura na Secretaria de Agricultura da Prefeitura Municipal de Picos, e é atualmente a Presidente de Associação de Moradores do Bairro Parque de Exposição.

⁹ Eduardo Pereira Lopes mora a 27 anos no bairro Parque de Exposição, é cantor de rap, grafiteiro e professor de Hip Hop, foi também presidente da Associação de Moradores do Bairro por três anos.

terem recebido essas doações, e por causa disso até hoje sofreriam com a falta de regularização de suas habitações.

Eu me mudei para o Parque de Exposição em 1988, tinha 8 anos de idade, minha mãe ganhou um terreno aqui, estava começando a invasão nessa época era poucas casas que existia, a gente veio morar aqui. Acho que uma única solução de conseguir a sua casa própria, na realidade na época era bem difícil. O terreno foi uma doação do prefeito chamado Abel de Barros Araújo, ele tava doando vários terrenos aqui, e a gente foi contemplado com um desses terrenos, e a gente veio morar na época era casa de pau a pique, que é de taipa, tinha muitas desses tipos de casas aqui, ocorria também tipo invasões, o pessoal chegava lotava, cortava um loteamento e fazia sua casa pra não pagar aluguel. Cara no início, em 88 quando a gente veio o prefeito quando dava o terreno, ele já dava também a escritura, só que com o passar dos anos quando ele saiu da prefeitura, que o Zé Neri assumiu, não dava mais documentação, inclusive tem várias casas aqui que não tem documentação nenhuma de terreno. (TED RAP, 2015).

Observamos que a mudança na prefeitura pode ter contribuído para a não regularização de muitas das casas que ainda hoje não possuem documentação no bairro Parque de Exposição. Contudo, veremos a frente que o mesmo prefeito que entrevistamos (dificultando a aquisição de terras e/ou de sua documentação legal) na doação de terrenos naquele momento, José Néri de Sousa, foi responsável por outras doações de casas no bairro Parque de Exposição. Por hora, voltamos nosso olhar novamente a outro ponto interessante na fala do depoente Ted Rap. Ele descreve as primeiras casas que compunham o bairro, como casas de taipa, onde não se tinha ruas traçadas, nem mesmo água canalizada ou calçamento. Essa descrição do bairro no seu período inicial é semelhante ao relato dos demais entrevistados. Segundo o depoimento de Maria Josefa Lacerda o mato era o cenário principal do bairro nos primeiros anos.

Só tinha terreno, não tinha casa, não tinha água, não tinha luz, não tinha nada. Aqui era tudo, nada, Manoel comprou e construiu a casa bem miudinha, era capaz de não se pôr em pé, porque naquele tempo as coisas era tudo difícil, ele tirava o pagamento fazia a feira, e o que sobrava da feira que ele deixava, comprava uma telha, um tijolo, era sempre comprando de coisinha pouca, aí a casa era bem baixinha, aí nós a levantamos, depois foi que ele a subiu, aí quando ele a levantou aqui, que a casinha aqui já tava pronta, as portas era um cavalete e umas tabas escorando, era só aquela choupaninha, não era desse tamanho não, aí nós saímos de lá das pedrinhas e vinemos pra aqui porque era nosso. Aí aqui não tinha quase ninguém, não tinha água, não tinha luz, *a água nós pegava ali perto de uma venda que tem, num chafariz que tinha*, aqui pra frente era só mato, mato que esse terreno aqui era do estado não sabe?, E era um rapaz que olhava aí, mas não tinha nada, nada, nada, só tinha mato, aí nós se aposentamos, aí quando nós se aposentamos a gente passou a aumentar a casa, quando ele morreu aqui ainda era tudo embrejado, aí já foi eu que fiz (se referindo a varanda), *aí no início não tinha luz também era o candeeiro*, depois chegou um vizinho ali e botou

luz na casa dele, aí Manoel comprou os postes de carnaúba aí o vizinho dali, que tem essa oficina aí foi disse seu Manoel compre os postes que eu lhe cedo a luz pra aí pra sua casa, que Ave Maria todo mundo gostava de meu velho. Aí ele cedeu né, aí Manoel comprou dois postes, duas de linha de carnaúba aí puxou a luz pra aqui, aí melhorou mais, aí depois foi que a prefeitura botou as luz mesmo. (Grifos nossos) (LACERDA, 2015).

Esse atraso na infraestrutura do bairro Parque de Exposição na década de 1980 era sentido também em outros bairros da cidade de Picos. A pesquisadora Maria Francisca de Sousa Rodrigues (2014) afirma que no início da década de 1980 o bairro São José na cidade de Picos passava por um lento processo de urbanização. Sendo constituído por muitos terrenos baldios, não possuía saneamento básico e nem mesmo água encanada. Os moradores tinham que se deslocar ao bairro Bomba para buscar água em chafarizes, do mesmo modo que ocorria no bairro Parque de Exposição, segundo a depoente Maria Josefa Lacerda (2015).

Esse lento desenvolvimento também ocorreu no bairro Centro da cidade de Picos. Segundo Neurivan de Brito Freire (2014), na década de 1980 o bairro Centro era formado por ruas sem calçamento, sem saneamento básico, os moradores não dispunham de água encanada e a iluminação pública existente era precária.

Outro fragmento urbano da cidade de Picos que passava por um lento processo de urbanização e desenvolvimento foi o bairro Boa Vista. Segundo a pesquisadora Ana Beatriz de Matos (2014)¹⁰ este bairro também não possuía água encanada no início da década de 1980. Esse problema urbano chegou inclusive a ser noticiado pelo jornal Voz de Picos, em matéria de 21 de março de 1983, como podemos observar na transcrição da matéria abaixo:

Prefeito promete mandar água para Boa Vista

Segundo Paulo Afonso leal, um dos integrantes da equipe que está fazendo um estudo detalhado dos problemas dos bairros Passagem das Pedras e Boa Vista, o prefeito Abel de Barros Araújo, prometeu a turma que o foi visitar no último dia 18, sexta-feira, apresentando o problema de falta de água no bairro Boa Vista, que a partir do dia seguinte mandaria um carro pipa abastecer a população, enquanto não fosse instalado o sistema de abastecimento canalizado, pela Agespisa.

O bairro Boa Vista é pouco conhecido, devido ser novo e ficar um pouco escondido, depois da Passagem das Pedras, e o fornecimento de água ali é inexistente, embora já exista energia elétrica que foi instalada durante a campanha eleitoral do ano passado. As pessoas usam água retirada de um poço tubular, mediante o pagamento de uma taxa mensal. A água não

¹⁰ Cf. Matos, Ana Beatriz de. **Os Picos do Belo Horizonte que eu vou alcançar!** História e Memória do Bairro Boa Vista na cidade de Picos-PI (década de 1980). Artigo produzido originalmente para a disciplina de Cidades e História, do curso de Licenciatura plena em História, ministrada pelo Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos, no período de 2014.2, na Universidade Federal do Piauí, Campus de Picos.

recebe o menor tratamento e fica exposta a ação do vento, recebendo poeira e outros distritos.

Agora, com esta promessa do Prefeito em mandar água em um carro pipa, pelo menos temporariamente, as pessoas residentes naquele bairro não precisarão padecer para conseguir água. O prefeito prometeu também, fazer junto a Agespisa, um estudo para a instalação da água encanada no bairro.

Existe nos bairros Passagem das Pedras e Boa Vista, uma comissão que está fazendo um estudo minucioso dos problemas existentes neles, e procurando encontrar as soluções mais viáveis, para apresenta-las às autoridades competentes. Segundo Paulo Afonso, esta apresentação do problema de falta de água em Boa Vista foi o primeiro e ao que parece deu resultado satisfatório, o que anima a turma a prosseguir com o trabalho. (PREFEITO, VOZ DE PICOS, 1983).

O jornal relata que o prefeito Abel de Barros Araújo prometia enviar um carro pipa para abastecer as casas da população do bairro Boa Vista, enquanto o sistema de abastecimento de água não fosse instalado. Na mesma matéria é exposto que o bairro já possui energia elétrica, mas que, no entanto, essa instalação teria se dado em um período de campanha eleitoral no ano anterior. Ou seja, menos de um ano antes e em um momento onde um recurso necessário é dado a população como um benefício da gestão de tal prefeito.

Dessa forma percebemos que a precariedade na infraestrutura do bairro Parque de Exposição no seu processo de formação, não foi exceção em relação a outros bairros da cidade de Picos no mesmo período. Podemos ainda comparar o lento desenvolvimento desses bairros da cidade de Picos, com o ocorrido na cidade maranhense de Timon, onde o historiador e professor Raimundo Nonato Lima dos Santos (2007), afirma em sua dissertação de mestrado, que na mesma época, ou seja, na década de 1980, ainda não havia água canalizada nas casas de Timon e as pessoas utilizavam água de um chafariz na praça da cidade maranhense, não havendo também energia elétrica em todas as casas, sendo estas iluminadas por lamparinas. Do mesmo modo a depoente Maria Josefa Lacerda (2015) descreve no seu depoimento, que no bairro Parque de Exposição ainda não havia energia elétrica em todas as casas e nem água canalizada na década de 1980.

Além das dificuldades pela falta de energia elétrica, de água encanada e de saneamento básico percebemos pelos depoimentos dos entrevistados e das informações sobre o processo de urbanização de diferentes bairros, que os moradores do bairro Parque de Exposição e de modo geral dos moradores da cidade de Picos e da cidade de Timon no Maranhão sofriam na década de 1980 com as mesmas dificuldades sentidas pela população do restante do Brasil. Pois, o país passava por um lento processo de redemocratização

saindo da ditadura e sofrendo com a situação econômica. Situação essa especialmente sentida no Piauí, onde o lento processo de desenvolvimento econômico do Estado contribuiu para a dificuldade no processo de urbanização. Segundo o historiador e professor Raimundo Nonato Lima dos Santos (2007), o desenvolvimento urbano nas cidades do interior do Brasil ocorreu de forma mais lenta devido aos escassos recursos das prefeituras gerados pela centralização política dos governos militares.

Outro ponto a ser destacado no relato da depoente Maria Josefa Lacerda, é que diferente da maioria dos entrevistados a mesma não adquiriu o terreno por doação, mas através da compra de um indivíduo que teria ganhado o terreno. Segunda a mesma:

Aqui era tudo, nada, só o terreno, ai um rapaz que tinha tirado um terreno, ai quis vender, ai Manoel tinha tirado o pagamento na sexta, na sexta fez o vale, ai quando foi no sábado o rapaz apareceu vendendo o terreno aqui, não tinha nada aqui, não tinha nada, ai a minha menina que morreu, já morava ali embaixo, ai ela correu depressa nas pedrinhas, nós morava nas pedrinhas, papai tem um terreno pra vender e é mesmo como papai gosta virado pra nascente, ai ele disse é minha filha eu não vou comprar o terreno não, porque eu fiz o vale sexta-feira, não posso fazer vale novamente, só na outra semana, ai Adriano o neto que eu criei tinha um dinheirinho na caixa, ele estudava vendia dida e lavava carro, ai ele juntava o dinheiro e dava a Manoel pra colocar na caixa no nome de Manoel porque ele era pequeno, ai ele juntava pra comprar uma bicicleta, nesse tempo uma bicicleta, quem podia ter era como uma mota ou um carro hoje, era poucos que podia comprar, era difícil, ai ele disse que dava o terreno por cem cruzeiros, ai Adriano disse pois papai vá na caixa e repare quanto é que tem e ai pai compra o terreno que quando a gente sair daqui já vai para o que é da gente, ai Manoel foi e o dinheiro dava o mesmo a conta para comprar o terreno, naquele tempo 100 cruzeiros era um dinheirão. Ai Manoel foi e comprou. (Grifos nossos) (LACERDA, 2015).

Percebemos pelo relato da depoente que o terreno adquirido na época custou 100 cruzeiros e que esse valor corresponderia a uma quantia equivalente ao preço de uma bicicleta naquele período, pois adquirir tal veículo era o objetivo da poupança que o neto da entrevistada fazia. Ainda que consideremos a fala da depoente ao dizer que naquele período uma bicicleta custasse caro, o fato do dinheiro guardado na caixa pelo garoto ser suficiente para a compra do terreno no bairro Parque de Exposição demonstra que os terrenos nesse local eram baratos.

Podemos fazer essa análise na medida em que o salário mínimo em 1988 corresponderia a 333.120,00 cruzeiros, como pode ser comprovado por meio da Carteira de Trabalho e Previdência Social do mecânico José Antônio de Moura, funcionário da Empresa Viação Piauí LTDA, com a data de 06 de abril de 1988. Assim, o valor do terreno no bairro não chegava a um terço de um salário mínimo. Esse preço tão baixo pode ser

explicado pela formação do bairro. Os terrenos eram doados pela prefeitura para pessoas de baixa renda, embora segundo os entrevistados não fosse necessário a comprovação dessa baixa renda. Podemos supor que somente quem de fato não possuía casa própria iria procurar a prefeitura, pois habitar de livre e espontânea vontade um bairro novo sem nenhuma urbanização e com condições de infraestrutura precárias, como era o caso do bairro Parque de Exposição se fazia em um momento de necessidade. No entanto, como vimos outros bairros da cidade de Picos na década de 1980 sofriam da mesma lentidão no processo de desenvolvimento urbano. Então, porque outros sujeitos que já possuíam casa ou que tinham uma melhor condição econômica não migraram para o bairro Parque de Exposição?

Acreditamos que a resposta tem uma explicação histórica. Outros bairros da cidade de Picos, como o bairro Boa Vista teriam iniciado sua formação a partir da compra e venda de terrenos, já o bairro Parque de Exposição como abordamos surgiu a partir de doação da prefeitura de terrenos para quem não possuísse moradia. Muitos habitantes da cidade de Picos que moravam em localidades longe do Centro da cidade, ou que pagavam aluguel e não tinham casa própria migraram para o bairro Parque de Exposição. Essa forma inicial de formação teria iniciado um processo de discriminação do bairro Parque de Exposição pelos moradores de outros bairros da cidade de Picos. Passava-se a olhar para o bairro Parque de Exposição como um local agregador de pobres e favelados.

Isso ocorreu também porque segundo o morador Ted Rap, muitos chegaram ocupando e levantaram suas casinhas sem autorização da prefeitura. O que podemos supor teria ocorrido pela necessidade de possuir uma casa própria. Além disso, praticamente todos os nossos entrevistados que foram morar no bairro Parque de Exposição, ainda no momento de sua formação, eram agricultores. Ou seja, não recebiam um salário fixo, dependiam do inverno para ter recursos para sua subsistência e comercialização. Esses moradores (que representavam uma parcela daquela comunidade) viviam momentos com algum recurso financeiro e passavam por grandes períodos de dificuldades econômicas.

Nesse sentido percebemos que uma das primeiras raízes do estigma que afetou o bairro e levou a seu processo de estigmatização foi a suposta pobreza da população que o ocupa, já que desde seu início pessoas com baixa renda viveriam nesse local.

Dessa forma, o bairro Parque de Exposição foi considerado pela população picoense como um local pobre e precário desde sua formação. Essa construção se deve especialmente a imagem que se cristalizou desse local a partir de discursos como os proferidos pela indústria midiática. Como os jornais que circulavam na cidade de Picos e

que especialmente nas décadas de 1990 e 2000 destacavam a precariedade e pobreza do bairro Parque de Exposição. Podemos observar um exemplo desse discurso estigmatizante na matéria do “Jornal de Picos” de 9 junho de 2000.

Parque de Exposição vive em abandono

A total falta de infra-estrutura urbana no Parque de Exposição, associada à ausência constante do poder público municipal em termos de assistência de saúde, educação e segurança submete os cerca de 2 mil moradores do bairro a condições de vida sub-humanas. Sem calçamento e sistema de esgotos ou saneamento básico, nem coleta de lixo, os dejetos urbanos são jogados no meio das ruas, que ficam totalmente intrafegáveis. (PARQUE DE EXPOIÇÃO, JORNAL DE PICOS, 2000, p. 01).

A matéria em questão na capa do jornal – a partir do título “Parque de Exposição vive em abandono” – aborda o suposto abandono do poder público em relação ao bairro Parque de Exposição devido à sua falta de infraestrutura urbana. Dessa forma, ainda quem não se interessasse pela matéria completa, apenas pelo pequeno texto de capa já perceberia o bairro Parque de Exposição como um local pobre e esquecido pelo poder público e seria levado a acreditar que os moradores viveriam em condições de vida sub-humanas. Quem lê-se a matéria completa, por sua vez, seria colocado ainda mais diante de toda “pobreza” e “mazelas” dos moradores do bairro. Aprofundaremos a análise completa desse jornal no segundo capítulo, por hora salientamos que matérias como essa ajudaram no processo de estigmatização do bairro como local pobre.

Os moradores do bairro Parque de Exposição, por sua vez, passaram a ser discriminados, não por marcas aparentes, mas pelo significado que foi atribuído ao seu local de vivência e moradia na cidade. O sinal, nesse caso, o atributo que diferenciava os moradores do bairro Parque de Exposição dos demais, é unicamente o endereço. Eles pertenciam, a um local estigmatizado, logo, o estigma também passava a lhes pertencer.

Acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construimos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. (GOFFMAN, 1988. p.15).

Percebemos que os estigmas são atribuídos, muitas vezes, com base em outras diferenças. A primeira diferença que permeia os moradores do bairro Parque de Exposição é o modo como mesmo foi formado, através de doações de terreno. Para, além disso, outro elemento que contribuiu para o estigma de pobreza atribuído ao bairro foi o lento processo de desenvolvimento do mesmo, que embora se assemelhe as dificuldades enfrentadas por

outros bairros da cidade de Picos, como já abordamos, ainda hoje (2015) sofre com a precariedade de sua infraestrutura.

Os demais bairros que citamos e que passavam por um lento processo de urbanização na década de 1980, como o bairro Boa Vista, São José e Centro sofreram grandes transformações ao longo dos anos. E, embora os bairros Boa Vista e o São José tenham sofrido um processo de marginalização semelhante ao do bairro Parque de Exposição, somente este último ganhou um maior status de pobre e esquecido, justamente porque é o menos desenvolvido urbanisticamente até hoje (2015).

Podemos observar essa realidade a partir de imagens comparativas do bairro Parque de Exposição ao longo dos anos:



Figura 5: Urbanismo/ Esgotos a céu aberto formam crateras que tornam ruas intrafegáveis. Jornal de Picos, 09 de junho de 2000.

Fonte: Acervo pessoal do Jornalista Francisco Silva. 2015.

A foto acima remete a manchete do Jornal de Picos do ano 2000 que apresentava o bairro Parque de Exposição como abandonado pelo poder público. O texto dizia que o bairro não possuía calçamento, nem sistema de esgotos e nem saneamento básico. Afirmções confirmadas pela foto acima e pelos depoentes do presente trabalho. O jornal afirmava ainda que a situação piorava a partir da época das chuvas, quando a água escoada pelas ruas chegava a invadir residências.

Temos abaixo uma foto do ano de 2015 onde já podemos observar as diferenças das ruas do bairro Parque de Exposição de *hoje* para o bairro Parque de Exposição de *outrora*.



Figura 6: Rua Francisco Matias dos Santos no bairro Parque de Exposição. 2015
Fonte: Acervo pessoal de Mariana Floracir de Moura. 2015.

Segundo a depoente Francisca Rosa Damaceno (2015), o calçamento foi implantado em 2001 e o saneamento básico no final de 2013, depois da população, especialmente através da Associação de Moradores, muito lutar para a implantação desse serviço.

Contudo, ao passarmos pelo bairro durante nosso processo de pesquisa, percebemos permanências que demonstram como as deficiências na infraestrutura urbana ainda são gigantescas. Ressaltamos, por exemplo, que o calçamento, serviço necessário a uma cidade urbanizada, onde o tráfego de veículos ocorre de modo intenso, embora tenha sido implantado no bairro a partir de 2001, não ocorreu em todo o bairro, inúmeras ruas continuam sem calçamento, ou já estão com o calçamento praticamente destruído. Observamos ainda que inúmeras ruas possuem esgoto a céu aberto, o que acarreta sérios riscos a saúde da população. Como podemos observar na foto abaixo:



Figura 7: Rua Projetada no bairro Parque de Exposição. 2015.

Fonte: Acervo pessoal de Mariana Floracir de Moura. 2015.

Um dos fatores mais agravantes da falta de calçamento e mesmo limpeza da Rua Projetada, exposta na foto acima, é que existe uma escola nessa rua, o Centro Educacional Maria Gil de Medeiros, uma escola municipal, e na qual estudam grande parte das crianças do bairro, sendo essas sujeitas a todo tipo de malefícios que um ambiente sujo pode propiciar.

Outro fator que se repete da manchete “Parque de Exposição vive em abandono” do Jornal de Picos do ano 2000, é que o mesmo afirmava o problema que se formava na época de chuvas no bairro, podemos observar que esse problema permanece e ainda afeta a vida de muitos moradores do bairro Parque de Exposição na atualidade.



Figura 08: Lama invade residências na Rua Francisco Matias dos Santos no bairro Parque de Exposição. 2015.

Fonte: Acervo pessoal de Mariana Floracir de Moura. 2015.

A Rua Francisco Matias dos Santos exposta na foto acima é uma das mais afetadas com o período das chuvas, pois, a água volta e ocupa a rua, chegando muitas vezes a invadir as casas. Segundo a depoente Francisca Rosa Damaceno (2015), esse sempre foi e é o grande problema do bairro Parque Exposição, a infraestrutura do mesmo.

O problema do bairro é a questão da estrutura, e não é um problema tão pequeno não, porque a infraestrutura interfere em muita coisa, porque tem a questão do transporte, de locomoção, por exemplo, nós temos pessoas com deficiência, quer dizer eu acho que é um problema e não é pequeno. Eu acho que o grande problema aqui, o que falta mesmo é ação, é a ação mesmo do poder público, e de políticas públicas. (DAMACENO, 2015).

Refletindo a fala de nossa entrevistada acima citada, pensamos se o poder público não olharia para o bairro Parque de Exposição, como um modo de garantir futuros eleitores a partir da velha política do assistencialismo. Assim, como na República Velha tínhamos o voto do cabresto, teríamos agora o voto da troca de favores? Sobre as dificuldades do funcionamento dos serviços públicos no bairro o morador Ted Rap afirmou:

É uma briga constante irmã! Entra governo e sai governo e a gente tá lá! Fui Presidente da Associação de moradores daqui por três anos e a briga era constante para pôr uma lâmpada, para ajeitar um cano furado, e igual a mim tem outras pessoas nos bastidores que faz isso e muita gente não enxerga, a gente tá lá brigando com os vereadores, com prefeito todos os dias, infelizmente ainda existe essa do assistencialismo, de não fazer pra quando for época de eleição dá um saco de cimento, uma carrada de areia e achar que tá tudo certo, eu acho que a gente da Exposição é marcado, viu cara?, porque não pode eu vou fazer quase trinta anos que moro nesse bairro e continua do mesmo jeito. Não tem asfalto, não tem calçamento, veio o saneamento porque a gente brigou muito que viesse, quando veio o projeto foi uma época que eu era Presidente da Associação de moradores, fiquei sabendo do projeto, chamei uma meia dúzia de companheiros e fomos lá brigar pra que viesse pra o nosso bairro, se não teria destinado pra outro bairro burguês ou coisa desse tipo. (TED RAP, 2015).

Contudo, não partiremos aqui para uma análise política da ação ou falta de ação do poder público sobre o bairro Parque de Exposição, mas, o que nos interessa é como as ações até aqui realizadas ou mesmo não realizadas foram contribuindo para a estigmatização desse espaço diante da cidade a qual ocupa.

Salientamos que ocorreram transformações ao longo dos anos, alguns serviços básicos, como o da limpeza das ruas tem funcionado com eficiência, assim como o acesso a saúde tem melhorado, já que agora o bairro conta com um posto de Saúde. Inúmeras construções surgiram, comércios, lojas, enfim. Houve avanços no desenvolvimento urbano do bairro.

No entanto, o que nos chama atenção são as permanências. Muitas ruas permanecem sem calçamento, muitas ruas ainda tem esgoto a céu aberto, o mato ainda é o cenário em algumas delas. E as dificuldades geradas aos moradores ainda se assemelham aos problemas dos começos do bairro. Por exemplo, o serviço de transporte público é ineficiente, os motoristas dos ônibus se recusam a entrar no bairro na época das chuvas e justificam a recusa devido às ruas do bairro Parque de Exposição estarem intransponíveis por causa da buraqueira e da lama. Isso dificulta a vida dos moradores, que tem que andar a pé do Junco, até suas casas e de suas casas até a parada do Junco, bairro este vizinho ao Parque Exposição. Assim, ao passearmos pelo bairro ainda notamos a precariedade urbana no qual o mesmo permanece inserido, o que reforça o estigma de pobreza criado ao longo dos anos.

Nesse sentido, como afirma Rolnik (1995), assim como a cidade descreve a si própria através do olhar, o mesmo acreditamos ocorre com o bairro. Quem também retrata a cidade através dessa dimensão descritiva é Italo Calvino (1990). Para esse literato,

[...] O olhar percorre a rua como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes. (CALVINO, 1990, p.18).

Entendemos que o bairro possui essa mesma característica descritiva das cidades e conta-se ao observador, a precariedade ainda existente na infraestrutura do bairro Parque de Exposição, termina por reforçar o estigma de pobreza que o mesmo adquiriu desde sua formação.

Durante nossa pesquisa, o bairro Parque de Exposição, sofreu uma ação municipal, aqui nos deparamos, com as dificuldades e o prazer de trabalhar com um objeto vivo da História, passível de transformação. Foi realizado um Projeto intitulado “Prefeitura Itinerante”, que ocorreu no primeiro semestre de 2015. Inicialmente o projeto seria realizado em dois bairros da cidade de Picos: Parque de Exposição e Morada do Sol, mas com a mudança de gestão na prefeitura (o prefeito Kléber Eulálio se afastou do cargo e o vice-prefeito Padre Valmir Lima assumiu a administração pública municipal), o projeto acabou acontecendo somente no bairro Parque de Exposição.

O projeto “Prefeitura Itinerante” teve como objetivo reunir a Secretaria de Obras e Iluminação Pública e a Secretaria do Meio Ambiente da prefeitura através de um trabalho em conjunto para promover melhorias nos bairros escolhidos. Quando questionamos a

presidente da Associação de Moradores os motivos do bairro Parque de Exposição ter sido escolhido o primeiro a receber o projeto, Francisca Rosa Damaceno respondeu:

Não sei porque o Parque Exposição foi o primeiro, mas acredito que tenha sido porque o Parque Exposição e a Morada do Sol são os bairros que tem mais dificuldades, mas eu andei lá um dia nesse na Morada do Sol o acesso acredito que tá melhor que aqui, eu acho que também porque essa administração que assumiu, uma das promessas dele, é que iria olhar pra a Exposição, iria cuidar primeiro. (DAMACENO, 2015).

É possível observar pela fala da presidente da associação, que de fato o bairro Parque de Exposição necessita de melhorias na infraestrutura e por isso seria o primeiro bairro escolhido para o projeto. Mas, também é possível perceber que essa promessa em relação ao bairro pode ter sido um fator para o critério de seleção. Não questionamos aqui que promessas políticas não possam ser feitas, e muito menos o fato de serem cumpridas. Entendemos que esse é de fato o dever do poder público, promover melhorias reais para a população.

Entretanto, questionamos a intencionalidade das promessas em relação ao bairro, porque essas podem também contribuir para a fixação de uma ideia em relação a esse espaço da urbe de Picos, na medida em que, salientar a todo tempo, que o bairro necessita de recursos, de reformas e de transformações contribui para cristalizar a imagem de bairro pobre e com uma população carente.

Do mesmo modo que ao tentar tornar as dificuldades do Nordeste visíveis contribuiu para a construção de estigmas negativos em relação a essa região e aos nordestinos, o chamar atenção às mazelas do bairro contribuiu para a construção do estigma de pobreza que o ronda. Assim como afirma João Carlos de Freitas Borges e Idelmar Gomes Cavalcante Júnior (2013), a identidade indesejada do Piauí foi constituída por meio de um discurso construído na virada do século XIX para o século XX por literatos e intelectuais piauienses como Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e Abdias Neves que preocupados com o isolamento e esquecimento do Piauí e desejando dar-lhe maior espaço no cenário nacional passaram a produzir uma história do Piauí denunciativa, que retratasse as mazelas sociais do Estado para que o mesmo fosse olhado com atenção.

No entanto, esses intelectuais ao enfatizarem o abandono social, a suposta ignorância e superstição de sua gente, o isolamento físico e o determinismo geográfico acabaram por cristalizar uma imagem do Piauí e do piauiense negativa e o que deveria ser combatido se tornou a marca da piauiensidade. Ou seja, constituiu essa identidade indesejada de atraso, fome, seca e tristeza. Esses sujeitos ao falarem sobre os problemas

que o Piauí enfrentava no desejo de poder resolvê-los terminaram por reforçar e estigmatizar o Piauí marcando o piauiense com atributos como: “tímido”, “humilde”, “passivo”, “indolente”, “fraco”, “atrasado”, “conservador”, “magrelo”. Assim, a identidade se constitui com o que é descrito pela linguagem e se constrói por meio dela como podemos observar na citação do pedagogo Tomaz Tadeu da Silva:

Em geral, ao dizer algo sobre certas características identitárias de algum grupo cultural, achamos que estamos simplesmente descrevendo uma situação existente, um “fato” do mundo social. O que esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo. (SILVA, 2000, p. 93).

Nesse sentido matérias que retratam a precariedade e deficiências do bairro Parque de Exposição e a necessidade de melhorias no mesmo terminam por reforçar e cristalizar a imagem de bairro pobre dentro do cenário picoense. Como é provável que a imagem abaixo publicada em um site da cidade de Picos tenha feito.



Figura 09: Prefeitura Itinerante: Ruas do Parque de Exposição recebem melhorias. 2015.

Fonte: PREFEITURA Itinerante: Ruas do Parque de Exposição recebem melhorias (2015). **Prefeitura Municipal de Picos.** CCom/quinta-feira, 12 março, 2015. Disponível em <http://www.picos.pi.gov.br/rotativos/prefeitura-itinerante-ruas-do-parque-de-exposicao-recebem-melhorias>. Acesso em 20 mar. 2015.

A foto acima foi publicada com a matéria tendo por título em letras garrafais a seguinte frase: “*Prefeitura Itinerante: Ruas do Parque de Exposição recebem melhorias*”. Como afirmamos anteriormente, não questionamos o projeto e sua realização. Primeiro, porque acreditamos de fato que o bairro necessita de amplas melhorias em sua estrutura física, pois como vimos o mesmo apresenta muitas dificuldades em sua infraestrutura urbana e segundo porque o resultado trouxe benefícios para a população. Foram realizados

serviços de limpeza, capinação, recuperação, iluminação e sinalização em algumas ruas do bairro e a reforma de uma praça.

O que queremos salientar são os perigos que essa forma de expor determinadas manchetes acarreta, pois contribui para a estigmatização que já existe em torno do bairro desde seus começos. No entanto, deixaremos para aprofundar essa discussão no segundo capítulo quando trataremos de que modo o olhar da mídia contribuiu e continua a contribuir para a formação dos estigmas em torno do bairro Parque de Exposição. Por hora, é interessante percebermos como o estigma de pobreza se mantém ao longo do tempo, e como é reforçado diariamente a partir de publicações como essa manchete exposta no site.

1.2 “As casinhas e os cortiços”: A relação entre pobreza e criminalidade no Brasil.

Para além da precariedade da infraestrutura do bairro Parque de Exposição, que de fato existe e persiste ao longo do tempo, outro fator contribuinte para seu estigma de pobreza foi a sua formação ocorrer a partir de doações da prefeitura, que assim teriam propiciado o surgimento de um bairro visto como favelado dentro da cidade de Picos.

No entanto, esse estigma teria alcançado seu auge a partir do ano de 1998 quando o prefeito, na época, José Néri de Sousa, teria feito novas doações – semelhante ao prefeito anterior Abel de Barros Araújo (1983-1988) – mas dessa vez, não de terrenos e sim a doação de pequenas casas populares. Essa doação fez parte de uma ação local, resultante de uma reivindicação dos garis, mediante consta na própria justificativa da Câmara Municipal para o referido projeto de doação das casas populares como podemos observar em alguns trechos da Lei nº 1970 de 23 de novembro de 1998, abaixo citados:

JUSTIFICATIVA

Picos(PI), 23 de Novembro de 1998

Senhores Edis, a proposição ora levado a efeito tem escopo principal, atender uma justa e antiga reivindicação dos garis desta prefeitura, pois são eles, de fato merecedores de tal benefício, já que constituem uma parcela da classe de servidores do quadro municipal, menos favorecida.

É dever do Município, garantir a justiça social, e justiça social só se pratica, mediante a erradicação das causas da pobreza nela se inserindo também a questão da falta de moradia, é exatamente esse alvo, que pretendemos atingir. Mas para tanto, contamos com os bons préstimos de V. Ex.as., Protestos de estima e distinta consideração.

José Néri de Sousa

Prefeito Municipal

(Projeto de Lei 1970 de 23 de novembro de 1998).

Essas construções foram chamadas *casinhas* pela população e até hoje são assim conhecidas pelos moradores do bairro Parque de Exposição e da cidade de Picos. As *casinhas* são vistas como o local mais pobre e violento do bairro Parque de Exposição. Mas, para entendermos os porquês dessa afirmação, é necessária compreender como elas surgiram e como pobreza e violência foram relacionadas no Brasil.



Figura 10: Rua das Casinhas no bairro Parque de Exposição. 2015.

Fonte: Acervo Pessoal Mariana Floracir de Moura. 2015.

Segundo o Projeto de Lei nº 1970 de 23 de novembro de 1998, encontrado na Secretaria Municipal da Câmara de Vereadores de Picos, as *casinhas* surgiram a partir da doação de vinte e seis lotes de terrenos para garis, servidores municipais estatutários, e trinta e quatro lotes de terrenos seriam sorteados entre garis prestadores de serviços, onde nos terrenos já se encontrariam as casas construídas, totalizando sessenta casas populares. Como podemos observar em alguns parágrafos da lei, citados abaixo:

O PREFEITO MUNICIPAL DE PICOS, no uso de suas legais atribuições, etc. Faço saber a todos os Munícipes que a Câmara Municipal aprovou e Eu sanciono e promulgo a seguinte lei:

Art. 1º - Fica o Chefe do Poder Executivo Municipal autorizado a doar em favor, dos Garis, Servidores Municipais, 60 (sessenta) lotes de terrenos, onde já se encontram encravadas 60 (sessenta) casas populares, que serão destinadas as suas moradias. Referidos lotes e casas populares pertencem ao Patrimônio deste município, e perfaz uma área de 6.691,62m²(seis mil, seiscentos e noventa e um metros quadrados e sessenta e dois centímetros), destacada de uma gleba de terras, do patrimônio municipal com 1 hectare, 25 ares, e 74 centiares, confrontando-se ao Norte com o CAIC; ao Sul com o loteamento Parque de Exposição nº2; a Leste com o loteamento Parque de Exposição nº 1 e ao Oeste com área de terras pertencente ao patrimônio Municipal (Centro de Controle de Zoonoses), situados no Bairro Junco, Setor 06, nesta cidade de Picos-PI.

Art. 2º - A doação a que se refere o artigo anterior, será gravada com cláusula de inalienabilidade e resolutiva.

Art. 3º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE PICOS EM, 23 DE NOVEMBRO DE 1998. (grifos do autor) (Projeto de Lei nº 1970 de 23 de novembro de 1998).

No artigo 2º é perceptível a ressalva que é feita para a doação, é exigido a cláusula de inalienabilidade, que significa, que o donatário da moradia não poderia vender, doar, trocar, alugar ou mesmo dar a casa até a terceira geração, o que é perceptível, não ocorreu. Pois, dezessete anos após a doação, deveria ainda essas habitações ser compostas pelos garis ou familiares, o que na maioria dos casos, não ocorre. Em relação à doação para garis prestadores de serviços, a doação foi feita com cláusula resolutiva, ou seja, rescindido o contrato de trabalho com a administração, o bem, voltaria automaticamente ao patrimônio municipal.

No entanto, a questão é que o fato das casas serem doadas para garis, mesmo quando não permaneceram com eles, contribuiu para a estigmatização da pobreza do bairro, e conseqüentemente de seus habitantes. Pertencer ao bairro Parque de Exposição passava a significar ter um estigma não aparente, desacreditável. Segundo Goffman (1988), esse tipo de estigma não é visível ou facilmente identificável, mas quando detectado surge o mesmo efeito. Ou seja, quando um indivíduo do bairro chegava a um local, não era discriminado inicialmente, mas quando as pessoas descobriam sua origem passavam a discrimina-lo, segregando-os, com mesmo furor que o teriam feito se já soubessem de seu atributo.

Essa segregação gerada pelo atributo de um indivíduo pertencer a um lugar geográfico estigmatizado não é algo restrito aos moradores do bairro Parque de Exposição, mas é sentido em todo mundo por sujeitos discriminados por seu lugar de vivência. Segundo Santos (2007), era o que ocorria, por exemplo, com um aluno da cidade de Timon-MA que fosse estudar em uma escola de Teresina-PI na década 1980. Ou com um sujeito que vivesse em Timon e fosse trabalhar em Teresina. Em ambos os casos esses sujeitos sofreriam constrangimentos diários, pois Timon possuía os estigmas de cidade dormitório e cidade-sem-lei. E ao possuir esses estigmas, os moradores da cidade o carregariam com si aonde essa estigmatização fosse conhecida.

Segundo Goffman (1988), quando conhecemos alguém imediatamente lhe colocamos em um grupo sem perceber, por meio de suas características. Só percebemos essa classificação, quando o sujeito desconhecido possui um elemento que o difere dos

grupos e assim não se encaixa neles. Esse elemento, essa característica que o difere, é um atributo, que nos faz imediatamente isolá-lo do restante do grupo.

Esse atributo só vira estigma se for incompatível com as características que nós criamos para identidade social virtual do sujeito. Ou seja, nós esperamos que os sujeitos tenham determinadas características, quando não o tem, eles são estigmatizados a partir daquele atributo, que passa a ser a representação do porque eles estão fora do grupo. O atributo que diferenciava e segregava os moradores do bairro Parque de Exposição e os moradores da cidade de Timon, era apenas seu endereço, por isso muitas vezes escondido.

Assim, quem morasse no bairro Parque de Exposição era visto como pobre e seria visto como mais pobre se morasse nas *casinhas*. Pois, servidores municipais-garis, ou qualquer pessoa que exercesse atividades “pesadas” ou “braçais” no Brasil eram (ainda são) vistos com discriminação. E foi a partir da ideia de pobreza que se abriu caminho para o maior e mais forte estigma de todos que marcaria o bairro Parque de Exposição: o estigma da violência.

Para entender como se construiu essa associação entre pobreza e violência ou mais claramente entre pobreza e criminalidade, voltamos nossa análise para o final do período imperial e primeiras décadas da República no Brasil. Estamos cientes do grande recuo temporal em relação ao nosso objeto de estudo, no entanto, acreditamos que nesse período encontram-se os começos de uma equivocada naturalização histórica que perdurou por todo o século XX e o limiar do XXI.

Segundo o historiador e pesquisador Sidney Chalhoub (2001), com o fim do regime escravista as elites brasileiras temiam o que se faria com a mão de obra livre e ex-escrava que circularia pelo país, pois não era mais possível controlar sua força de trabalho pela propriedade. Era preciso então inculcar na sociedade um método de controle social que alcançasse os negros, mesmo em liberdade. Os parlamentares do imperador resolveram então criar uma nova concepção sobre a necessidade do trabalho para os indivíduos das classes populares. Mas, como convencer sujeitos que viviam até pouco tempo em uma sociedade escravista sobre a necessidade do trabalho? Como convencer sujeitos que trabalharam a vida toda e não ganharam nada com isso, além de sofrimento e segregação, sobre a importância do trabalho?

A ideia do ministro Ferreira Viana em julho de 1888 agradou a quase todos na Câmara dos Deputados. O ministro propôs um projeto de repressão à ociosidade. Os deputados diziam concordar com o projeto, pois a abolição poderia levar o país à desordem e ao caos. O referido projeto prometia transformar os ex-escravos ociosos em trabalhadores

livres. Os sujeitos considerados pelos deputados como incivilizados e não prontos para a vida livre se tornariam bons cidadãos quando passassem a amar o trabalho, independente do que obtivessem com isso. Assim, o interesse que havia por trás desse discurso nos parece já bem claro, com o fim da escravidão eles estavam preocupados em como garantir que os negros continuassem a acumular riqueza para seus ex-senhores.

O projeto, no entanto, era uma repressão à liberdade do negro. Ele determinava que pessoas ociosas seriam conduzidas a colônias de trabalho, onde realizariam especialmente atividades agrícolas e adquiririam o hábito do trabalho. A pena a ociosidade era de um a três anos para um “ocioso” reincidente. Segundo os deputados que aprovaram a lei, o projeto tinha um caráter educativo, pois regeneraria a moral do condenado, já que o negro era visto como sem nenhum senso de moralidade e a ociosidade seria a maior prova disso.

Dessa maneira, em um mundo que até pouco tempo a escravidão era a balança que sustentava a sociedade, o trabalho passava a ter muito valor. Mas, era o trabalho do pobre, porque se um rico era ocioso, significava que ele não trabalhava porque não precisaria. Nesse sentido, o rico ocioso não seria perigoso à ordem social, pois teria como se manter. Seria uma ociosidade boa e justa. Mas, um pobre? Um pobre não poderia ser ocioso, porque a ociosidade o levaria a perversão e a criminalidade. Um pobre ocioso representaria assim um perigo à ordem social. A ociosidade do pobre seria o primeiro passo para o crime. Estabeleceu-se assim a relação entre pobreza e criminalidade no Brasil.

Dessa forma, nossos parlamentares do final do período imperial alargaram a utilização do termo “classes perigosas”, surgido originalmente na Inglaterra e utilizado para pessoas que viviam a margem da lei, e passaram a utilizar como um sinônimo para “as classes pobres” do Brasil. Segundo Sidney Chalhoub (2001), os deputados afirmavam que os pobres apresentariam maior tendência à ociosidade. Seriam cheios de vícios e cairiam mais facilmente na criminalidade. Esses mesmos deputados teriam chegado à conclusão de que quem trabalhasse teria dinheiro, logo não seria pobre, se fosse pobre é porque não gostava de trabalhar, e assim teria o vício da ociosidade e esse o levaria a estar sujeito a outros vícios e, um vicioso, seria conseqüentemente um malfeitor. Com isso chegou-se a máxima: *pobres seriam viciosos, portanto malfeitores*. Podemos observar a crença nessa afirmação através de um relato de um deputado desse período, onde categoricamente, o mesmo afirmava a relação entre pobreza e criminalidade:

As classes pobres e viciosas [...] sempre foram e hão de ser sempre a mais abundante causa de todas as sortes de malfeitores: são elas que se designam mais propriamente sob o título de classes perigosas; pois quando mesmo o vício não é acompanhado pelo crime, só o fato de aliar-

se à pobreza no mesmo indivíduo constitui um justo motivo de terror para a sociedade. O perigo social cresce e torna-se de mais a mais ameaçador, à medida que o pobre deteriora a sua condição pelo vício e, o que é pior, pela ociosidade.¹¹

Esse discurso de “pobre igual a criminoso”, do século XIX, no Rio de Janeiro, cristalizou-se como uma memória nacional e assim, foi herdado e reproduzido pelos brasileiros/piauienses/picoenses ao longo do tempo. Segundo Michael Pollak (1989), esse é o grande problema da memória oficial – a sua credibilidade, sua aceitação e organização. Esse discurso foi proferido na época pela mídia, pelos médicos, pelos higienistas, pelos engenheiros e pelos políticos, ou seja, repassado pelos agentes que detinham o poder na construção dos discursos. Esses discursos oficiais tem grande alcance e tendem a ser transmitidos, aprendidos e vividos pelas gerações posteriores. E foi o que ocorreu com a ideia de nossos antigos deputados: pobres seriam mais sujeitos a vícios e mais sujeitos consequentemente a criminalidade.

Nesse sentido fica mais perceptível o que ocorreu com o bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos. O bairro se constituiu por meio da doação de terrenos da prefeitura a pessoas supunha-se de baixa renda, prontamente, conjectura-se que seus moradores seriam pessoas pobres, seguindo a lógica dos nossos antigos deputados, pessoas pobres são consequentemente mais sujeitas a vícios e, por conseguinte, a criminalidade. Logo, um ambiente de indivíduos propensos a crimes é um ambiente perigoso e violento. Construiu-se assim a porta para o estigma de violência que circunda o bairro Parque de Exposição.

É crível também ver a semelhança entre o preconceito contra os cortiços no período final do Império e começo da República com o preconceito atribuído “as casinhas” do bairro Parque de Exposição, a partir de um fator comum, os moradores. Ou ainda mais especificamente, moradores pobres. Segundo o historiador Sidney Chalhoub (2006), no Rio de Janeiro, no final do período imperial os aluguéis eram caros e os cortiços (habitações coletivas, populares, pequenas e insalubres) eram uma das poucas opções para negros libertos, escravos que viviam por si, para uma grande quantidade de imigrantes e também servia para as classes menos abastadas da população. Enfim, para as pessoas pobres sem alternativa viável.

Essas pessoas que habitavam os cortiços foram sendo associados a malfeitores, por meio de uma análise equivocada e injusta de deputados do Brasil do período inicial

¹¹ Anais da Câmara dos Deputados, 1888, vol.3, p.73 apud CHALHOUB, Sidney. 2001, p.76.

republicano. Esses deputados brasileiros fundamentavam seus argumentos em escritores europeus, especialmente a obra de um policial francês chamado Frégier¹² que considerava as classes pobres como classes perigosas. Ao que parece, nossos antigos parlamentares fizeram uma interpretação de modo que beneficiasse seus interesses. Pois, como vimos estavam preocupados em como garantir que os negros continuassem a trabalhar e sustentar a vida das elites, e seria também uma forma de repressão a liberdade, já que o negro saindo da escravidão, na qual não recebia nada, seria pobre e conseqüentemente considerado um suspeito, estando assim à margem da sociedade.

Grande parte desses negros e pobres viviam em cortiços, logo esses locais foram sendo vistos como locais de suspeitos. Houve então um processo sistemático de erradicação dos cortiços cariocas a partir de 1870, promovido por políticos como o prefeito Pereira Passos. Essa ação política municipal foi apoiada pelos interessados na especulação imobiliária (fortalecida com a valorização do solo urbano) e também pela política higienista de saneamento e de embelezamento da então Capital Federal. Assim, essas habitações foram destruídas de forma violenta e com apoio de uma parte da população que via nesses locais um “antro de suspeitos”, pois como afirmamos esse discurso foi aceito e repassado ao longo do tempo, chegando a nossos dias.

Dessa forma, a construção do estigma de criminalidade foi atribuída aos cortiços, devido os seus moradores, do mesmo modo que “as casinhas” do bairro Parque de Exposição são consideradas a parte mais perigosa do referido bairro por ser o local onde morariam garis, ou familiares desses servidores públicos tão marginalizados em nossa sociedade. Ou seja, se os moradores mais pobres do bairro morariam nas casinhas, logo as casinhas seriam o local mais sujeito a criminalidade e, portanto, o lugar mais perigoso do bairro, máxime essa aceitação e repetida pelos entrevistados do nosso trabalho.

No entanto, ao fazerem essa afirmação alguns moradores acabam por reforçar o estigma de violência a que o bairro é exposto. De modo geral, ao se referirem à violência do bairro eles próprios apontam as *casinhas*, como sendo o local responsável por toda violência do bairro. Podemos inicialmente assinalar um ponto interessante nessa percepção, que é a aceitação do estigma. Segundo Goffman (1988), essa aceitação é uma das fases pelas quais passa alguém estigmatizado.

Uma das fases desse processo de socialização é aquela na qual a pessoa estigmatizada aprende e incorpora os pontos de vista dos “normais”, adquirindo, portanto, as crenças da sociedade mais ampla em relação à

¹² M.A. Frégier. As classes perigosas da população nas grandes cidades.1840

identidade e uma ideia geral do que significa possuir um estigma particular. (GOFFMAN, 1988, p. 41).

Percebemos na fala dos entrevistados a aceitação do estigma de bairro violento, ainda que de forma dissociada de suas vidas, na medida em que, a maioria dos depoentes nunca sofreu nenhum tipo de violência no bairro, mas ainda sim consideram as *casinhas* como um local propício a violência. Segundo a entrevistada Maria Dulce Bezerra da Silva¹³:

Veio chegar mais violência, depois daquelas casinhas, viu falar nas casinhas? Foi depois que chegou essas casinhas na eleição de Zé Neri que veio muita gente de fora, o povo que recebeu as casa mesmo são violento não, a violência é daqueles que veio depois, muita gente fez casa pra alugar, vendeu terreno pra quem não era conhecido, aí que a violência cresceu mais, aí Zé Neri fez as 60 casinhas e deu pro pessoal, aí complicou tudo. (SILVA, 2015).

Segundo os depoentes as *casinhas* seriam um espaço especificamente perigoso, porque seria um local onde ocorreria tráfico de drogas. Ao longo da pesquisa foi impossível confirmar essa afirmação, ainda que além das falas dos entrevistados como a da Ducineide Bezerra da Silva¹⁴, 2015: “La nas casinhas tem briga, de vez em quando a gente vê falar nas confusões por causa de coisa de droga, dessas coisas assim, mas não corre pra cá não”. Ouvimos também diversos relatos extraoficiais da polícia e de moradores da cidade sobre a venda e o consumo de drogas nesse local.

Podemos considerar seriamente a fala dos entrevistados, não como um grau de acusação, mas pelo menos enquanto relatos de experiências e também enquanto relatos de memória coletiva, pois essa ideia é compartilhada por todos os entrevistados da nossa pesquisa. “A memória coletiva constitui-se de um conjunto de lembranças comuns às pessoas, sobre um determinado assunto, as quais recordam individualmente de forma singular enquanto membros de um grupo” (HALBWACHS apud SANTOS, 2007, p. 28). Segundo os depoimentos orais de Leide Maria Dias de Sousa¹⁵ e Maria Josefa Lacerda:

Lá nas casinhas é mais perigoso, porque dizem que lá tem muita gente que vende droga, que atrai pessoas assim, que vem comprar drogas, mas isso mais pra lá, que pra esse lado da gente, graças a Deus não tem não. (SOUSA, 2015).

Ai no início era calmo porque não tinha ninguém não, de jeito nenhum era calmo, veio ter violência (ela abaixa a voz) quando chegou esse povo, daqui que Zé Neri trouxe das casinhas, que trouxe lá do papelão,

¹³ Maria Dulce Bezerra da Silva tem 83 anos de idade, é agricultora aposentada e mora no bairro desde 1991.

¹⁴ Ducineide Bezerra da Silva tem 45 anos, é diarista e vive no bairro Parque de Exposição desde 1991.

¹⁵ Leide Maria Dias de Sousa tem 44 anos de idade, é doméstica e se mudou para o bairro Parque de Exposição desde 1997.

chamava papelão né? Ai fez ai as casinhas ai passaram para as casas e começou os roubos, eu mesmo fui atingida aqui. (LACERDA,2015).

Interessante à fala da depoente Josefa Lacerda, pois ao se referir as pessoas que vivem nas *casinhas*, ela baixa o tom de voz, em uma espécie de receio e medo ao mesmo tempo, o que demonstra como as experiências no bairro são de fato marcantes e mais intensas. Ela teria uma percepção de bairro violento diferente dos demais entrevistados, na medida em que, foi à única dentre eles, diretamente atingida pela violência tão divulgada sobre esta parte da cidade. Embora o assalto tenha ocorrido por volta de 2004, a depoente permaneceu traumatizada com o fato e acabou relacionando o roubo com a vinda dos moradores para as casinhas doadas.

Outro ponto a ressaltar sobre as *casinhas* consiste na segregação que existe dentro do bairro em relação a esse local. A ideia dessa separação ficou evidente no relato do morador Ted Rap:

Em relação às casinhas eu acho que existe uma divisão no bairro, um racha, por conta de que lá nas casinhas, começou todo o problema, a questão da droga, da violência, só que mudou muito isso, aquela dúzia que tinha, só são meia dúzia agora, mas eles também daquela parte do bairro não acredita neles mesmo, falta eles dizer, né por que eu moro aqui que tem que ser desse jeito, tudo que vier lá de cima, eu tenho que aceitar de bom grado, então tem muito isso de lá ter muito ponto de droga e acabar tendo esse choque com o restante da comunidade. (TED RAP, 2015).

Além de ver as casinhas como ponto de droga, Ted Rap questiona uma possível divisão no bairro com relação essa parte específica do mesmo, o que levanta a hipótese de um local estigmatizado dentro de outro. A própria população segregaria essa parte do bairro, e esta por se sentir excluída teria também se afastado da comunidade do Parque Exposição como um todo. Podemos relacionar esse fato com o que ocorreu com os cortiços cariocas no período inicial republicano, esses espaços foram destruídos com grande parte do apoio da população do Rio de Janeiro, por considerarem locais propensos a doenças e de moradores suspeitos. As *casinhas* do bairro Parque de Exposição são espaços segregados pelos demais moradores do bairro, pois são habitações mais humildes e onde morariam os sujeitos mais pobres, logo, mais sujeitos a criminalidade.

Dessa forma, compreendemos a relação que foi construída no Brasil – cortiços seriam locais de pessoas pobres, logo, local de suspeitos e de pessoas viciosas. Portanto, supostamente seriam um ambiente perigoso por ser sujeito à criminalidade. Por sua vez, as *casinhas* do bairro Parque de Exposição são concebidas como os espaços mais pobres do

bairro, por conseguinte, os espaços mais violentos. Construiu-se a máxima que se perpetua no Brasil até hoje, *pobres seriam mais sujeitos a criminalidade*.

Salientamos que essa relação entre pobreza e criminalidade estabelecida pelos deputados do Brasil imperial/republicano foi fundamentada na ideia de justificar os mecanismos de controle social sobre a população mais pobre, e não em um fundamento verídico baseado em algum tipo de análise concreta. Portanto, isso nos leva a questionar a veracidade da suposta violência que afeta o bairro Parque de Exposição. Essa investigação será realizada no segundo capítulo. Contudo, cabe ressaltar aqui que a relação entre pobreza e criminalidade foi uma construção histórica fundada pela classe dominante para subjugar as classes mais pobres.

1.3 “A questão das fronteiras”: Onde começa e onde termina o Bairro Parque de Exposição

Outra polêmica que ronda os estigmas do bairro Parque de Exposição seria onde ele começa e onde ele termina. Segundo a Lei Municipal nº 1.965 de 09 de Novembro de 1998, que reorganiza geograficamente os bairros de Picos, os limites do bairro estão abaixo descritos:

“Organiza geograficamente os Bairros de Picos, fixa os seus limites e delimita a área do perímetro urbano e dá outras providências”

O PREFEITO MUNICIPAL DE PICOS, no uso de suas legais atribuições, etc.

Faço saber a todos os Municípios que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica estabelecido para todos os efeitos legais, de acordo com o Estatuído no anexo 1, que fica fazendo parte integrante dessa Lei, a Organização Geográfica dos Bairros de Picos, bem como dos seus respectivos limites.

2.1. Bairro Parque de Exposição

Limites:

- Ponto inicial-Av. Piauí, seguindo por esta e pela estrada para o retiro Betânia até o perímetro urbano, prosseguindo por este e pela linha de limite da Encosta do Morro Condurú, cerca de pedras, das propriedades de Helvídio Nunes de Barros e Antônio de Ângelo, base do Morro do AABB, passando pela residência de Milton Joaquim da Luz (Inclusive) e prosseguindo pela cerca de arame das propriedades de Elói Bispo e Sr. Bertinho até o muro da UFPI, seguindo por este e pela R. Cícero Duarte até o ponto inicial. (Lei Municipal nº 1.965 de 1998. Câmara de Vereadores de Picos).

O documento acima exposto institucionalizou o bairro Parque de Exposição enquanto bairro dentro do perímetro urbano de Picos e definiu seus limites geográficos.

Observamos que a delimitação do bairro deixa de fora, o próprio Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – UFPI, ainda que este esteja localizada na rua onde se inicia o bairro Parque de Exposição. Não questionamos aqui porque a prefeitura municipal não considera a Universidade pertencente ao bairro. Mas ressaltamos o fato de que essa desvinculação da Universidade com um espaço marginalizado acaba por contribuir para a cristalização de ambiente menosprezado pelo poder público. Isto porque considerar a Universidade Federal do Piauí/CSHNB – uma vez que esta instituição se localiza no interior da entrada do bairro – como pertencente ao bairro Parque de Exposição seria uma forma de valorizar o mesmo e, logo, as propriedades dessa população.

Nesse sentido, acreditamos que retirar do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – UFPI a vinculação com o bairro Parque de Exposição contribui para a permanência da estigmatização a esta parte da cidade. E, também para a consequente desvalorização de seus terrenos e dos bens de seus moradores.

Sobre essa desvalorização de imóveis, no referido bairro, a depoente Francisca Rosa Damaceno apontou uma informação a princípio contrária ao nosso posicionamento, mas que em seguida refutamos tal assertiva.

Bem tem diferenças nos preços dos alugueis entre junco e aqui, só que os alugueis no Parque Exposição também aumentaram muito depois que criou novos cursos na Universidade, e veio muita gente de fora ai teve pessoas que dividiu casa pra alugar, teve gente que construiu, com esse objetivo pra alugar para o pessoal de fora, os alugueis aqui aumentaram muito, claro que no Junco é mais caro que aqui. (DAMACENO, 2015).

A fala da depoente embora ressalte o aumento dos alugueis no bairro Parque de Exposição a partir da década de 2000, ressalta a diferença com os preços no bairro Junco, que seriam muito superiores ao seu bairro de moradia. Entendemos que a localização sempre influencia o valor de um terreno ou imóvel. Portanto, a localização de um terreno em um território estigmatizado acaba por sofrer, além da relação geográfica, com o estigma que marca aquele espaço. E não importa quão grande ou privilegiado determinado terreno seja, se um estigma negativo o perseguir, ele perderá muito de seu valor econômico.

Os estigmas de pobreza e violência que assolam o bairro Parque de Exposição desvalorizam seus terrenos e casas em relação às demais propriedades de outros bairros da cidade. Essa é apenas uma das consequências que os moradores dessa parte da cidade de Picos sofrem por serem estigmatizados simplesmente por viverem em um espaço da urbe que vem sendo ao longo dos anos marginalizado.

Capítulo 2

“MARCAS DE UM ESTIGMA”: POBREZA E VIOLÊNCIA EXPOSTA NOS JORNAIS E FIXADA NO IMAGINÁRIO PICOENSE NAS DÉCADAS DE 1990 E 2000

Acreditamos que um dos elementos fundamentais para a construção dos estigmas de pobreza e violência que assolam o bairro Parque de Exposição e seus moradores foi a atuação dos jornais impressos (“Jornal de Picos”, jornal “Vale do Guaribas” e do jornal “Folha de Picos”) veiculados na cidade de Picos, nas décadas de 1990 e 2000, que abordaram matérias sobre acontecimentos violentos e a precariedade do bairro Parque de Exposição.

Salientamos que infelizmente abrir um jornal significa, entre outras coisas, ver matérias sobre acontecimentos trágicos. Entre os variados assuntos ali abordados, lemos diariamente notícias sobre pobreza, acidentes, violência e até catástrofes naturais. Elementos que fazem parte da vida dos diversos povos do mundo. Os jornais impressos, falados, televisionados e digitalizados, enfim, toda forma de produção jornalística tende a retratar os acontecimentos bons e ruins que fazem parte do universo humano.

Os jornais tem assim uma função fundamental, a de informar o leitor/ouvinte/telespectador/internauta sobre as mais diversas notícias e a de possibilitar que o mesmo, a partir de critérios próprios, possa formar uma opinião. E, em alguns casos, tomar decisões a partir dessas informações. O problema, portanto, não reside na abordagem de acontecimentos ruins – os jornais tem que informar também acontecimentos desagradáveis ao público – mas na forma de veicular essas notícias. E, em querer formar o pensamento do leitor/ouvinte/telespectador/internauta a partir de critérios da própria imprensa.

Nesse sentido, o problema ainda maior é que no Brasil a mídia tende a ser vista como o espelho da sociedade e como sua porta voz. Ou ainda pior, a mídia é vista como a porta voz da verdade. No entanto, ela representa o olhar de uma pequena classe de grande poder. Como afirma o sociólogo e jornalista Perseu Abramo (2003), a grande mídia constitui hoje uma coluna de sustentação do poder. Como o mesmo afirma a mídia é uma grande legitimadora de medidas políticas e de estratégias do mercado.

O jornalista José Arbex Jr. ao comentar a obra de Perseu Abramo e Aloysio Biondi, explica que eles defendem a tese de que a “grande mídia” brasileira:

Constrói consensos, educa percepções, produz “realidades” parciais apresentadas como a realidade do mundo, mente, distorce os fatos, falsifica, mistifica – atua, enfim, como um “partido” que, proclamando-se porta voz e espelho dos “interesses gerais” da sociedade civil, defende os interesses específicos de seus proprietários privados. (ARBEX JR., In: ABRAMO, 2003, p. 8).

Assim, do mesmo modo que a grande mídia tem o poder de *formar* opiniões, ao invés de *informar e entreter* que seria o seu papel – como a rede globo de televisão, que está entre as cinco maiores redes de canal aberto do mundo –, um jornal diminuto de uma cidade pequena no interior do Brasil também tem esse poder. Ainda que em menor escala, mas com resultados semelhantes.

Referimo-nos aqui aos jornais impressos: “Vale do Guaribas”, do “Jornal de Picos” e o jornal “Folha de Picos” que por expor de forma extensiva a pobreza e a violência que o bairro Parque de Exposição viveu nas décadas de 1990 e 2000 reforçou a visão de moradores da cidade de Picos em relação a esse espaço da urbe. Desse modo entendemos que a indústria midiática picoense representada por esses jornais ao retratar matérias de pobreza e de violência acerca do bairro Parque de Exposição contribuiu para a marginalização do mesmo frente à sociedade picoense.

Podemos destacar, por exemplo, a matéria do “Jornal de Picos” de 09 de junho do ano 2000 discutida ainda no primeiro capítulo. A matéria em questão trazia na capa do jornal a seguinte manchete “Parque de Exposição vive em abandono”. Mas, o que chama atenção é que ao abrir o jornal temos uma página inteira destinada a expor as mazelas do bairro Parque de Exposição. Logo no início da página verificamos o título: “Moradores da Exposição vivem abandono”, como podemos verificar no trecho da matéria abaixo:

Moradores da Exposição vivem abandono

A total falta de infraestrutura urbana no Parque de Exposição associada a ausência constante do poder público municipal em termos de assistência a saúde, educação e segurança submete os cerca de 2000 moradores do bairro a condição de vida sub-humanas. Sem calçamento e sistema de esgotos ou saneamento básico, nem coleta de lixo, os dejetos urbanos são jogados nos meio das ruas, que ficam totalmente intrafegáveis. A situação caótica em que vivem os moradores do Parque de Exposição costuma se agravar notadamente no período das chuvas, quando a água que é escoada pelas ruas, vindas das encostas dos morros, por trás das moradias, chega a invadir as residências, causando a proliferação de inúmeros tipos de doenças trazidas pela poluição, já que não existe sistema de esgotos e as águas, ficam represadas em poças de lama. As crianças, que brincam na rua em dia de chuva, por pouco não são levadas pela correnteza. É frequente no bairro a ocorrência de febre alta e vômitos. Os doentes são transportados para o Centro de Picos, já que o bairro também não conta com um posto de saúde. A erosão provocada pelas enxurradas das chuvas abrem verdadeiras crateras nas ruas de acesso, impossibilitando o tráfego

de veículos. “Em certas ruas daqui, nem moto, nem ninguém consegue passar” – comentou um morador. De acordo com a dona de casa Maria das Graças Silva, que reside no Parque de Exposição há 10 anos, o único paliativo, para as ruas esburacadas é quando os próprios moradores jogam barro nos buracos mais caóticos, “mas quando chove de novo a água leva tudo” – disse. (BORGES; RAQUEL; LEAL, In: JORNAL DE PICOS, 2000, p. 09).

A matéria, como abordamos anteriormente no primeiro capítulo, reforça a ideia de um abandono do poder público em relação ao bairro Parque de Exposição. O texto é ainda mais intenso em sua exposição, ao detalhar de forma extensiva as deficiências na infraestrutura urbana do referido bairro.

Dessa forma, a matéria afirma que os moradores do bairro viviam de modo sub-humano. Sem acesso aos serviços públicos de saúde, pois na época ainda não havia Posto de Saúde no bairro; com pouco acesso à educação, porque havia apenas uma escola; e, sem segurança, porque o bairro não contava com nenhuma delegacia. Dispondo de uma “total falta de infraestrutura urbana”. A palavra “total” remetia que não havia nenhum tipo de desenvolvimento no bairro. O que é reafirmado ao longo do texto, onde é exposto que o bairro não possuía saneamento básico, calçamento e até o abastecimento de água seria ainda deficitário. Ao longo do texto são feitas afirmações categóricas sobre a pobreza do bairro. Em um trecho há a seguinte afirmativa: “Habitado exclusivamente por famílias de baixa renda, o Parque de Exposição tem sido desde sua fundação, esquecido pelo poder público municipal”.

Não questionamos aqui a veracidade das informações. Como abordamos desde o início do presente trabalho, percebemos as dificuldades estruturais do bairro em nossa pesquisa documental e algumas informações foram reafirmadas pelo nosso estudo de campo. Contudo, o problema não é abordar matérias que tratem de mazelas ou problemas sociais, pelo contrário o jornal é um meio de comunicação que tem de servir a população como uma fonte de acesso a setores que detém poder e podem reverter determinadas situações públicas. Entretanto, o problema está em como determinadas matérias chegam ao público, como o caso da notícia que por hora analisamos. Ao afirmar que o bairro é habitado exclusivamente por pessoas de baixa renda, o jornal contribuiu para a formação de um imaginário na cidade de Picos que estigmatizava o bairro e seus moradores – como se pobreza fosse um defeito.

Acreditamos que na leitura da referida matéria jornalística o que causa maior impacto, não seriam as afirmações que todo o texto apresenta, mas as imagens que a acompanham. As imagens são apreendidas mais facilmente pela mente humana e são

vistas, de forma geral, como a representação da realidade. Para a população picoense que não conhecia o bairro Parque de Exposição *in loco*, formava-se a partir daquelas imagens uma ideia do que seria aquela parte da cidade.

O jornal apresentava 4 imagens. Uma representando a falta de calçamento do bairro; outra apontando o matagal ali existente; uma terceira indicando um orelhão, remetendo à falta de linhas telefônicas nas casas e à necessidade da implantação de mais equipamentos para a comunicação dos moradores; e a imagem de uma casa no bairro. Todas essas imagens podem ser discutidas na sua relação com a construção do estigma de pobreza, mas escolhemos analisar aquela que representa uma casa, pois essa expressa a ideia que se perpetua em torno do bairro até os dias atuais.



Figura 12: Pobreza/Moradias são precárias. Jornal de Picos, 09 de junho de 2000.
Fonte: Acervo pessoal do Jornalista Francisco Silva. 2015.

A imagem acima apresenta uma casa muito precária feita de taipa nos anos 2000. Nossa pesquisa apontou que de fato ainda havia moradias nessas condições no referido período, no bairro Parque de Exposição. Contudo, segundo nossos entrevistados, esse cenário já havia começado a mudar e diversas casas construídas de tijolo e cimento faziam parte do cenário principal do bairro. Portanto, acreditamos que o fato da imagem de uma casa tão simples ser escolhida para a matéria em questão, pretendia ressaltar as dificuldades dos moradores do bairro – reforçada inclusive pela legenda da imagem que apresenta em maiúsculo o termo “Pobreza” e pela afirmativa “moradias são precárias” – e, ao mesmo tempo, buscava sensibilizar o poder público e a população como um todo, na esperança de ações estatais que visassem atender as demandas daquela parte da cidade.

No entanto, o grande problema é que ao expor essa imagem como representação da realidade das casas do bairro, criava-se no imaginário picoense a ideia de que todos os moradores viveriam em casas desse mesmo tipo. O que reforçava a ideia de pobreza generalizada e a crença de que o bairro Parque de Exposição era uma favela dentro da cidade de Picos. Crença essa já existente, o que se “confirmava” no próprio jornal, pois Robson Alves Filho, presidente da Associação de Moradores do bairro Parque de Exposição no ano de 2000, foi entrevistado para referida matéria e afirmou que estava ansioso para transformações no bairro e que desejava que o mesmo perdesse o apelido de favela.

Outra matéria que reforçou a ideia de pobreza do bairro foi retirada do jornal “Vale do Guaribas” de 14 a 28 de junho de 1996, a qual traz por título: “Parque de Exposição de Picos ganha melhorias”. Poderíamos pensar erroneamente que um matéria com esse título “Parque de Exposição de Picos ganha melhorias” não está ligada ao processo de estigmatização do mesmo. Entretanto, é necessário refletirmos sobre o que está escrito e também sobre o que não é dito. Ou seja, o que está implícito na matéria, são as deficiências estruturais a qual o bairro estava inserido e a constante necessidade de melhorias que se supunha que o bairro necessitava. Assim sendo, quem não conhecesse o bairro Parque de Exposição – e tivesse acesso às informações da citada manchete – passava a formar uma imagem negativa do mesmo.

A matéria em questão trata de uma feira agropecuária realizada no atual Parque de Exposições Santino Xavier que a época chamava-se Parque de Exposições João de Moura Monteiro, que é um parque público de vaquejada e se localiza dentro do bairro Parque de Exposição. O próprio título da matéria no jornal não deixa clara essa diferenciação, que poderia levar o leitor inicialmente a supor que a matéria estaria tratando do bairro como um todo. Um segundo ponto é que embora o título aborde essa melhoria no local, dentro do texto da matéria é reforçado constantemente a precariedade ainda presente no referido Parque de Exposições Santino Xavier, antigo Parque de Exposições João de Moura Monteiro. A matéria na íntegra na página 03 do jornal apresenta as seguintes afirmações:

Parque de Exposição de Picos ganha melhorias

Teve início na última quarta-feira, 12, a XVII Exposição-Feira Agropecuária de Picos que reúne criadores de toda a grande região dos Baixões Agrícolas Piauienses. Para abrir o evento estiveram presentes o vice-governador do Estado do Piauí, Osmar Antônio de Araújo; o secretário de Agricultura e Abastecimento, Haroldo Alves Vasconcelos; deputado Warton Santos, diretor técnico da Emater, Dr. Wilson Fontenele e várias outras autoridades municipais e estaduais. O evento foi aberto ao público as 18:00hs para a visita aos estande que ainda estavam

recebendo animais e, somente por volta das 20:00hs, foi que a solenidade teve início com as palavras do secretário da Agricultura Haroldo Alves, do vice-governador e outros. Na oportunidade do seu pronunciamento, o secretário Haroldo Alves disse que Picos, como sendo uma região produtiva e com uma grande criação de animais, chegaram e estão à disposição dos interessados e os bancos, estão com financiamentos destinados aos criadores de animais que poderão fazer bons negócios. Esta exposição-Feira Agropecuária já faz parte do calendário da cidade de Picos e, por isso, que se faz necessário fazer com que a feira cresça a cada ano. O Parque de Exposições João de Moura Monteiro em Picos, *ainda apresenta algumas deficiências*, mas *aos poucos* ele vai ganhando melhorias como a construção de banheiros masculinos e femininos e, ainda foi construído com recursos da Secretaria de Agricultura do Estado do Piauí um galpão para animais, *faltando ainda muitas outras coisas*, mas com certeza chegaremos lá-afirma. (PARQUE, VALE DO GUARIBAS, 1996, p. 3). (Grifos nossos).

Dessa forma, ao utilizar expressões com as grifadas acima: “ainda apresenta algumas deficiências” e “faltando muitas outras coisas” a matéria reforçou a ideia de pobreza dessa parte da urbe de Picos, já que o referido local Parque de Exposições Santino Xavier, é um espaço importante dentro do bairro, tendo o próprio bairro adotado esse espaço como símbolo e como representante de si, ao ter o recebido o nome do referido parque.

Nesse sentido, observamos que algumas matérias jornalísticas ao abordarem as dificuldades na infraestrutura urbana do bairro Parque de Exposição – na busca de tornar visíveis os problemas enfrentados pelos moradores desse local e, assim, sensibilizar a população e o poder público – tenderam a reforçar o olhar sobre a precariedade do mesmo. Assim, do mesmo modo que os intelectuais do século XIX ao buscarem expor as mazelas do Nordeste no cenário nacional contribuíram para a cristalização de uma imagem depreciativa do Nordeste – *da seca e da fome* – esse tipo de reportagem jornalística contribuiu para formar no imaginário picoense a ideia de que o bairro Parque de Exposição era uma favela dentro da cidade de Picos. Um bairro pobre, esquecido e que necessitava constantemente de melhorias.

Além de notícias apontando a suposta pobreza do bairro Parque de Exposição, outras matérias jornalísticas contribuíram para reforçar o estigma de violência nesta parte da cidade. Essas matérias em geral apresentavam crimes ocorridos no bairro ou ainda crimes que envolviam seus moradores. Podemos observar, por exemplo, a matéria do jornal Vale do Guaribas de 22 de novembro a 5 de dezembro de 1996 que traz por título: “Polícia prende traficantes”. Embora a matéria não exponha de forma abrupta o bairro Parque de Exposição ao não expor o nome do bairro no título da matéria. Contudo, no

interior da reportagem o nome do bairro Parque de Exposição é citado duas vezes, mesmo a reportagem sendo muito breve. Como podemos analisar na íntegra a transcrição da matéria abaixo:

Polícia prende traficantes

Uma equipe de policiais militares, sob o comando do Delegado do 1º DP, capitão Francisco Prado de Aguiar, prendeu nos dias 08 e 15 de novembro, no *Bairro Parque de Exposições*, dois traficantes de drogas. Os dois, depois de autuados, foram levados para a Penitenciária Regional “José de Deus Barros”, onde estão à disposição da justiça. A primeira operação aconteceu no dia 11 deste mês, quando os policiais prenderam a traficante Conceição Maria de Sousa, vulgo Concita, 24 anos, filha do casal Otacílio de Sousa e Ana Vieira de Sousa. Ela foi presa no *bairro Parque de Exposições* e na oportunidade, estava com dois quilos e 100 gramas de maconha em seu poder. O segundo traficante a ser preso foi Hildo Pereira da Silva, 63 anos filho do casal Benedito Pereira da Silva e Maria Antonia de Jesus. Ele foi preso com 20 gramas de maconha no último dia 15 de novembro. O traficante mora na rua Armínio Rocha, 28, bairro Bomba. Hildo já foi preso várias vezes e processado em duas oportunidades por tráfico de drogas. A polícia acredita que a dupla já vinha agindo há muito tempo, abastecendo pequenos viciados da cidade de Picos. (POLÍCIA, VALE DO GUARIBAS, 1996, p. 7). (Grifos nossos).

Na primeira parte da matéria o texto expõe que dois traficantes de drogas foram presos no bairro Parque de Exposição. E, no segundo momento, enfatiza que um dos traficantes (uma mulher) foi preso em flagrante neste bairro.

A matéria afirma ainda que possivelmente os dois traficantes abasteciam pequenos viciados da cidade de Picos. Quem lia a matéria poderia facilmente acreditar que o bairro era assim um centro de drogados, logo, um ambiente perigoso para se frequentar e no qual muitos moradores estariam ligados ao tráfico de drogas. Cristalizando-se a ideia de criminalidade e violência imputadas ao bairro.

Outra matéria que aponta como a indústria midiática picoense contribuiu para reforçar a ideia de violência acerca do bairro Parque de Exposição foi à matéria do jornal “Folha de Picos” publicada no dia 30 de janeiro de 2002. A matéria em questão trazia como manchete a seguinte frase: “Vizinho mata outro por causa do esgoto”. Embora a manchete não exponha de forma explícita que o crime ocorreu no bairro Parque de exposição, o título apelativo e que aborda um assassinato por um motivo torpe possivelmente chamasse a atenção dos leitores. Esses, ao lerem a notícia por completo se deparavam novamente com a ideia de violência que circunda o referido bairro. Para uma melhor compreensão do que levou ao crime e o modo como foi exposto, cabe nos aqui transcrever a matéria do jornal Folha de Picos na íntegra:

Vizinho mata outro por causa do esgoto

O pedreiro conhecido por Cícero assassinou, com um tiro nas costas, o também pedreiro Valdivino Alves de Moura. O crime aconteceu no Bairro Parque de Exposição, no dia 27, às 13:30horas. O motivo: a construção de um esgoto no beco existente entre as duas casas. A tia da vítima, em entrevista ao Folha de Picos, falou sobre o ocorrido. “A rixa começou a cinco meses. A residência do criminoso fica ligada a residência do meu sobrinho. Nesse local, entre os imóveis, existe uma vala por qual passa o esgoto. Meu sobrinho, Valdivino, chamou o Cícero para conversar e tentar fazer um acordo para a construção de um cimento, mas não houve entendimento. Passou o tempo. O acusado, Cícero, estava em Brasília. Voltou há duas semanas. Ontem, Valdivino, resolveu fazer a calçada, o esgoto e tudo mais que faltava. Cícero não estava. Ao chegar, vendo o que o vizinho fazia, entrou em casa, pediu a arma a mulher, que se recusou a entregá-la, dizendo para ele não fazer nenhuma besteira, que o Valdivino era pai de família, como ele próprio. O criminoso, então, a empurrou, pegou a arma, saiu e atirou”. A vítima foi socorrida pela polícia, mas não resistiu aos ferimentos. O delegado regional Alessandro Barreto encontra-se em diligência para prender o acusado. A residência da vítima encontra-se alugada para uma sobrinha do acusado, que se diz evangélico. Valdivino deixa viúva a senhora Maria Emília de Moura, três filhos, sendo que uma reside em São Paulo, e dois netos. O corpo foi velado à rua Santa Rosa, residência oficial da vítima. (VIZINHO, FOLHA DE PICOS, 2002, p.10).

Não negamos a existência do crime ocorrido e muito menos a frivolidade do motivo que o levou a ocorrer. Contudo, salientamos que esta matéria contribuiu para a construção da ideia de que crimes bárbaros, como um assassinato, poderia ocorrer até mesmo por motivos banais, como uma briga entre vizinhos, no bairro Parque de Exposição.

Acreditamos que as matérias seriam originadas de fatos que teriam realmente acontecido, mas sugerimos a possível existência da manipulação das informações por esses textos jornalísticos. Com base nos estudos de Perseu Abramo (2003), entendemos que a característica principal do jornalismo no Brasil, consiste na manipulação da informação. Essa informação, portanto, não refletiria a realidade, mas sim uma realidade artificial, criada pela imprensa. Segundo Perseu Abramo:

Assim, o público – a sociedade – é cotidiana e sistematicamente colocada diante de uma realidade artificialmente criada pela imprensa e que se contradiz, se contrapõe e frequentemente se superpõe e domina a realidade real que ele vive e conhece. (ABRAMO, 2003, p. 24).

Nesse sentido, para Perseu Abramo a manipulação das informações, é também uma manipulação da realidade, ainda segundo o mesmo existiriam quatro padrões de manipulação gerais para toda imprensa. O primeiro seria o padrão de ocultação. Um silêncio deliberado sobre o que não se quer falar e sobre o que não querem que se fale, esse

padrão se opera nas reuniões de pauta, onde se decide o que se vai buscar, ou seja, se determina o que deve ser considerado fato jornalístico e o que é relevante para ser retratado, e o que deve ser deixado de lado.

Observamos esse padrão de ocultação também nos jornais picoenses, pois não encontramos matérias que abordassem aspectos positivos do bairro Parque de Exposição. E não porque não existissem – veremos no final do capítulo a quantidade de espaços importantes para a cidade de Picos existentes nessa parte da cidade – mas porque não se falava sobre isso, não havia interesse.

O segundo padrão, é o padrão de fragmentação, ocorre especialmente no momento da edição da matéria, onde o fato é estilhaçado, fragmentado e descontextualizado, resultando em uma distorção da realidade. O terceiro é o padrão de inversão, que pode ocorrer de diversas formas, mas pode ser explicado, quando um detalhe da matéria é apresentado como fato principal, ou quando é dado ênfase em uma determinada frase solta de uma reportagem para que ela represente o todo. Enfim, quando se altera e se inverte as informações. O quarto padrão de manipulação é o padrão de indução, onde induz-se a interpretação do leitor, e o que se lê enquanto se abre um jornal e o que se vê enquanto se assiste um telejornal é opinião ao invés de informação. Como afirma Perseu Abramo (2003), o leitor/telespectador absorve uma realidade manipulada pela imprensa:

Ao leitor/espectador, assim, não é dada qualquer oportunidade que não a de consumir, introjetar e adotar como critério de ação a opinião que lhe é autoritariamente imposta sem que lhe sejam igualmente dados os meios de distinguir ou verificar a distinção entre informação e opinião. (ABRAMO, 2003, p. 32.)

Nesse sentido, acreditamos que um dos principais padrões de manipulação realizado pelos jornais “Vale do Guaribas”, o “Jornal de Picos” e o jornal “Folha de Picos” foi o padrão da indução, onde induziu-se os leitores picoenses a conceber o bairro Parque de Exposição enquanto um local precário e sujeito a criminalidade, onde pobreza e violência fariam parte do cenário principal. Prova disso é a foto da casa escolhida para representar o “real midiaticizado”. A ideia que se concebia para a população picoense, é que em pleno ano 2000, todas as casas do bairro Parque de Exposição seriam de taipa e palha, precárias, que todos os moradores viveriam de modo sub-humano, andando entre o lixo e no mundo das drogas.

2.1 “Efeitos do estigma”: Preconceito vivido pelos moradores do Bairro Parque de Exposição.

A priori, poderíamos pensar que devido à globalização e a facilidade de comunicação entre diferentes povos no mundo, estariam caindo por terra os preconceitos contra origem geográfica de lugar. No entanto, como afirma o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior:

Pelo contrário, o que assistimos é, muitas vezes, o recrudescimento desses preconceitos, motivado justamente pelo contato mais próximo, pela convivência, muitas vezes indesejada e conflituosa, de uma cada vez maior diversidade de grupos humanos em um mesmo lugar. Os processos migratórios e imigratórios, que já no passado ocasionaram tensões, conflitos e proporcionaram a emergência de preconceitos e visões pejorativas sobre dados grupos humanos e sobre os lugares de onde provinham, parecem ser, hoje, um dos principais motivos da emergência de visões preconceituosas e até mesmo racistas em relação a algumas populações. (ALUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 14).

Nesse sentido, a morte do jovem Ronei Wilson Jurkfitz Faleiro Júnior (comentada no início do primeiro capítulo) aponta como o preconceito contra origem geográfica de lugar, não só permanece como está cada vez mais intenso. E não ocorre somente entre continentes opostos, entre países com economias distintas, entre cidades com culturas diferentes, mas também entre bairros com status distintos. Ressaltamos que esse, o preconceito, não ocorre com a materialidade dos lugares, mas com os sujeitos que os ocupam.

Quem sofre as consequências dessas disputas são os seres humanos que são estigmatizados por pertencerem a um lugar que recebe determinados estigmas e atributos de inferioridade de *outro*. Assim, pensar a construção de estereótipos que deram origem a preconceitos que dividem hoje os seres humanos é uma tarefa essencial dos historiadores para que as futuras gerações não recaiam nos mesmos erros que as nossas.

Como afirmamos anteriormente, entender a formação de um preconceito, a construção de um estigma contribui para a sua desconstrução naturalizada. Isto é, perceber como um preconceito foi criado constitui o primeiro passo para se compreender que aquelas características que atribuímos a determinado grupo ou lugar não nasceram com ele, mas foram construídas historicamente por discursos, por ações de outros seres humanos.

Dessa forma vimos anteriormente como se construíram os estigmas de pobreza e violência em torno do bairro Parque de Exposição e agora cabe analisar o que essa estigmatização gerou (gera) para seus moradores, por meio da História Oral. Em nossa

pesquisa sobre essa estigmatização, optamos por dar vozes a esses sujeitos, pois acreditamos, assim como Alexandre Portelli (2010), na importância da História Oral por sua relação direta com a democracia. Isto porque a oralidade permite que indivíduos que não são ouvidos – ou que são ouvidos por um pequeno número de pessoas – possam ser escutados por uma maioria:

[...] Então, quando buscamos fontes orais, as buscamos em primeiro lugar porque na oralidade encontramos a forma de comunicar específica de todos que estão excluídos, marginalizados, na mídia e no discurso público. Buscamos fontes orais porque queremos que essas vozes – que, sim, existem, porém ninguém as escuta, ou poucas as escutam – tenham acesso a esfera pública, ao discurso público, e o modifiquem radicalmente [...] (PORTELLI, 2010, p. 2).

Nesse sentido, os moradores do bairro, que são parte intrínseca da construção dos estigmas que marcaram a sua formação foram nossos guias nesse momento. Ao nos mostrar de que modo o preconceito imputado ao seu local de vivência os atinge no dia a dia e como percebem a imagem que os outros moradores de Picos fazem sobre eles. Ou seja, como veem que são vistos pelo olhar do *outro*.

Segundo o depoimento do morador Ted Rap a imagem cristalizada na mente dos cidadãos picoenses em relação ao bairro Parque de Exposição é marcada por estereótipos negativos. De indivíduos pobres, marginais e sem um futuro digno. Para o mesmo:

A imagem que as outras pessoas tem do Parque Exposição é horrível, eu pelo modo de ser e de falar, se eu ando na rua com minha camisa larga, se eu ando de boné, se eu ando de toca, o pessoal quando diz que é da Exposição já olha torto, até aquela velha questão mesmo, eu trabalho com a questão da Arte no Programa Mais Educação, quando eu falo que sou daqui, o pessoal, “a lá da Exposição? Mas lá é muito violento”. Ai depois que me conhece acaba falando que pensou que eu era de uma forma, e eu era de outra, ainda existe esse preconceito sim, e não é velado, é escancarado mesmo, jogado na cara, então existe um preconceito sim. Com certeza existe, da gente sair e procurar emprego ou tá em qualquer ambiente e a gente falar que é daqui, ai são poucas as pessoas que vão compreender que aqui existem pessoas decentes. (TED RAP, 2015).

A percepção de Ted Rap sobre o olhar dos “outros” para o bairro denuncia o olhar e julgamento apressado que o preconceito faz surgir. O preconceito, ou seja, um julgamento prévio sobre algo ou alguém e que se estabelece antes do conhecimento sobre esse algo ou alguém é ocasionado nesse caso, pela construção de uma imagem estereotipada. O estereótipo nesse caso é muito simples. Se um indivíduo pertence ao bairro Parque de Exposição, passa a significar que é pobre. Logo, deve estar vinculado à criminalidade para tentar sobreviver. Ou é visto como um marginal perigoso, um malandro, um sujeito sem emprego, sem estudos. Enfim, uma cobaia perfeita para ser excluída e discriminada.

Em outro trecho do depoimento de Ted Rap, ele salientou que até mesmo no mundo acadêmico houve o preconceito contra a origem de seu local de vivência. Esse preconceito já ocorreu no primeiro ano de curso de Pedagogia, na Universidade Federal do Piauí.

Um fato mais recente foi ano passado quando eu entrei na Universidade Federal, na minha turma o único daqui, sou eu. E assim quando eu falei que era daqui, a galera, “Caramba da Exposição”. Tem muito isso, é um espaço (UFPI) que é dentro de nosso bairro, mas na mente deles não é pra gente. (TED RAP, 2015).

Outra pessoa que sofreu preconceito de lugar foi a depoente Leide Maria Dias de Sousa. Ela relatou que seu filho foi orientado a negar seu endereço residencial, pois isto poderia ser empecilho até mesmo na hora de arrumar um emprego. Segundo a mesma:

Quando meu menino foi arrumar emprego na década de 2000, colocou o endereço daqui no currículo, só que uma pessoa que trabalhava lá na empresa era conhecido de meu marido, e pediu que ele trocasse o endereço para o Junco porque aqui tinha uma imagem suja. (SOUSA, 2015).

Esse depoimento aponta como o preconceito vivido pelos moradores atinge-os das formas mais severas. Além de simples constrangimentos diários em conversas informais, o fato de morar em um bairro estigmatizado podia impedir até o desenvolvimento de uma carreira profissional. Isto ficou perceptível na fala da depoente. O sujeito amigo de seu marido e que tinha o currículo em mãos, estava preocupado que o endereço do filho da entrevistada atrapalhasse a análise do currículo e a sua possível contratação na firma.

Por isso, muitas vezes, os moradores tendem a negar que pertencem ao bairro Parque de Exposição para evitar possíveis barreiras na vida profissional e pessoal. Nossa pesquisa indicou que essa negativa, de uma forma geral, não significava um desprezo pelo bairro ou um desamor pelo mesmo, mas uma estratégia de sobrevivência social. Como foi o caso do filho da depoente que colocou no currículo o endereço da avó, que mora no bairro Junco, e conseguiu o emprego.

Segundo Erving Goffman (1988), essa manipulação da informação sobre um estigma desacreditável (que não é visível) ocorre na tentativa do indivíduo ser tratado igualmente. Ou seja, encobre-se o atributo, a característica do indivíduo que é estigmatizada para que o sujeito possa ter as mesmas chances que outro não estigmatizado. Nesse caso, encobriu-se unicamente o endereço do garoto para que o mesmo pudesse ter as mesmas chances de outras pessoas que não pertencem a um bairro estigmatizado e fosse avaliado por sua capacidade profissional e não por seu endereço.

Ainda segundo o relato oral de Leide Maria Dias de Sousa, o preconceito vem resistindo ao tempo e permanece atrelado ao bairro e a seus habitantes. Essa depoente relatou que:

Outro dia eu estava na parada de ônibus, ai eu perguntei esse ônibus vai entrar no Parque de Exposição? Uma mulher que estava na parada sentada olhou pra mim e perguntou: Você mora no Parque de Exposição? Eu respondi, moro sim, porque lá é igual a qualquer outro lugar, tem gente pobre, gente de condição, ai ela disse, mas lá é violento demais, ai eu disse, é violento como tantos outros bairros, mas também tem muito ponto positivo. (SOUSA, 2015).

Nesse sentido, observamos que o bairro e seus moradores ainda sofrem cotidianamente o preconceito por pertencerem ao bairro Parque de Exposição.

Para o morador Ted Rap que é cantor de rap, grafiteiro, pratica e ensina Hip Hop, faz parte de uma organização chamada M2HP Movimento Hip Hop de Picos e é pai de família, o preconceito vivenciado pelos moradores do bairro é praticado inclusive pelas autoridades e não só pela população civil. Quando questionado a respeito se já sofrera algum tipo de violência no bairro – já que este é um dos estigmas mais fortes que o circundam – sua resposta foi surpreendente:

Cara da Polícia, da polícia até hoje, se você andar a noite ai, até pela forma de me vestir, de ser, eu nunca neguei quem eu sou, assim, da onde eu moro, eu sempre quis levar o nome do meu bairro, e dizer que tinha pessoas trabalhadoras aqui dentro, até mesmo nas minhas músicas eu faço isso, e ai da polícia, acho que a maioria, da violência foi da polícia mesmo, eu sempre procurei escolher bem meus amigos, e quando a questão da droga começou a interessar eu comecei a me isolar de pessoas erradas, e me envolver com a questão da arte mesmo, da Cultura, eu não queria ver um dia, quando meus filhos tivessem aí, como hoje eu tenho minha família tá envolvida num ambiente ruim, embora a gente conviva no bairro, onde ainda tem esse estigma, existe muito traficante, existe muita prostituta, a questão do roubo, mas existe muita pessoa que tá querendo transformar a realidade da comunidade. Eu sou uma delas, então eu procuro fazer isso com meus filhos, sempre serem pessoas melhores. (TED RAP, 2015).

O depoimento de Ted Rap se faz interessante porque aponta que além do estigma do bairro, ele também teria sofrido muito constrangimento da polícia por outros fatores. Ted Rap é negro, usa comumente camisas largadas, bermudas e tocas. Um estilo que faz parte do universo Hip Hop no qual está inserido, mas que representa também o estereótipo do marginal e por isso perseguido e discriminado. Assim, segundo o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007), a estigmatização é uma arma na luta contra um grupo considerado inferior, como podemos entender a partir da citação abaixo:

Temos que entender que o preconceito nasce das tensões sociais, geradas pelos mais diversos fatores, e deve ser visto também como uma arma nas lutas que opõem grupos sociais e de origem geográfica diversos. O preconceito é uma maneira de desqualificar o oponente, de tentar vencê-lo através do rebaixamento social, da estigmatização. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 126).

Dessa forma, entendemos assim como o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007), que o preconceito contra origem geográfica em relação a uma região ou local e a forma como seus habitantes são descritos, pensados e definidos está associada também a outros preconceitos como o racial e o de classe, dirigido a pessoas pobres. Nesse sentido, o preconceito contra os moradores do bairro Parque de Exposição está mais ligado ao fato de serem considerados pessoas pobres, do que a razões lógicas que justifiquem a segregação desta parte da urbe de Picos.

2.2 “O olhar sobre si”: Representações do imaginário coletivo dos próprios moradores do Bairro Parque de Exposição.

Acreditamos que tão importante quanto compreender a formação dos estigmas que marcam o bairro Parque de Exposição é entender qual a percepção dos moradores do bairro em relação a esses estigmas. Na busca desse entendimento, nos guiamos por algumas questões norteadoras, tais como: a) Qual a imagem que os sujeitos formadores e constituidores do bairro Parque de Exposição fazem sobre seu local de moradia? b) Como eles percebem essa pobreza descrita de tantas formas e essa violência imposta pelo outro a seu bairro? c) Será que de fato o bairro Parque de Exposição era (e/ou continua sendo) tão precário como é descrito pela mídia e pela população picoense? d) E a violência urbana? Por que esses moradores permanecem em um bairro supostamente violento? e) Essa violência urbana de fato caracterizou o referido bairro em algum momento de sua história?

Na tentativa de respondermos essas questões, voltamos novamente nosso olhar para as vozes dos moradores do bairro em estudo. Esses relatos orais apontaram uma interpretação sobre o passado e o presente dessa parte da cidade de Picos.

Primeiramente vamos discutir o primeiro estigma que marcou e marca o bairro Parque de Exposição – a pobreza. Durante nossa pesquisa conversamos com muitos moradores e fizemos diversos passeios pelo bairro, com base nos ensinamentos de Marc Bloch (2001) que recomenda que o historiador conheça bem o seu presente para assim, estabelecer um diálogo coerente com o passado. Observamos a precariedade de muitas ruas

e ao mesmo tempo a exuberância do mais novo e alto prédio do bairro. Nesta análise visual (incluindo nossos estudos de documentos escritos), chegamos à conclusão que o bairro Parque de Exposição foi pobre durante o nosso recorte temporal e ainda continua sendo na atualidade (2015). Percebemos o caráter social de formação do bairro onde os primeiros moradores eram em geral, agricultores ou funcionários de pequenas empresas que não tinham casa própria ou que tinham pequenos casebres em outros bairros. A pesquisa apontou também que, em um segundo momento da história desse bairro, muitas das casas ocupadas por doação foram vendidas. E que muitos sujeitos que já possuíam casas e poderiam ter um padrão de vida mais elevado (residindo em uma região da cidade bem urbanizada e onde os vizinhos teriam um alto poder aquisitivo) foram morar no bairro.

No entanto, ressaltamos que o foco de nossa análise não reside na renda per capita dos moradores, mas na estrutura física do bairro e nos serviços públicos ali disponibilizados. Nesse sentido, a investigação apontou que muitos bairros de Picos (no mesmo período de nosso recorte temporal) ficaram desassistidos de políticas públicas, mas no bairro Parque de Exposição essa negligência do poder público foi ainda maior.

Dessa forma, devido à todo o cenário de precariedade urbana e à continuidade dessa situação, ficou evidente a dificuldade de desenvolvimento urbano do bairro Parque de Exposição em relação a maior parte da cidade de Picos. Essa dificuldade contribuiu para a propagação da imagem de bairro pobre. Segundo a entrevistada Francisca Rosa Damaceno (2015), a pobreza presente do bairro desde sua formação, seria devido à falta de políticas públicas voltadas para população.

Eu acho que nessa administração eu não sei se tem problema com o bairro, deixou de fazer muita coisa, agora preconceito com o bairro assim querer deixar de fazer porque é no bairro Parque de Exposição eu não acredito que tenha acontecido isso não, agora na administração passada (Gil Marques de Medeiros) a gente ouviu muito relato, ex-presidente mesmo da associação chegou a falar com o prefeito e ele disse que pra aqui pra esse bairro não ia fazer nada, o presidente da associação de moradores na época até tinha até um projeto de uma praça ali próximo ao Hospital Dias do movimento Hip Hop, e o ex prefeito disse na cara dele que não tinha cara de fazer aquilo pra gente não. Quer dizer a gente sentiu muito a questão do poder público ter excluído o bairro das políticas. (DAMACENO, 2015).

Quando questionamos a pobreza do bairro aos entrevistados, os mesmos reafirmaram o fato da pobreza ser um estigma, mas também uma realidade do bairro. Segundo as depoentes Leide Maria Dias de Sousa e Maria Josefa Lacerda o bairro tem avançado economicamente com a chegada de novos moradores e com novas construções.

Mas ainda assim, a maioria da população continuou constituída de pessoas de baixa renda, residindo em construções simples e, em alguns casos, precárias.

Tem muita gente de condição, mas vamos dizer que a maioria sejam pobres mesmo, devido também eles virem de outras comunidades porque receberam esses terrenos que foram doados e fizeram barracos, logo, quando eu cheguei aqui tinha muito barraco, era casinha de taipa, mas hoje já tem muita casa, tá evoluindo, tá vendo ai os prédios e tudo. (SOUSA, 2015).

É pobre, agora aqui tá mais ou menos porque já chegou muita gente de fora, já tem prédio, aqui agora já tá uma cidade, muita venda né? (LACERDA, 2015).

Nesse sentido, afirmamos que alguns dos problemas estruturais que o bairro Parque de Exposição enfrenta há décadas continuam a persistir. Portanto, a pobreza ainda constitui uma marca do discurso sobre este bairro, bem como se evidencia essa realidade ao visitá-lo.

O outro grande estigma – e talvez ainda mais forte que o da pobreza – que persegue o bairro Parque de Exposição e que marca a vida de seus moradores, é o da violência. Vimos que esse discurso de violência surgiu atrelado ao discurso da pobreza por meio de uma memória herdada transmitida pelos órgãos de poder no final do século XIX no Rio de Janeiro e que pode ter sido repassado ao longo do tempo em território nacional constituindo a máxima: “pobre é igual a criminoso”, “pobreza é igual à violência”.

Dessa forma, na busca por averiguar até onde este estigma pode ser considerado legítimo em relação ao bairro Parque de Exposição questionamos nossos entrevistados a respeito da violência na época de formação do bairro e também no período de desenvolvimento do mesmo. Especialmente sobre a violência na década de 2000, período de auge da violência no bairro segundo o discurso policial e midiático.

Em relação ao período inicial de formação do bairro na década 1980, segundo a maior parte dos entrevistados, não havia muita violência. Até mesmo porque a quantidade de habitantes era relativamente pequena nos seus começos. Segundo Zacarias Mendes da Silva:

Era calmo que não tinha gente, depois teve um tempo mais complicado, hoje tá melhor já, no início era menos, ai passou um tempo bem perigoso, mas melhorou, sempre a polícia deu um chega, a onde começa daquele jeito ai fica a fama, todo tempo o povo fica pensando isso. Mas nós nunca sofremos nenhuma violência. (SILVA, 2015).

A afirmação do senhor Zacarias é compartilhada pelos demais entrevistados que consideram o período inicial calmo, mas percebem um maior índice de violência a partir da década de 1990. Para o depoente Ted Rap:

Na realidade quando a gente veio, era bem, muita loucura assim, porque várias periferias tavam migrando pra Exposição, acho que daí começou surgir essa ideia de ser um bairro violento, devido era uma época de gangues e várias gangues tavam morando no mesmo território, e de repente todo mundo se encontrava na mesma rua e acabava tendo essas discussões em barzinhos e tudo, acho que por conta disso ai que o bairro acabou tendo essa fama. (TED RAP, 2015).

Ted Rap se refere à década de 1990 quando houve uma maior ocupação do bairro. Os dois entrevistados (Zacarias e Ted Rap) supõe que a “fama”, ou seja, o estigma da violência se perpetua no bairro por causa desse período, marcado por algumas ações criminosas.

Já para a depoente Leide Maria Dias de Sousa que se mudou em 1997 para o bairro, o mesmo nunca foi muito violento, pois os casos que ocorriam eram semelhantes à de outros bairros da cidade.

Interessante percebermos como o entendimento sobre a violência tem um caráter pessoal e pode estar ligada a própria vida dos sujeitos. Quase todos os entrevistados não demonstraram nenhum tipo de receio ao falar e responder nossas perguntas. No entanto, a entrevistada Maria Josefa Lacerda ao falar sobre o período de violência no bairro baixou seu tom de voz, em uma atitude que demonstra ainda certo receio e medo da violência. Isso ocorreu provavelmente porque de todos os nossos entrevistados na pesquisa, ela foi a única a ser atingida diretamente por um crime dentro do bairro Parque de Exposição. A mesma relata sua experiência traumática abaixo:

Minha casa era baixinha nesse tempo, ai quando foi, era assim oito e meia da noite, ai eu tava deitada, e vi bater, ai tinha a bica a casa era assim de chulé, ai vi bater e pensei que era os gatos, ai depois eu me levantei e fiquei na porta com medo, ai a luz de cá era apagada, e a de lá acesa, ai eu olhei pra cima e vi o claro, ai eu desconfiei, “o que é que ta havendo?” Ai quando eu olhei vi um nego, já em cima do caibo, serrando a ripa e as pernas pendurada pra dentro já, pra mim eu tô vendo ele aqui direitinho, ai era três, dois ficou ai no pé da parede e o outro subiu, ai eu vi aquele rebuliço, quando eu olhei que vi com as pernas mesmo assim pra dentro eu fiquei me tremendo, nunca tinha visto ladrão, ai Manoel já tinha morrido, mas eu tinha um menino meu dormindo lá no outro quarto, ai eu disse Lorisval tem ladrão, atira, ai quando eu disse atira, o bicho pulou e correu, ai deixou a faca em cima do muro, uma peixeira, ai no outro dia amanheceu bonito pra chover, ai eu disse e ai o que é que faz, ai chamaram a polícia, e a polícia veio, levou a faca, ai me deram um calmante que eu fiquei nervosa, ai eles ia me matar porque tava na época do décimo terceiro, de tirar o décimo terceiro, mas eu nem tinha tirado ainda, ia me matar inocente, agora esses três ladrão que veio já morreu tudinho, e eles era daqui, um morava aqui, outro bem ali, e o outro nas casinhas, ai já mataram todos três, os que vieram me atingir já mataram, foram roubar, um foi morrer no Maranhão. Ai pronto não teve mais nada. Mas até hoje nunca mais me aconteceu nada minha filha! Aqui no tempo

disso, era bem agitado já, e era roubo por riba de roubo, agora melhorou mais, a gente ver falar hoje é difícil, mas era todo dia era roubo. (LACERDA, 2015).

Esse período em que Maria Josefa Lacerda diz ser muito agitado e que teria ocorrido uma grande quantidade de assaltos e outros crimes no bairro foi a década de 2000. Nessa década outros depoentes apontaram o maior índice de violência no bairro e também foi o período em que encontramos o maior número de Boletins de Ocorrência e de Inquéritos Policiais de crimes ou tentativas de crimes no bairro Parque de Exposição.

Nossa pesquisa não indicou exatamente o ano do assalto da depoente. Seu Boletim de Ocorrência não foi encontrado nos arquivos policiais pesquisados e a vítima não recorda o ano do acontecido. Contudo, podemos supor que tenha sido por volta do ano de 2004, porque o marido dela faleceu em 22 de fevereiro de 2003. E, segundo dona Josefa, seu esposo tinha falecido a menos de um ano quando ocorreu esse assalto.

Apesar do depoimento da entrevistada Josefa Lacerda e mesmo da percepção dos demais moradores de que na década de 2000 houve um aumento na violência urbana do bairro Parque de Exposição, não acreditamos que os moradores concordem com a fama de violência atribuída ao seu bairro.

Ao questionarmos os entrevistados sobre a violência urbana no bairro, perguntamos se eles tinham sido atingidos diretamente; se algum familiar (morador do bairro ou visitando-o) teria passado por uma situação de violência ou perigo; e se algum vizinho ou conhecido sofrera efetivamente algum crime ou perigo no bairro entre as décadas de 1980, 1990 e 2000. Todas as respostas foram não, a exceção de Maria Josefa Lacerda que sofreu uma tentativa de assalto, mas o qual não chegou a ocorrer efetivamente.

Esse panorama nos fez problematizar esse estigma de violência que assola o bairro, pois a violência urbana está presente nas grandes cidades e também nas pequenas, ainda que de modo menos intenso. Os bairros, enquanto espaço público e particular das urbes, também enfrentam os mesmos problemas urbanos que as cidades. Então, crimes e tentativas de crimes são comuns nesses espaços.

O discurso midiático, policial e da sociedade picoense como um todo representaram o bairro Parque de Exposição como sendo muito violento. Essa representação foi questionada por nossos depoentes que apontaram outra realidade, tanto do passado quanto do presente (2015). Segundo Dulcineide Bezerra da Silva o bairro é tranquilo e com uma ínfima quantidade de casos de violência: “Mulher aqui é um lugar tão tranquilo pra gente

morar que tem dia que eu passo a noite todinha minha de porta aberta, e num passa nem vento, só cachorro pra entrar dentro da casa da gente, aqui é bom demais” (SILVA, 2015).

Nosso entrevistado Ted Rap afirmou que a única violência que já sofreu no bairro foi da própria polícia devido o preconceito que cerca seu estilo de se vestir e de se comunicar, além do fato de ser negro e morar em um bairro estigmatizado. O mesmo afirmou ainda que o bairro não era mais violento quanto antes. Essa suposta tranquilidade atual (2015) seria fruto de uma mudança econômica que o país sofreu nos últimos anos e que atingiu conseqüentemente e positivamente aquela parte da cidade.

Não, hoje o bairro não é mais violento, nos últimos 12 anos a coisa mudou pra caramba, e a Exposição diria até antes, a questão da violência, da pobreza, a galera começou a ficar mais consciente, tem muitas pessoas trabalhando aqui dentro dessa comunidade, tem o pessoal do Centro Espírita, as Igrejas, tem o salão de Ubanda, O Hip Hop, a Casa Aliança, a Associação de moradores, então essa galera sempre fazendo atividades isoladas e ao mesmo tempo em conjunto porque é o mesmo público, é a mesma comunidade, é a mesma molecada. E isso foi mudando a realidade, a Exposição mudou totalmente. Não aguentou esperar, então embora seja lento o processo, a gente tá aí pra mudar essa realidade. (TED RAP, 2015).

A percepção de mudança que o cantor Ted Rap aponta é sentida pelos demais moradores. Segundo a nossa entrevistada Francisca Rosa Damaceno, atualmente quando ocorre algum crime no bairro Parque de Exposição, é sempre um caso isolado e de forma rara.

Todas essas afirmações de nossos entrevistados nos fazem crer que no período inicial de formação no bairro, ou seja, na década de 1980, o mesmo era tranquilo, pois não haviam muitos moradores e o mesmo ainda estava se constituindo enquanto bairro na cidade de Picos. Na década 1990 para nossos entrevistados houve um aumento no número de casos de violência, um resultado proporcional, já que aumentou o desenvolvimento do bairro e cresceu demograficamente. Na década de 2000 houve um aumento progressivo do número de casos de violência (que investigaremos por meio de Boletins de Ocorrência e de Inquéritos Policiais), e veremos que foram casos em geral comuns à vida urbana e a todo cenário picoense.

Dessa forma percebemos por meio da pesquisa em nossas fontes orais que a violência atribuída ao bairro Parque de Exposição não constitui um fator real e constante no bairro, mas um estigma irreal criado e fixado no imaginário picoense.

2.3 “A violência documentada”: Análise da criminalidade no Bairro Parque de Exposição nas décadas de 1990 e 2000.

Na busca de analisar se o estigma de violência atribuído ao bairro Parque de Exposição foi apenas uma construção discursiva, como afirmaram nossas fontes orais, coletamos e analisamos documentos oficiais. Os documentos em questão foram Boletins de Ocorrência e Inquéritos Policiais (pertencentes originalmente ao 3º Distrito Policial de Picos-DPI e encontrados na Central de Flagrantes de Picos) das décadas de 1980, 1990 e 2000 do bairro Parque de Exposição e também do bairro Junco, para uma análise comparativa e quantitativa de casos de violência nos referidos bairros.

Assim, para percebermos se a violência foi um fator marcante no bairro Parque de Exposição (pelo viés oficial) ou se foi apenas um elemento presente como nos demais bairros da cidade de Picos, como o bairro Junco, realizamos a contagem e classificação das ocorrências policiais para se comparar o nível de violência entre os dois bairros. A tabela a seguir apresenta os resultados encontrados:

Tabela 1¹⁶: Números de crimes ou tentativas de crimes

PERÍODO	<i>Boletins de Ocorrência e Inquéritos Policiais</i>	
	Bairro Junco	Bairro Parque de Exposição
Década de 1990	15	7
Ano 2000	4	8
Ano 2001	19	8
Ano 2002	8	4
Ano 2003	-	-
Ano 2004	2	5
Ano 2005	-	-
Ano 2006	9	14
Ano 2007	15	14
Ano 2008	1	8
Ano 2009	24	18
Ano 2010	9	2
TOTAL	106	88

¹⁶ Tabela produzida a partir das pesquisas realizadas nos Boletins de Ocorrência e Inquéritos Policiais encontrados na Central de Flagrantes de Picos, documentos pertencentes ao 3º Distrito Policial de Picos-DPI. 2015.

Ao analisarmos quantitativamente os crimes que foram registrados em Boletins de Ocorrência e em Inquéritos Policiais chegamos as seguintes observações: Na década de 1980 foram registrados 16 crimes no bairro Junco e nenhum boletim ou inquérito referente ao bairro Parque de Exposição, mas há uma justificativa para isso. Como vimos no primeiro capítulo, o terreno cedido para construção do bairro Parque de Exposição pertencia ao bairro Junco. E na planta do primeiro loteamento de terras no bairro Parque de Exposição, o local de loteamento apresentado era o bairro Junco, logo todo crime que fosse ocorrido no bairro Parque de Exposição seria nesse primeiro momento registrado como ocorrido no Bairro Junco. Daí porque não citamos esses números, da década de 1980, na tabela acima.

Assim, se constitui uma tarefa muito difícil fazermos uma análise quantitativa de crimes (pelo viés oficial), na primeira década de ocupação do bairro Parque de Exposição, pois nos Inquéritos Policiais e Boletins de Ocorrência só consta o nome do bairro Junco. E não há referência à rua, ao número da casa ou do local onde o crime ocorreu, impossibilitando assim, uma verificação no mapa atual do bairro.

No entanto, ao recorrermos novamente a nossas fontes orais, percebemos que nessa primeira década a quantidade populacional era restrita e os crimes raros. Voltamos assim nosso olhar para a década de 1990, que por sua vez foi o período em que, segundo os depoentes, houve um aumento de casos de violência no bairro Parque de Exposição. Encontramos na documentação da década de 1990 a quantidade de 15 inquéritos policiais referentes ao bairro Junco e 7 inquéritos referentes ao bairro Parque de Exposição. Ou seja, no bairro estigmatizado como violento ocorreu menos que a metade dos crimes ocorridos no bairro Junco.

Salientamos que esses números não podem ser observados secamente, pois há subjetividades intrínsecas a esse tipo de análise. Primeiro o bairro Junco formou-se anteriormente, conseqüentemente era maior demograficamente, logo, era de se esperar que houvesse um maior número de crimes. A segunda questão é que a análise dos números permite vislumbrar apenas onde os crimes ocorriam e não de onde eram os sujeitos que realizavam tais crimes. Mas não nos cabe aqui observar se os crimes no Junco foram cometidos por moradores do bairro Parque de Exposição e vice-versa e sim onde ocorreram, já que estamos analisando o estigma de violência atribuído ao bairro.

Na década de 2000 observamos ano a ano a quantidade de crimes, pois foi o período no qual, segundo os depoentes, ocorreu o auge da violência no bairro Parque de Exposição e foi ainda o momento onde encontramos o maior número de registros policiais

nos dois bairros aqui comparados. No ano de 2000 averiguamos 4 crimes registrados em inquéritos policiais no bairro Junco e 8 inquéritos no bairro Parque de Exposição, ou seja, o dobro do que ocorreu no bairro Junco. Assim, houve efetivamente um aumento substancial de violência no bairro Parque de Exposição, em comparação com seu bairro vizinho (Junco).

No ano de 2001, no entanto, verificamos o oposto, houve 19 inquéritos de crimes ocorridos no bairro Junco e apenas 8 no bairro Parque de Exposição. No ano de 2002 novamente o bairro Junco teve um maior número de ocorrências policiais, totalizando 8 boletins de ocorrência, enquanto houve apenas 4 registros no bairro Parque de Exposição.

No ano de 2003 não encontramos nenhum boletim ou inquérito, provavelmente esse material foi perdido quando da transferência dessa documentação do 3º Distrito Policial de Picos-DPI para a Central de Flagrantes de Picos, onde estão atualmente guardados.

No ano de 2004 encontramos 2 registros de crimes no bairro Junco e 5 no bairro Parque de Exposição. No ano de 2005 também não foram encontrados registros. No ano de 2006 foram registrados 9 casos no bairro Junco e 14 no bairro Parque de Exposição. Em 2007 praticamente se igualaram 15 casos no bairro Junco e 14 novamente no bairro Parque de Exposição. No ano de 2008 apenas 1 caso registrado no bairro Junco e 8 no bairro Parque de Exposição.

Em 2009 verificamos um aumento substancial de registros de crimes nos dois bairros: 24 casos no bairro Junco e 18 no bairro Parque de Exposição. E, em 2010, uma diminuição relativa do número de casos de crimes nos dois bairros: 9 no Junco e apenas 2 no Parque de Exposição. Assim, podemos perceber que a quantidade de crimes ocorridos ao longo das décadas de 1990 e 2000 variaram de forma similar nos dois bairros. Isto é, quando a quantidade de crimes aumentava em um dos bairros, o mesmo ocorria no outro (quando se aumentava substancialmente em um ano, o mesmo ocorria no outro bairro no ano seguinte). A variação similar desses registros policiais sugere que o aumento da criminalidade em um bairro era resultante do aumento da violência urbana de forma geral.

A análise quantitativa dos registros policiais nos fez perceber que de fato na década de 2000 (especialmente nos anos de 2006, 2007 e 2009), situa-se o auge da violência no bairro Parque de Exposição, como haviam apontado os entrevistados. Mas o aumento da violência também foi sentido pelos moradores do bairro Junco.

No que se refere à totalidade dos casos de crimes registrados nesses documentos policiais, desde a década de 1990, verificamos que ocorreram mais crimes no bairro Junco (106 ao total) do que em relação ao bairro Parque de Exposição (88 ao total). O nosso

bairro em estudo, estigmatizado de violento e perigoso, apresentou muito menos casos de crimes registrados do que o seu bairro vizinho. E, ainda sim, foi o bairro Parque de Exposição que ganhou o estigma de violência e que ainda hoje convive com esse estereótipo.

No intuito de aprofundar ainda mais nossa pesquisa, sobre a violência no fragmento urbano de Picos em estudo, realizamos uma análise dos tipos de crimes ocorridos nos bairros Junco e Parque de Exposição. A tabela a seguir nos ajudou a perceber que os crimes cometidos nos bairros citados eram semelhantes entre si e, em sua maioria, comuns às cidades brasileiras de mesmo porte:

Tabela 2¹⁷: Tipos de crimes ocorridos no bairro Parque de Exposição e Junco.

Período	1990		2000		2001		2002		2004		2006		2007		2008		2009		2010	
	E*	J**	E	J	E	J	E	J	E	J	E	J	E	J	E	J	E	J	E	J
Crimes/locais	E*	J**	E	J	E	J	E	J	E	J	E	J	E	J	E	J	E	J	E	J
Ameaça	-	3	1	1	1	-	-	-	-	-	4	-	1	2	3	-	1	1	1	3
Briga familiar	2	-	2	-	-	2	-	-	2	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-
Cárcere privado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
Danos materiais	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2	-	-	2	4	-	-
Destruição de patrimônio	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
Difamação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	1	1	-
Estelionato	-	-	-	-	-	2	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-
Furto	3	8	-	2	3	5	2	5	1	-	4	9	6	7	3	1	8	14	-	3
Homicídio	-	-	-	-	-	1	1	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
Invasão a propriedade	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-
Lesão corporal	-	2	3	-	4	3	-	1	2	-	2	-	2	1	-	-	3	2	-	3
Perturbação da ordem	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-
Racismo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Rapto	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tentativa de homicídio	-	-	1	-	-	5	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tentativa de furto	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-
Violência doméstica	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-

(*) **E** – Refere-se aos crimes ocorridos no bairro Parque de Exposição.

(**) **J** – Refere-se aos crimes ocorridos no bairro Junco.

¹⁷ Tabela produzida a partir das pesquisas realizadas nos Boletins de Ocorrência e Inquéritos Policiais encontrados na Central de Flagrantes de Picos, documentos pertencentes ao 3º Distrito Policial de Picos-DPI. 2015.

Podemos observar analisando essa tabela que o crime mais comum ocorrido ao longo do tempo no bairro Junco e no bairro Parque de Exposição foi o furto. É interessante esclarecer que em geral foram roubados objetos sem grande valor. Roubo de galinhas, de aparelhos celulares, de bicicletas, de aparelhos de som de carros, assaltos a domicílios. E, em alguns poucos casos, houve furtos de bens de grande valor, como o roubo de um carro. O segundo tipo de crime mais comum foram às lesões corporais. Essas agressões físicas eram resultantes, em geral, de conflitos pessoais entre moradores dos citados bairros, como as brigas em bares e botecos. Ou seja, crimes muito comuns em ambientes urbanos, onde a convivência é tão próxima que muitas vezes, gera as discordâncias.

O terceiro tipo de crime mais comum nos dois bairros foram às ameaças verbais, geradas por discussões entre vizinhos, familiares ou mesmo entre desconhecidos – que na maior parte das vezes, não se concretizaram. Mas, que foram levadas a delegacia e registradas. Houve também outros tipos de crimes como difamação, destruição do patrimônio público, danos materiais a bens e locais privados, estelionatos, brigas familiares e até mesmo raptos foram registrados.

Na verificação dos tipos de crimes, dois deles nos chamou a atenção. O fato de existir apenas uma denúncia contra violência doméstica e racismo. Isto nos leva a pensar que uma documentação oficial não constitui a única representação da realidade, pois sabemos que infelizmente crimes de violência doméstica e de racismo são muito comuns em todo o país, mas não são denunciados pela população.

Contudo, o que nos despertou maiores questionamentos foi à ínfima quantidade de casos mais graves de violência, como os homicídios e as tentativas de homicídios. Da década de 1990 até o ano de 2010 foram registrados – nos arquivos policiais por nós encontrados, ressalvados os anos de 2003 e 2005, o qual não achamos nenhum registro – apenas 7 casos de tentativa de homicídio: 1 no bairro Parque de Exposição no ano 2000 e mais 5 no ano de 2001, e 1 caso no bairro Junco também em 2001.

No que se refere aos homicídios registrados nessa documentação, os números são ainda menores. São 4 homicídios no total, sendo 3 desses ocorridos no bairro Junco nos anos 2001, 2002 e 2007. E, surpreendentemente, no bairro Parque de Exposição, estigmatizado de violento, encontramos nessa documentação que perpassa mais de 20 anos de história apenas um homicídio, que teria ocorrido no ano de 2002.

Não podemos acreditar que esses sejam dados reais apenas por serem oficiais. Além disso, se faz mister ressaltar que o conhecimento histórico não produz a verdade sobre o passado, mas uma versão sobre este, bem como existem diversos fatores que

interferem no trabalho do historiador. Por exemplo, não encontramos os documentos policiais do ano de 2003 e 2005 que poderiam apresentar novos e surpreendentes números desses crimes. Também não sabemos se não faltavam arquivos de outros casos na documentação que analisamos. Além do fato de que muitos crimes ocorrem e não são denunciados e registrados pela polícia. Mas, necessitamos analisar a documentação de que dispomos e esses não os números que interrogamos. O passado que eles nos contam sobre o bairro Parque de Exposição difere muito do estereótipo de bairro violento que o mesmo possui.

Nesse sentido, salientamos que tanto as vozes que ecoam o passado através do presente, ou seja, os moradores do bairro Parque de Exposição por nós entrevistados, como a documentação policial por nós analisada (os Boletins de Ocorrência e Inquéritos Policiais do bairro Junco e do bairro Parque de Exposição), apontam que o estigma de violência imposto ao nosso bairro pesquisado, constitui uma característica falsa. Este estigma foi criado por meio de discursos de parte da população picoense que tinha preconceito com os moradores pobres que habitavam o bairro Parque de Exposição e que foram considerados perigosos simplesmente por sua baixa condição econômica. Sendo vistos como perigosos, logo o bairro se tornava portador do estigma de seus habitantes e passava a ser visto como violento. Entendemos assim como o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior que: “As segregações espaciais, no Brasil, acompanham suas segregações sociais. Temos uma geografia da exclusão e do medo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 87). Assim as separações no Brasil entre indivíduos considerados livres de qualquer suspeita e entre os principais suspeitos está relacionada ao poder econômico dos sujeitos e ao seu status social.

2.4 “O lugar que não se vê”: O Parque de Exposição vivido por seus moradores e pouco conhecido na cidade de Picos.

Entender agora a marginalização imposta aos moradores do bairro Parque de Exposição torna-se, em certo sentido, mais simples, na medida em que percebemos como se construíram os estereótipos que marcariam o seu local de moradia. Contudo, a estigmatização a que este bairro foi submetido, impede muitas vezes, que o mesmo seja conhecido em seus outros aspectos. Como afirmou Erving Goffman (1988), após colocarmos um estigma em alguém, devido algum atributo que o mesmo possuiu, isolamos esse elemento do restante de nós. E não nos interessa outras características que ele possa

possuir. Assim, o bairro Parque de Exposição foi marcado pelos estigmas de pobreza e violência e não se sabe muito mais sobre o mesmo.

Nesse sentido, aqui novamente nos serve a História, conhecer o que não é conhecido, pesquisar o que não foi pesquisado, fazer novas perguntas a um mesmo passado. Fomos assim à busca do “lugar que não se vê”, ou ainda melhor, de um lugar sobre o qual não se conhece, porque não se busca conhecer. Os outros lados do bairro Parque de Exposição, suas outras faces.

Para a realização dessa *flânerie* contudo, foi necessário um avanço temporal em alguns momentos que perpassa o nosso recorte temporal. Mas, tal fuga se fez necessária na medida em que entender as rupturas que ocorreram no bairro nos ajudaram a perceber a importância desse espaço para a cidade de Picos.

Nessa busca Walter Benjamin (1989), nos ajudou ao mostrar como o *flâneur* ao andar pelas ruas observando, pode agir também como um detetive, semelhante ao trabalho do historiador. Assim, mesclados pelas dúvidas historiográficas e pelo Sherlock Holmes que habita em nós fizemos nossa *flanerie* pelo bairro Parque de Exposição nos sentindo tão à vontade no bairro como o próprio *flâneur* se sentia à vontade nas galerias parisienses.

As galerias são um meio-termo entre a rua e o interior da casa. Se quisermos mencionar uma artimanha própria das fisiologias, falaremos de uma dos folhetins, já comprovada: a de transformar os bulevares em interiores. A rua se torna moradia para o flâneur que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto burguês entre quatro paredes. (BENJAMIN, 1989, p. 35).

Do mesmo modo que as galerias são o meio termo entre a rua e o interior da casa para o *flâneur* de Walter Benjamin, o bairro Parque de Exposição se tornou nosso meio termo entre a cidade de Picos e o nosso lar. Em nossa pesquisa de campo, nesta última parte do trabalho, optamos por discutir outras facetas do referido bairro (diferentes dos estigmas de pobreza e violência). Isto porque, como afirma Fernando Pessoa, no poema citado na epígrafe de abertura do presente trabalho, uma história não possui uma única verdade, muito menos, uma única possibilidade de análise.

Nesse sentido, um bairro, um espaço tão significativo e repleto de histórias e vivências, possui milhares de ângulos de abordagem. Milhares de faces. E é em busca de algumas dessas faces do bairro Parque de Exposição que os convidamos a conhecer a partir deste momento.

O bairro Parque de Exposição se destaca atualmente no cenário urbano picoense – além dos estigmas já referidos – pelo tamanho físico, pelas ações dos organismos públicos

e não governamentais ali instalados e pelas sociabilidades desenvolvidas por seus moradores, nos diversos espaços desta parte da cidade.

O bairro possui diversos pontos comerciais como mercadinhos, pequenas lojas de roupas, salões de beleza, padarias, bares, lanchonetes e oficinas mecânicas. Na área da saúde pública, conta com um Posto de Saúde que atende toda a sua população em serviços básicos como Clínica Médica e Pediatria. No que se refere aos cultos coletivos, ele conta com uma Igreja Católica, algumas Igrejas Evangélicas, um Centro Espírita e um salão de Umbanda. Ou seja, espaços que celebram as mais diversas opções religiosas.

Em relação à questão educacional, o bairro conta com duas escolas – a Unidade Estadual José de Deus Barros e o Centro Educacional Maria Gil de Medeiros. A primeira atua nos turnos manhã e tarde ofertando o Ensino Fundamental I e II. A segunda (uma escola municipal) atua nos turnos manhã, tarde e noite ofertando Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e a modalidade especial do EJA (Educação de Jovens e Adultos), respectivamente.

Nesse cenário educacional, percebemos que há uma lacuna de escolas que ofereçam o Ensino Médio. Isso faz com que a maior parte dos jovens, que moram no bairro Parque de Exposição, tenham que se deslocar para o Junco, ou mesmo para outros bairros ainda mais distantes, para cursar esse nível de ensino.

Apesar dessa lacuna na oferta do Ensino Médio, o bairro se destaca em relação à educação pública. O Centro Educacional Maria Gil de Medeiros – que atende crianças, adolescentes e adultos – apresenta uma grande estrutura física, comparada a outras escolas da cidade. Neste espaço educacional funcionava anteriormente a Escola Senador Nilo Coelho, do Serviço Social da Indústria (SESI), nas instalações do antigo CAIC (Centro de Atenção Integral à Criança) e atendia grande parte das crianças da cidade de Picos.

Contudo, como ocorre na maior parte dos espaços urbanos periféricos brasileiros, o bairro apresenta também algumas deficiências. Não há no bairro ainda nenhuma farmácia, agência bancária, loteria ou correspondentes bancários, o que faz com que os moradores tenham que buscar esses serviços no bairro Junco ou no Centro da cidade. Há ainda a falta de espaços de práticas de lazer e de esportes. O bairro possui uma única praça e nenhuma quadra esportiva ou academia ao ar livre. Enfim, problemas comuns a diferentes bairros da cidade de Picos.

Entretanto, o que nos intrigou durante nossa *flanerie* pelo bairro Parque de Exposição foi a percepção da existência de variados espaços importantes para este fragmento urbano, bem como para toda a cidade de Picos, mas que são pouco divulgados.

Por exemplo, existe dentro do bairro Parque de Exposição a Casa Aliança. Esse espaço recebe crianças e adolescentes oferecendo desde aulas de reforço até as mais variadas oficinas, como aulas de violão, computação, artesanato, dança, teatro, futsal, vôlei e culinária. Ou seja, um ambiente que contribui para o aprendizado e integração social dessas crianças e jovens. Essas aulas são ministradas por moradores do bairro e em geral por jovens que já foram alunos da Casa Aliança e retornam para ensinar o aprendizado.

A Casa Aliança foi fundada em 2003, mas faz parte de um projeto amplo que existe no bairro Parque de Exposição desde 1998. Esse projeto foi criado pelo Padre Mauro Bianchi, um sacerdote italiano que veio para Picos na década de 1990 para ser pároco da Igreja São Francisco de Assis, no bairro Junco e pela missionária italiana Daniela Marchi, conjuntamente com moradores do bairro Parque de Exposição, que juntos fundaram a Associação de Desenvolvimento Construindo Alianças.

Segundo a coordenadora da Casa Aliança, a educadora social Marilene de Sousa Costa, o primeiro projeto da referida associação foi a Creche Aliança. Hoje a creche não funciona mais, mas surgiram outros projetos da Associação de Desenvolvimento Construindo Alianças. A Casa Aliança tem atualmente 150 crianças matriculadas e que frequentam diariamente a casa e a única exigência para poder participar é estar matriculado na escola. O que representa um incentivo para as crianças permanecerem estudando. Ainda segundo a coordenadora da Casa Aliança a participação das crianças no bairro é muito positiva. A coordenadora salienta que a maioria das crianças é do bairro Parque de Exposição, mas crianças de outros bairros quando procuram a Casa também são aceitas.

Nesse sentido, a Casa Aliança configura-se como um espaço de aprendizado e de elevação da autoestima. Para a coordenadora Marilene de Sousa Costa, o espaço tem contribuído na formação educacional e social de muitos jovens, ajudando inclusive a confrontar o preconceito que sofrem por viverem em um bairro tão discriminado pela população picoense.

O bem maior da Casa Aliança é a integração social, a inclusão, o ciclo de amizade que eles fazem, o afeto que a gente dá e recebe, e principalmente as oportunidades, porque por aqui já passaram muitas crianças que hoje estão na universidade, no mercado de trabalho, porque quando eles chegam em algum lugar que diz que passou pela Casa Aliança as portas se abrem, porque infelizmente nosso bairro é muito discriminado, a gente que mora aqui é discriminado todo dia e toda hora, e geralmente os que passaram por algum projeto social, associação, por um centro de referência, eles são vistos com bons olhos aí as portas se abrem e a gente vê que as crianças que passaram por aqui são jovens que respeitam, que ajudam porque foram ajudados, então é um bem maior. (COSTA, 2015).

A fala da depoente reafirma a discriminação que os moradores do bairro Parque de Exposição enfrentam “todo dia e todo hora”, mas ao mesmo tempo salienta que esse preconceito tende a diminuir quando os jovens participam de instituições como a da Casa Aliança. Essa observação se mostra interessante na medida em que grande parte das crianças que moram no bairro participam ou participaram de projetos como o da Casa Aliança e da Creche Aliança. Isso nos faz acreditar, enquanto cidadãos, que o preconceito com esses moradores tenda a diminuir com o tempo.

Outro local dentro do bairro Parque de Exposição e que tem uma relevância para a cidade de Picos é o Cemitério Jardim da Eternidade. Pode parecer estranho que falemos de um modo positivo sobre um local onde a morte é o elemento principal. Mas os cemitérios constituem um espaço necessário e muito importante no cenário urbano, com grandes populações, onde a morte – seja por acidentes, seja por causas naturais – configura-se como um fator constante. Portanto, a existência de um local em que os mortos possam ser enterrados se faz estritamente necessário, tanto pela questão da saúde pública, quanto pelo sentimento dos parentes. Isto é, na nossa sociedade a prática do enterro é vista como um elemento fundamental para a passagem para outra vida ou para o descanso eterno.

A cidade de Picos possui apenas dois cemitérios – o São Pedro de Alcântara e o Jardim da Eternidade. O primeiro, mais antigo, fica localizado no Centro da cidade e já se encontra lotado, ou seja, não dispõe de locais para enterros. Portanto, o único local dentro da cidade (o Cemitério Jardim da Eternidade) com espaços para que os entes queridos falecidos sejam enterrados encontra-se em um bairro tão discriminado pela população picoense.

Outro elemento presente no bairro de fundamental importância para o mesmo é a Associação de Moradores do bairro Parque de Exposição. Segundo a atual presidente da associação Francisca Rosa Damaceno (presidente da associação desde 2013), essa instituição teria sido formada em 1996, mas o único documento existente (a ata de fundação foi perdida) é um estatuto de 2002.

Segundo Francisca Rosa Damaceno sem a ata de fundação alguns projetos não podem ser executados, pois o estatuto da associação de 2002 é limitado. Para tentar sanar o problema ela juntamente com a diretoria elaborou um novo modelo de estatuto que abrange mais possibilidades de projetos para o bairro e este novo modelo de estatuto está sendo revisto e em breve poderá ter validade. Ainda assim, por meio da Associação, a presidente afirma terem conseguido algumas conquistas, como o funcionamento efetivo da limpeza das ruas.

Outro elemento de fundamental importância é o Centro de Controle de Zoonoses (CCZ). Ele é o único da cidade e se localiza no bairro Parque de Exposição, atendendo seus moradores, a sociedade picoense como um todo e as microrregiões vizinhas. A relevância de um Centro de Controle de Zoonoses em uma cidade é gigantesca, pois como afirma o coordenador do Centro de Zoonoses da cidade de Picos, Agenor de Sousa Martins, o que o CCZ tem por objetivo é fazer a vigilância ambiental em saúde para evitar que a população seja acometida por determinadas doenças. O centro começou a funcionar em 01 de outubro de 2001 e desde o início desenvolve diversas ações como a apreensão de animais para o controle da Raiva; o desenvolvimento do programa de controle da Doença de Chagas, da Esquistossomose e da Dengue. Além de controlar fatores de risco não biológicos, como por exemplo, o controle da qualidade da água. Nesse sentido, a vigilância da saúde pública, no que se refere às zoonoses, de toda população da cidade se faz por intermédio de uma instituição que se localiza no interior de um bairro tão mal visto pelos demais moradores da cidade.

Novamente, ao caminharmos pelo bairro Parque de Exposição nos deparamos com mais uma especificidade que o mesmo apresenta e que se mostra relevante para uma população que vai além de suas fronteiras. O bairro dispõe do único Hospital Público Psiquiátrico da cidade de Picos. Este, por sua vez, atende pessoas da macrorregião de Picos e de mais dois estados brasileiros (Ceará e Pernambuco). O hospital em questão é o Hospital Dia de Picos que já existe no bairro desde 1997. Ou seja, está atendendo pessoas com transtornos mentais há 18 anos.

Outra especificidade do bairro, é que só existem dois Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) na cidade de Picos e um desses se localiza justamente no bairro Parque de Exposição (desde janeiro de 2010). Segundo a assistente social, Ângela de Maria Bezerra que é a coordenadora do CRAS no referido bairro, a função principal deste centro social é desenvolver a potencialidade de famílias que são consideradas vulneráveis. E, para desenvolver socialmente essas famílias o CRAS fornece benefícios, programas e serviços.

Entre esses serviços são realizados diferentes tipos de atividades. As crianças recebem aulas de desenhos, pinturas e atividades lúdicas. Os jovens recebem aulas de violão, atividades artesanais, pintura, danças e atividades esportivas. Para as mulheres há um grupo de desenvolvimento familiar, onde elas aprendem as mais diversas atividades através de oficinas buscando a geração de emprego e renda mensalmente.

Segundo a coordenadora do CRAS, as ações desse organismo público são abertas à toda população picoense. No entanto, as mais de 500 famílias inseridas em todos os seus programas, serviços e benefícios residem, em sua maioria, no bairro Parque de Exposição.

Acreditamos que a pouca participação de moradores de outros bairros nas ações do CRAS do bairro Parque de Exposição resulta dos estigmas (de pobreza e violência) a ele atribuídos. O medo de serem vistos como pessoas carentes e que necessitam frequentar uma instituição de apoio social no referido bairro, dificulta a participação de outros moradores. Isto é, o medo do julgamento do outro, muitas vezes, cerceia a própria liberdade de escolha.

Todos esses espaços são, muitas vezes, ignorados pelo restante da população da cidade. O trabalho do CRAS e da Casa Aliança, a importância do Cemitério Jardim da Eternidade, do Hospital Dia de Picos e do Centro de Controle de Zoonoses são fundamentais para os cidadãos picoenses. Mas parece que esses espaços não têm sua importância reconhecida e, quando a tem, esquecem ou não desejam lembrar que eles se localizam no bairro Parque de Exposição.

Os moradores do bairro costumam dizer que há uma expressão quando ocorre algo nas proximidades da Universidade Federal do Piauí, que se localiza na entrada do referido bairro. O ditado é o seguinte: “Se acontece algo bom dizem que foi no Junco, se for algo ruim dizem que aconteceu no bairro Parque de Exposição”.

Essa marginalização imposta ao bairro Parque de Exposição, ao longo de sua formação, não afetou o amor e o respeito de seus moradores (ou pelo menos de nossos entrevistados) com seu espaço de vivência. Ao longo da pesquisa questionamos os moradores sobre o porquê permanecer em um bairro com estigmas tão ruins. As respostas foram semelhantes. A depoente Maria Josefa Lacerda se sente enraizada no bairro e considera seus vizinhos como família.

De vez em quando eu me zango, eu digo que vou me embora pra Araripina, vou vender isso aqui e vou me embora! Mas é só quando tô zangada, eu gosto de morar aqui porque foi onde eu arrumei o pão foi aqui, quando nós vínhamos pra aqui iluminou os caminhos da felicidade, meu velho viveu aqui. Aqui é como se fosse família os vizinhos, na hora que eu adoço aqui tudo acode. Tô com mais de vinte anos comprando no mesmo mercadinho, quando eu imagino sair, eu olho pra casa e tenho amor, não saio não e mesmo a planta que se muda ela custa pegar, e assim a minha já ta pegada não vai mais pra canto nenhum, eu tenho de ficar. (LACERDA, 2015).

O relato da depoente reafirma a nossa ideia de que no bairro as relações são mais intensas e que esse espaço da urbe se torna uma extensão do nosso lar. Para a depoente que

vive sozinha, são os vizinhos que cuidam da mesma em um momento de doença. O dono do mercadinho – numa relação de confiança pela fidelidade de sua cliente, há mais de vinte anos – ainda vende fiado. Relação que seria mais difícil com um morador de outro bairro, que seria uma espécie de estranho.

O depoimento de Maria Josefa Lacerda também aponta as sociabilidades existentes no bairro e a boa convivência entre seus moradores. Relações harmoniosas e pacíficas confirmadas por todos os depoentes. Segundo o entrevistado Zacarias Mendes da Silva, o mesmo nunca pensou em se mudar do bairro Parque de Exposição:

Olhe nunca quis me mudar. Logo plantei minhas plantinhas e fico aqui nas sombrinhas e olhe graças a Deus nós somos amigos de todos, nunca tivemos uma diferença com nenhum e eu gosto de morar aqui, aqui é bom, graças a Deus, nunca desapareceu nem uma galinha dentro daqui do muro. (SILVA, 2015).

O relato do depoente Zacarias Mendes da Silva se mostrou interessante em dois aspectos. No primeiro por apontar a harmoniosidade de relações, ao afirmar que ao longo dos vinte quatro anos que mora no bairro jamais tivera nenhum tipo de atrito com nenhum outro morador. E o segundo aspecto relevante de sua fala é refirmar a tranquilidade de viver no bairro Parque de Exposição, nunca tendo desaparecido uma única galinha de seu galinheiro.

Seu Zacarias pode facilmente ser encontrado todos os dias na sua calçada ao lado de sua esposa Maria Dulce Bezerra da Silva, aproveitando a sombra de suas árvores plantadas por ele próprio. Ao visitarmos esse entrevistado fomos levados em uma espécie de viagem ao passado, onde o barulho dos carros e as confusões do viver urbano atingem ainda de modo muito sutil. A rua do nosso entrevistado (Rua Inhumana) tem apenas uma entrada e saída. Ela é pequena e tranquila, onde podemos entender facilmente o amor que o senhor Zacarias Mendes da Silva tem por seu local de moradia.

Percebemos na fala de todos os depoentes um apego pelo bairro Parque de Exposição. O desejo dos moradores de permanecer no bairro vai muito além do fato de possuírem uma casa própria no local. Esse foi o caso do depoente Ted Rap que ganhou uma casa em outro bairro, mas resolveu voltar para o bairro Parque de Exposição, devido à relação de afeto desenvolvida com os outros moradores e com o próprio lugar.

Eu consegui uma casa no projeto do governo lá naquela Cidade de Deus, eu abandonei a casa e voltei pra cá, porque acho que era aqui onde eu tinha que está mesmo, cresci aqui e até aquela de você conhecer todo mundo e de todo mundo te conhecer, então acho que foi mais isso, eu não quero sair, eu gosto daqui! Eu não vejo esses problemas que a sociedade lá fora fala. Embora exista, em todo lugar da cidade existe droga,

violência, mas ninguém da tanta importância, mas por ser o Parque de Exposição todo mundo acaba generalizando, mas é porque quem tá lá fora não sabe o tanto de pessoas esforçadas que tem aqui dentro tentando mudar esse bairro. (TED RAP, 2015).

O relato de Ted Rap sugere que apesar dos preconceitos contra seu bairro, alguns moradores, assim como ele, recusam-se a mudar de endereço. E, além desta recusa, lutam para desconstruir a estigmatização que circunda o bairro até a atualidade. Uma das provas dessa luta foi à reação positiva de todos os entrevistados ao saber do objetivo do nosso trabalho: compreender como se construiu a estigmatização em relação ao bairro Parque de Exposição e se possível contribuir para desfazer os estigmas que propiciaram a imagem negativa que o mesmo possui. Todos os nossos entrevistados ficaram felizes com a pesquisa e esperançosos em relação a ela. Nesse sentido, acreditamos que nossa pesquisa cumpre uma exigência acadêmica do curso de Licenciatura Plena em História, bem como se mostra relevante por sua responsabilidade social. Isto é, a responsabilidade de dar voz aos moradores do bairro Parque de Exposição e mostrar outras faces da história dessa parte da cidade. Afinal, como afirma Gianni Bosio é justamente essa a intenção do trabalho cultural:

A intenção do trabalho cultural é de armar a classe de suas próprias armas, de fazer de modo que os excluídos, os explorados, os marginalizados se dêem conta da importância de suas vidas, de seu saber, de suas palavras. E se dêem conta de que é um saber social, é um saber coletivo. E que nós os intelectuais, que trabalhamos nessa arena, devolvamos seu saber de uma maneira mais crítica, mais analítica do que recebemos. (BOSIO apud PORTELLI, 2010, p. 9).

Nesse sentido, embora o bairro Parque de Exposição enfrente muitas dificuldades na sua infraestrutura urbana, os seus moradores sentem orgulho do mesmo e lutam para que políticas públicas que possam transformar esse espaço cheguem ao bairro. Um lugar onde convivências pacíficas fazem parte do cenário principal e onde sociabilidades entre vizinhos ocorrem de forma harmoniosa cotidianamente. Para os moradores do bairro Parque de Exposição os discursos negativos contra o bairro são profundos, mas o desejo de permanecer em um lugar bom para viver é ainda maior e assim eles continuam a morar e a lutar pelo bairro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da História os grupos humanos buscaram sempre demarcar territórios em relação a outros povos, seja na disputa pelo espaço, seja por recursos naturais, ou ainda pelo desejo de domínio sobre o outro. Para demarcar esses territórios os homens, o marcavam simbolicamente, através de fronteiras, reais ou simbólicas. O surgimento das fronteiras emergiu juntamente com a ideia de inferiorização do outro, pois nada seria mais prático na subjugação do outro e de seu território do que torná-lo inferior. Esse processo de inferiorização do outro, a partir da demarcação de fronteiras, é concebido pelo historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007), como preconceito contra origem geográfica de lugar. E foi justamente esse preconceito que marcou (e ainda marca) a vida dos moradores do bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos, no estado do Piauí.

Contudo, esse preconceito resultou de um processo de estigmatização em torno do referido bairro. Esses antecedentes históricos nos ajudaram a compreender como se construíram e se disseminaram esses estigmas, pois cada história que é contada tem uma razão de ser. Assim, compartilhamos do pensamento do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007), quando afirma que:

Muitos dos nossos preconceitos, muitas das nossas formas de caracterizar os outros, de ver os habitantes de dados lugares e países, foram pensados e produzidos em outro momento, em outro contexto histórico, motivado por situações diferentes das de hoje, mas que, no entanto, continuam se repetindo em opiniões, imagens e estereótipos, que não sabemos direito de onde vem e, o pior muitas vezes achando que aquilo que dizemos é uma realidade incontestável, naturalizando assim o que não é natural. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 19).

O presente trabalho mostrou que a estigmatização e marginalização imposta ao bairro Parque de Exposição não é algo natural, mas, uma construção histórica. Analisamos assim como surgiram e se fixaram os estigmas de pobreza e violência que assolam o bairro e seus moradores desde sua formação.

Vimos que o primeiro estigma que marcaria o bairro Parque de Exposição foi o estigma da pobreza. Esse foi resultado de sua própria formação. O bairro começou a se formar na década de 1980 a partir da doação de terrenos da prefeitura municipal para pessoas que de modo geral, não possuíam casa própria, ou possuíam apenas casebres em outros bairros. Iniciou-se assim a ideia de que os primeiros moradores eram pessoas, de modo geral, pobres e oriundas de bairros favelados da cidade de Picos.

Outro agravante para a construção desse estigma de pobreza, foi percebido a partir do projeto de Lei nº 1970 de 18 de dezembro de 1998 que autorizava o Poder Executivo a doar lotes de Terrenos do Patrimônio Municipal para os servidores municipais-garis da cidade de Picos. Ou seja, as 60 casas doadas para os garis dentro do bairro Parque de Exposição contribuíram para ampliar o olhar de preconceito contra o bairro. Isso ocorreu porque no Brasil somos herdeiros de um sistema escravocrata, no qual por muito tempo, o trabalho braçal foi menosprezado e atribuído a pessoas inferiores. Por consequência até hoje ainda existem preconceito a atividades como de garis, faxineiros, zeladores. Enfim, contra uma gama de serviços indispensáveis à população, mas que são pouco valorizados e mal remunerados. As casas doadas passaram a ser conhecidas como as “casinhas” e concebidas como o local mais pobre do bairro Parque de Exposição.

Além disso, outro fator contribuinte da fixação do estigma de pobreza do bairro foi seu lento processo de urbanização. Pois embora na década de 1980 outros bairros da cidade de Picos (como o bairro Centro, o bairro Boa Vista e o bairro São José e até mesmo outras cidades como Timon no Maranhão) apresentassem dificuldades semelhantes no seu desenvolvimento urbano (como a falta de um sistema de canalização de água, tendo seus moradores que buscar água em chafarizes, ou ainda a falta de luz elétrica e até mesmo a falta de saneamento básico e de calçamento das ruas) somente o bairro Parque de Exposição manteve por mais tempo essas dificuldades.

Essa infraestrutura urbana precária persiste até a atualidade (2015). Muitas ruas permanecem sem calçamento, o saneamento básico implantado em 2013 deixou muito a desejar a seus moradores e o transporte público ainda se mostra ineficiente neste local.

Em síntese, a formação do bairro e a precariedade na infraestrutura urbana contribuíram para a formação do estigma de pobreza que o caracteriza. Esses fatores também contribuíram para a formação de outro estigma, ainda mais intenso, o da *violência*.

O estigma da violência foi resultado da associação realizada no Brasil entre pobreza e criminalidade. O historiador Sidney Chalhoub (2001), nos ajudou a entender que ser pobre no Brasil, a partir do final do período imperial e início do período republicano, significava ser suspeito e sujeito à criminalidade. Isso ocorreu quando os antigos deputados do período republicano – preocupados com a recém-liberdade dos negros e em como manter essa população sobre a sujeição da elite brasileira – resolveram criar o crime da ociosidade para os pobres.

A ociosidade dos pobres foi vista como um vício. Portanto, um vicioso seria consequentemente um malfeitor, pois estaria mais propício ao crime para tentar sobreviver.

Essa lógica foi espalhada pelo Brasil e foi repassada pelos agentes de poder da época, pela mídia, pelos médicos, higienistas, engenheiros e políticos e também por meio de uma memória nacional que deixou essa herança para as futuras gerações. Assim, construiu-se a máxima que chega a nossos dias: as “classes pobres” do Brasil são vistas como as “classes perigosas”.

Dessa forma a maior parte da população do bairro Parque de Exposição (especialmente das “casinhas”), constituída por pessoas pobres, foi vista como as classes mais sujeitas a criminalidade e seu local de moradia como sendo extremamente perigoso dentro do cenário da cidade de Picos.

Contudo, acreditamos que esses foram os motivos iniciais para a construção desses estigmas. Mas salientamos que eles se fixaram no imaginário picoense somente a partir da década de 1990 e, especialmente nos anos 2000, quando os jornais “Vale do Guaribas”, “Folha de Picos” e o “Jornal de Picos”, expuseram de forma extensiva as mazelas e a violência a que os moradores do bairro supostamente estariam sujeitos.

Acreditamos que a intenção dos editores dos jornais era denunciar as mazelas e problemas estruturais do bairro para que o poder público resolvesse esses problemas. No entanto, do mesmo modo que ao tentar chamar atenção para o problema da seca no Nordeste, os intelectuais do final do século XIX contribuíram para a fixação da ideia de um Nordeste pobre e atrasado, a mídia da cidade de Picos contribuiu para a cristalização no imaginário social picoense do bairro Parque de Exposição como sendo favelado e violento.

Contudo, a partir de uma análise documental por meio de uma pesquisa em inquéritos policiais e boletins de ocorrência que perpassam mais de 20 anos da história do bairro, vislumbramos que ocorreram mais crimes no bairro Junco, do que no bairro Parque de Exposição. E esses crimes registrados eram, de modo geral, comuns à vida urbana, como os furtos. E ainda verificamos que o aumento do número de crimes ocorridos a partir da década de 2000 foi sentido igualmente em outros bairros da cidade de Picos, como o próprio bairro Junco.

Nesse sentido, percebemos que o estigma de violência que assolava (assola) o bairro é um estigma irreal, criado a partir da associação entre pobreza e violência no Brasil e que foi fixado no imaginário picoense especialmente por meio da indústria midiática que construiu um real midiático e expôs o bairro como um local violento. Esse estigma de violência foi também negado pelos entrevistados, que asseguram ser o bairro Parque de Exposição um local calmo desde seus começos, e que os períodos agitados fizeram parte de todo o cenário urbano picoense.

Além disso, percebemos a existência de espaços importantes para os moradores e para a cidade de Picos que existem dentro do bairro, como a Casa Aliança, o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), o Centro de Controle de Zoonoses (CCZ), e o Hospital Dia de Picos. Contudo, o que mais nos despertou atenção foi às sociabilidades pacíficas que existem no bairro desde seus começos, pois os entrevistados se consideram amigos, consideram o bairro uma extensão de suas casas e afirmam ainda amar viver no bairro Parque de Exposição,

Dessa forma, buscamos por meio dessa pesquisa demonstrar que o bairro Parque de Exposição apresentado pela população picoense é um lugar violento, perigoso e pobre. Contudo, o bairro Parque de Exposição vivido por seus moradores é um lugar tranquilo e acolhedor, com espaços riquíssimos para a cidade de Picos, e que apesar das dificuldades estruturais urbanas que ainda enfrenta, os mesmos continuam a viver e a gostar de viver e do qual não pretendem sair.

REFERÊNCIAS E FONTES

A) Bibliografia

ABRAMO, Perseu. **Padrões de Manipulação na Grande Imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

ALBUQUEQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica de lugar**: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007.

AUGÉ, Marc. O lugar antropológico. In: **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. -9. -ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.p.43-69.

BLOCH, Marc. **Apologia da História** ou ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORGES, João Carlos de Freitas; CAVALCANTE JÚNIOR, Idelmar Gomes. Construindo uma Identidade Indesejada: a cultura letrada e o malogro da piauiensidade. In: OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de; SOUZA, Ítalo Cristiano Silva e (orgs.). **Olhares de Clio**: cenários, sujeitos e experiências históricas. Teresina: EDUFPI, 2013. p. 111-125.

CALVINO, Ítalo. As Cidades e os Símbolos 1. In: **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.p.17-18.

CALVINO, Ítalo. As Cidades e a Memória 1. In: **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.p.14-15.

CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.169-191.

CERTEAU, Michel de; MAYOL, Pierre; GIARD, Luce. O bairro. In: **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.37-45.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na Corte Imperial. 1º reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral**: Possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

FREIRE, Neurivan de Brito; SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. Cotidiano e Cidades. Práticas cotidianas dos moradores do bairro Centro da cidade de Picos, estado do Piauí (década de1980). In: SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos (org.). **As Cidades de Clio**: abordagens históricas sobre o urbano. Teresina: EDUFPI, 2014. p. 57-69.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura**: História, Cidade e Trabalho. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MATOS, Ana Beatriz. **Os Picos do Belo Horizonte que eu vou alcançar!** História e Memória do Bairro Boa Vista na cidade de Picos-PI (década de 1980). Artigo produzido originalmente para a disciplina de Cidades e História ministrada pelo Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos, no período de 2014.2, na Universidade Federal do Piauí, Campus de Picos.

MOURA, Mariana Floracir de; SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. O bairro nossa casa fora de casa - práticas cotidianas dos moradores do bairro Junco, da cidade de Picos, estado do Piauí, na década de 1980. In: SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos (org.). **As Cidades de Clio: abordagens históricas sobre o urbano**. Teresina: EDUFPI, 2014. p. 15-35.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias. **Rev. Bras. Hist.**, v.27, n. 53 de Junho de 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 24 de abril de 2010.

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder**. Mnemosine Vol.6, nº2, p2-13 (2010).

ROLNIK, Raquel. Definindo a cidade. In: **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

RODRIGUES, Maria Francisca de Sousa; SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. Bairro, Cotidiano e Vivência: Práticas cotidianas dos moradores do bairro São José na cidade de Picos, estado do Piauí, na década de 1980. In: SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos (org.). **As Cidades de Clio: abordagens históricas sobre o urbano**. Teresina: EDUFPI, 2014. p. 37-55.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. Timon: uma cidade sob o reflexo do espelho. In: **História, memória e identidade na cidade de Timon na década de 1980**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Universidade Federal do Piauí. Teresina: UFPI, 2007. p.24-60.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

B) Fontes documentais:

Boletins de Ocorrência Policial do bairro Parque de Exposição da década de 2000 do 3º Distrito Policial de Picos. Central de Flagrantes de Picos. 2015.

Boletins de Ocorrência Policial do bairro Junco da década de 2000 do 3º Distrito Policial de Picos. Central de Flagrantes de Picos. 2015.

Lei Nº 1965 de 09 de Novembro de 1998. Organiza os limites geográficos dos bairros de Picos. Prefeitura municipal de Picos/Câmara de Vereadores de Picos. 2015.

Planta do Primeiro Loteamento de Terras do bairro Parque de Exposição. (s/d). Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal de Picos. 2015.

Planta do Segundo Loteamento de Terras do bairro Parque de Exposição, 1997. Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal de Picos. 2015.

Projeto de Lei 1970 de 18 de Dezembro de 1998. Autoriza o Poder Executivo a doar lotes de Terrenos do Patrimônio Municipal para os servidores municipais-garis. Prefeitura municipal de Picos/Câmara de Vereadores de Picos. 2015.

Inquéritos Policiais do bairro Junco da década de 1980 do 3º Distrito Policial de Picos-DPI. Central de Flagrantes de Picos. 2015.

Inquéritos Policiais do bairro Junco da década de 1990 do 3º Distrito Policial de Picos-DPI. Central de Flagrantes de Picos. 2015.

Inquéritos Policiais do bairro Parque de Exposição da década de 1990 do 3º Distrito Policial de Picos-DPI. Central de Flagrantes de Picos. 2015.

Título de aforamento Nº 3.205, 1989. Pertencente a depoente Maria Josefa Lacerda, 2015.

C) Fontes Hemerográficas

BORGES; RAQUEL; LEAL. Moradores da Exposição vivem abandono. **Jornal de Picos**, Picos, p.09, 09 de junho de 2000.

PARQUE de Exposição de Picos ganha melhorias. **Vale do Guaribas**, Picos, p.03, 14 a 28 de junho de 1996.

PARQUE de Exposição vive em abandono. **Jornal de Picos**, Picos, p. 01, 09 de junho de 2000.

POLÍCIA prende traficantes. **Vale do Guaribas**, Picos, p.07, 22 de novembro a 5 de dezembro de 1996.

PREFEITO promete mandar água para Boa Vista. **Voz de Picos**, Picos, 21 de março de 1983.

PREFEITURA Itinerante: Ruas do Parque de Exposição recebem melhorias (2015). **Prefeitura Municipal de Picos**. CCom/quinta-feira, 12 março, 2015. Disponível em <http://www.picos.pi.gov.br/rotativos/prefeitura-itinerante-ruas-do-parque-de-exposicao-recebem-melhorias>. Acesso em 20 mar. 2015.

TRUDA, Felipe. **Conviviam com meu filho, diz pai de jovem morto no RS sobre suspeitos**. G1.globo.com. Disponível em <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/08/conviviam-como-meu-filho-diz-pai-de-jovem-morto-no-rs-sobre-suspeitos.html>>. Acesso em 10 de setembro de 2015.

VIZINHO mata outro por causa do esgoto. **Folha de Picos**, Picos, p.10, 30 de janeiro de 2002.

D) Fontes orais

BEZERRA NETO, Ângela Maria de. **Entrevista concedida a Mariana Floracir de Moura.** Picos (PI), 16 de agosto de 2015.

COSTA, Marilene de Sousa. **Entrevista concedida a Mariana Floracir de Moura.** Picos (PI), 18 de agosto de 2015.

DAMACENO, Francisca Rosa. **Entrevista concedida a Mariana Floracir de Moura.** Picos (PI), 26 de fevereiro de 2015.

LACERDA, Maria Josefa. **Entrevista concedida a Mariana Floracir de Moura.** Picos (PI), 20 de fevereiro de 2015.

MARTINS, Agenor de Sousa. **Entrevista concedida a Mariana Floracir de Moura.** Picos (PI), 14 de agosto de 2015.

SILVA, Ducineide Bezerra da. **Entrevista concedida a Mariana Floracir de Moura.** Picos (PI), 26 de fevereiro de 2015.

SILVA, Maria Dulce Bezerra da. **Entrevista concedida a Mariana Floracir de Moura.** Picos (PI), 26 de fevereiro de 2015.

SILVA, Zacarias Mendes da. **Entrevista concedida a Mariana Floracir de Moura.** Picos (PI), 26 de fevereiro de 2015.

SOUSA, Leide Maria Dias de. **Entrevista concedida a Mariana Floracir de Moura.** Picos (PI), 24 de fevereiro de 2015.

TED RAP (Eduardo Pereira Lopes). **Entrevista concedida a Mariana Floracir de Moura.** Picos (PI), 24 de fevereiro de 2015.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

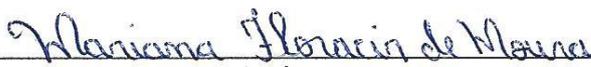
- Tese
 Dissertação
 Monografia
 Artigo

Eu, Mariana Floracir de Moura, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação:

MARGINALIDADE CONSTRUÍDA: A formação e estigmatização do Bairro Parque de Exposição na cidade de Picos de 1980 a 2010.

de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 18 de Maio de 2016.


Assinatura